

Fecundar um Movimento de Renovação

- 1. Feriado religioso que é celebrado cinquenta dias após a Páscoa, no qual os cristãos comemoram a vinda do Espírito Santo sobre os apóstolos.
- 2. Mensagem do Espírito Guillon Ribeiro, psicografada pelo médium Julio Cezar Grandi Ribeiro, publicada em o *Reformador*, em novembro 1976 e na obra *Palavra aos Espíritas*, lição 43 (FEB).
- 3. XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 1995. Fonte Viva. Rio de Janeiro: FEB. (p.98)
- 4. Idem (nota 2).





JUSSARA KORNGOLD SECRETÁRIA - GERAL DO CEI ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA

Em referência à época em que muitos celebram a Páscoa, consideramos importante salientar que, a nosso ver, estamos vivendo um novo Pentecostes1, onde as verdades do Cristo estão sendo mais amplamente espalhadas aos quatro cantos do mundo. As vozes estão ressoando por todo o planeta através do esforço de dedicados trabalhadores do bem que não se acomodaram ao verem as portas materiais de seus respectivos centros espíritas fecharem e abriram virtualmente salas de estudo e de apoio, através dos canais que a tecnologia, hoje, nos permite. Vemos assim uma era fértil no campo da difusão espírita, pela fala e pela escrita, convidando todos ao despertamento. A nova era assim o preconiza, é tempo de ouvirmos as palavras do apóstolo Paulo (Efésios 5:14), "Desperta tu que dormes!"

É assim que o Espiritismo, com seu poder moralizador, vem fecundar um movimento de renovação, inspirando-nos a modificarmos nossos pensamentos e nos convidando a acendermos em nós aspirações mais elevadas e a trabalharmos a terra da nossa alma.

Alinhado com esta proposta, o Espírito Guillon Ribeiro diz-nos: "O Espiritismo, acima de tudo, traz consigo a gloriosa missão de renovador do "eu", ensejando-nos abençoado afã de nossa redenção".²

Devemos, assim, alimentarmo-nos com novas ideias e novos propósitos, sempre mais nobres, a fim de consolidarmos novos hábitos e novos automatismos. O Criador "acende, no céu de nossos ideais, convicções novas e aspirações mais elevadas, a fim de que nosso espírito não se perca na viagem para a vida superior"³, e nos convida a aplicarmos tudo isto na consolidação de uma nova Terra, e trazer ao mundo a era de regeneração.

Para isto, lembremos o Cristo, que nos convida a sermos fiéis servidores da Seara do Pai.

"Nosso lema na atualidade é congregar, reunir para melhor servir a Jesus"

Sigamos juntos e unidos no ideal do Cristo!



Journal d'Études Psychologiques Fondée par ALLAN KARDEC le 1er janvier 1858 Propriedade do Conselho Espírita Internacional

Logo et Marque Européenne enregistrée à **L'EUIPO** (Office de L'Union Européenne pour la propriété intellectuelle)

® Trade mark 018291313

Marque française déposée à **L'INPI** (Institut National de la Propriété Intellectuelle) sur le numéro ® 093686835.



Editado por

Federação Espírita Portuguesa Praceta do Casal Cascais 4, r/c, Alto da Damaia, Lisboa

ISSN 2184-8068

Depósito Legal 403263/15

© copyright 2021

Ano 164

N_o3

CEI | Trimestral | abril 2021

Distribuição gratuita

Direção (CEI)

Jussara Korngold

Coordenação (FEP)

Vitor Mora Féria

Coordenação Editorial

Sílvia Almeida

Edição e revisão de texto

Cláudia Lucas

José Carlos Almeida

Web

Marcial Barros

Nuno Sequeira

Sandra Sequeira

Arte e design

Sara Barros

revuespirite@cei-spiritistcouncil.com www.<u>cei-spiritistcouncil.com</u>

Conteúdos

2	Editorial	Jussara Korngold
8	Espiritismo e Ciência	Arismar Léon Pereira
24	Espiritismo e Filosofia	André Peixinho
44	Espiritismo e Religião	Laudelino Risso
56	Revisitando a Revista	Raul Teixeira e Alessandro de Paula
66	Plano Histórico	Luciano Klein
83	Bossiê Páscoa - Zaqueu	Samuel Nunes
98	B Dossiê Páscoa - O Calvário	Aluízio Ferreira Elias
10	4 A Geração Nova	Cristiane Lenzi Beira
112	Palestras Familiares de Além-túmulo Hoje	Espírito Aura de Sousa
118	8 Espiritismo e Sociedade	Humberto Schubert Coelho
12	8 Entrevista	Suely Caldas Shubert
13	8 Comunicação Social Espírita	Ismael Moura Costa e André Siqueira
16	1 Correspondência	Francisco de Almeida



Equipa Revue Spirite

Como foi apresentado no número anterior desta publicação, para o Primeiro Ano da Revue elegemos DEUS como tema geral dos artigos de fundo. Para este tema foram depois escolhidos quatro subtemas, todos eles retirados da Codificação Espírita: Causa Primária; Inteligência Suprema; Eixo do Edifício Universal e. Providência. Sabedoria. Harmonia.

Como os estudantes e estudiosos da Doutrina Espírita certamente reconheceram, os dois primeiros subtítulos, chegam-nos através da definição de Deus oferecida pelos Espíritos, logo na primeira resposta alinhada na obra fundadora do Espiritismo - O Livro dos Espíritos.

O subtítulo do presente Número chega-nos através da obra A Génese, no ponto em que Allan Kardec se debruça sobre a Natureza Divina, começando por nos oferecer uma definição de Deus, passando a enunciar os atributos que não podem deixar de O caracterizar e rematando com a conclusão de que, nessa definição e nesses atributos, o Homem encontrará o eixo sobre o qual repousa o edificio universal - um farol capaz de o guiar com segurança na aventura da busca da verdade, qualquer que seja o domínio do pensamento humano a que se dedique.1

O Livro dos Espíritos é a primeira obra da Codificação, A Génese, a última. Entre uma e outra, encontramos a perfeita exposição de um pensamento brilhante, que evolui e se completa, a cada novo raciocínio elaborado, a cada novo conceito enunciado, a partir das informações recolhidas da Vida para além da vida. Um ciclo que se inicia e conclui, sem se encerrar.

Na sua continuidade, nos dias atuais, surgem, entre muitos outros, os redatores desta publicação, que nos ajudaram e ajudarão a pensar DEUS, conduzindo-nos neste ciclo - que igualmente se concluirá sem se fechar - até um pouco mais perto da verdade.

NOTA: Relembramos que optámos por manter a grafia e a construção sintáxica do país de origem dos autores. Assim, o leitor encontrará, nas páginas desta nova edição da Revue, artigos cuja redação obedece às normas do Português do Brasil e outros redigidos segundo as regras do Português de Portugal.

- 1. Cf. KARDEC, Allan. 1988. A Gênese. Rio de Janeiro: FEB. (Cap. II, item 19)
- 2. "Gravitar para a unidade divina. Eis o objetivo da humanidade." - PAULO, apóstolo. KARDEC. Allan. O Livro dos Espiritos, (perg. 1009).
- 3. Sandy Millar 'Bee', (2019). estudo de capa.
- 4. Jean Michel Garcia, 'Chou fleur Romanesco" (2020) - estudo de capa.
- 5. Helena Basílio, "Formas de vida/Ciclos de vida/Vida reformulada/Biodiversidade" (2021) - estudo de capa.
- 6. SB 'Eixo do edifício da criacão". (2021) a nossa escolha de capa para o número 3 de Revue Spirite
- 7. KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos, perg. 1009.

HISTÓRIA **DA CAPA**

Ao olhar detidamente a natureza, encontramos a geometria divina no desenho e na construção do mundo que nos rodeia; a perfeição, organizada em torno de um eixo criador, gerador de vida ininterrupta.

Das micro estruturas celulares às macro estruturas do Universo, existe sempre esse Eixo, que suporta peso, pressão, que distribui e equilibra em si mesmo, no seu cerne, que irradia e que se expande; que orienta e organiza...

O alcance da nossa compreensão, no plano em que nos encontramos, situados num quadrante determinado pela posição moral e espiritual que ocupamos, estabelece o nosso ponto de vista, fator determinante das nossas ações.

A experiência do olhar, do ver e do fruir, eleva a alma, e encaminha-a para o encontro da criatura com o Criador!

Para a capa deste número da Revue criamos uma interpretação da nossa "janela" para o Universo; uma tentativa de experiência estética do encontro com o supremo Belo, o encontro com Deus - eixo do edifício da criação, em torno do qual a humanidade gravita na direção da perfeição.2















Resumo

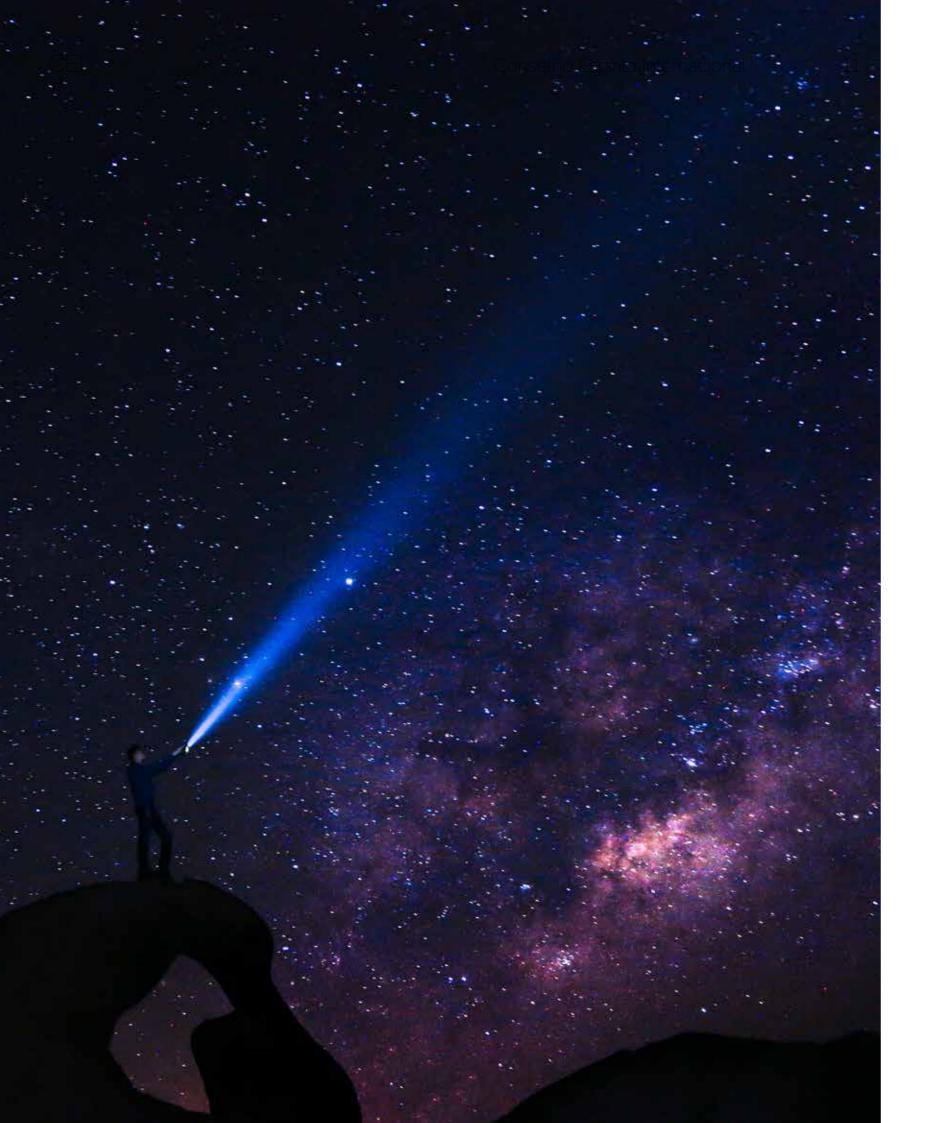
A religião, a ciência e a filosofia são caminhos na descoberta do desconhecido. A busca de um Criador, de uma primeira causa, nos fascina e desafia. A evolução da ciência nesta busca e o papel das religiões são complementares. O Espiritismo veio demonstrar a substancialidade do mundo espiritual e sua materialidade, e, portanto, o seu acesso aos estudos da ciência nos caminhos do seu desenvolvimento, contando com a participação de vários estudiosos em seus respectivos períodos. Ressalta-se a importância e o papel do observador na relação com o mundo que o cerca, suas descobertas e próprias criações quando da sua caminhada em direção ao Criador. É na nossa relação com o mundo – pessoas, coisas, ideias, que nos conhecemos, na percepção ativa e sem julgamentos, exigências ou explicações. É nesta percepção que conheceremos a nós mesmos, direcionando nosso correto pensar e sentir.

Palavras-chave Religião, Ciência, Busca, Espiritismo, Deus.



*Arismar Léon Pereira

Médico radiologista, coordenador do estudo das obras de André Luiz e facilitador do estudo d*O Livro dos Médiuns* da Federação Espírita Brasileira; presidente da Associação Médico-Espírita do Planalto (AME-Planalto) e colaborador do Departamento de Família da Associação Médico-Espírita do Brasil (AME-Brasil).



CO Essencial é invisível aos olhos.

Saint-Exupéry

A relação do Homem com o meio que o cerca envolve um misto de curiosidade, fascinação e temor ante a imensidão e o poder do desconhecido. Admiramos o que mais tememos e tememos o que mais admiramos. Nesta relação ambígua, buscamos a compreensão do que nos cerca, quem somos e de onde viemos. A religião, a ciência e a filosofia são caminhos complementares que percorremos nesta busca. Em uma análise superficial, podemos ser conduzidos à visão de que a religião e a ciência, dois grandes sistemas do pensamento humano, são discordantes e incongruentes, inconciliáveis em suas apresentações. Mas, em um estudo mais aprofundado, somos direcionados a algo que os une intricadamente: a premissa de que vivemos em um universo com sua origem no passado remoto. O problema da primeira causa na filosofia nos é apresentado. Como surgiu o Universo? Para muitas religiões, este Universo teve sua origem a partir da inten-

cionalidade manifesta de uma inteligência, uma supraconsciência, Divindade ou Deus. Para a ciência, este elemento pode ser representado por um conjunto de circunstâncias ou condições, não necessariamente intencionais e autoconscien-

Mas existe um questionamento central a ser considerado nesta busca, por todas as linhas onde engendramos o pensamento humano: poderíamos compreender a primeira causa, nossa realidade, tudo o que nos cerca, utilizando de nossa consciência e sentidos, mesmo que ampliados pelos instrumentos que criamos? Os amigos espirituais nos dizem que isto não é possível, pois falta-nos o sentido (Kardec 2013, 57) que advem da completa depuração do Espírito (Kardec

2013, 51). Seria possível medir o infinito com uma réqua? Como peixes em um aquário, sabemos de realidades maiores e que estão lá fora, mas não temos como compreendê--las, pois o essencial nos escapa aos olhos. A ciência e a fé são, de certa forma, como janelas que se abrem para o invisível e para o desconhecido, nos conduzindo para além da capacidade limitada da percepção de nossos sentidos.

Neste ponto, adentramos num campo crucial e que costuma ser discordante no diálogo entre a fé e a ciência. Este mundo invisível, que nos é apresentado, pertenceria ao mundo natural ou sobrenatural? Visto que cabe à ciência o estudo do mundo natural, não há nesta o espaço para o sobrenatural ou o maravilhoso. E é aqui, diferentemente do que vemos para outros pensamentos religiosos - caminhos da fé -, que surge uma estreita ponte entre a Doutrina Espírita e a ciência. Para esta como para aquela, o mundo invisível faz parte do mundo natural e o amplia, é substancializado, materializado, embora constituído de uma materialidade que, na maioria das condições, nos escapa aos sentidos e instrumentos.

Kardec nos apresenta muito bem esta visão ampliada da realidade quando nos diz que "expulso do domínio da materialidade, pela ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, onde encontrou o seu último refúgio. Demonstrando que o elemento espiritual é uma das forças vivas da natureza, força que incessantemente atua em concorrência com a força material, o Espiritismo faz que voltem ao rol dos efeitos naturais os que dele haviam saído, porque, como os outros, também tais efeitos se acham sujeitos a leis. Se for expulso da espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres." (Kardec 2013, 232)

Ao desmistificá-lo, o Espiritismo coloca o mundo espiritual ao alcance dos estudos e do progresso da ciência. É através de seus estudos que a ciência am-

plia nossa visão do invisível, adentrando em direção ao desconhecido e expandindo o mundo natural. Em algumas ocasiões, esta expansão é considerável e evidente, dilatando nossa compreensão do essencial, das leis naturais e por conseguinte, nos aproximando da criação e de Deus.

Como, por exemplo, em 1610, quando da publicação de Sidereus Nuncius, por Galileu Galilei (1564-1642), transpondo-nos as fronteiras de um mundo geocêntrico para o heliocêntrico, grandioso e incomensurável, com suas diversas nebulosas; ou, quando em 1687, Newton (1643-1727) publica o seu

Princípios Matemáticos da Filosofia Natural e nos

expande, com sua nova matemática e lei gra-

vitacional, a compreensão do mundo natural; ou, ainda, Darwin (1809-1882), em 1859, com a Origem das Espécies, demonstrando a seleção natural e o progresso das espécies em seu campo material; e o que dizer da Teoria Geral da Relatividade de Einstein (1879-1955) publicada em 1916 que revolucionou a nossa visão do Universo e suas leis? Mas tão importante como estes marcos que expandiram nosso mundo natural, podemos citar o trabalho advindo do processo experimental conduzido

Léon Denizard Rivail, em abril de 1857, quando do lançamento da obra intitulada O Livro dos Espíritos. A partir deste instante, ocorre uma incomensurável expansão do mundo natural e suas leis. O plano metafísico, antes limitado

pelo professor Hippolyte

em seus estudos pelos dogmatismos, ilações pessoais e fantasias, dentro do reino do sobrenatural e fora do escopo da ciência, passa a ser real, "palpável" e substancializado, com

suas leis próprias, dentro das leis naturais, incluindo suas leis de relação com o mundo material visível e suas leis morais irrevogáveis, que vão ao encontro dos grandes mestres espirituais da Humanidade e ao encontro dos ensinamentos de Jesus. Desta forma, o Espiritismo amplia o campo de estudos da ciên-

cia, como nos diz Kardec: "O materialismo pode por aí ver que o Espiritismo, longe de temer as descobertas da Ciência e o seu

Foto com 3:15 horas de exposição.



Photo by Hal Guillermo Ferla on Unsplash (Galáxia do Sombrero) Foto com 2:20 horas de exposição. positivismo, lhe vai ao encontro e os provoca, por possuir a certeza de que o princípio espiritual, que tem existência própria, em nada pode com elas sofrer." (Kardec 2013, 180)

Interessante ressaltarmos que, ao seguir os postulados do positivismo lógico, de se ocupar com o estudo da matéria, sua constituição, interação e transformação, ou seja, aquilo que pode ser verificado, medido e observado, a ciência se defronta com o paradoxo de sair do mundo material e mensurável para mergulhar com seus estudos e pesquisas na parte desconhecida e "imaterial" do Universo.

Este movimento inicia-se no século XVII, com a instauração da ciência moderna experimental por Galileu Galilei e é continua-do com a lei de gravitação de Newton, resultando em uma visão mecânica e previsível dos elementos da natureza. O Universo era como uma máquina gigante, assentada em uma estrutura de espaço e tempo absolutos, onde tudo funcionava dentro de uma certeza calculável. Nada era incerto, tudo era simplesmente consequência de uma causa prévia: o chamado Determinismo.

Mas esta visão mecanicista e determinista do Universo começa a dar indício de suas mudanças no início do século XVIII. Para o filósofo e matemático Leibniz (1646-1716), o conceito de força sofre uma transformação radical de significado, passando de um modelo mecanicista de operação, vigente até então, para um princípio de atividade vital. Para ele, a força era inerente à matéria e representava a sua natureza mais profunda; não era algo que atuava em um corpo para mudar seu movimento, mas algo que o corpo possuía, a vis viva.

A ideia da vis viva foi importante mais tarde nos estudos da tem-

peratura e do calor dos corpos, que através das pesquisas de um médico, Julius Mayer (1812-1878), permitem que se chegue ao conceito de energia, uma manifestação desta "força", que se apresenta de várias formas reversíveis e permutáveis: queda e movimento, calor, magnetismo e eletricidade. (Mayer 1984, 85-95)

A visão da interação mecanicista e determinística dos elementos materiais, sua previsibilidade no espaço e no tempo, com suas forças e velocidades, vai caminhando para uma forma de interação à distância das estruturas, atuando e alterando o espaço ao seu redor, com os conceitos de energia, calor, eletricidade e magnetismo. O estudo da luz, com seu comportamento dualista, simultâneo de onda e partícula, revela novos conceitos sobre os elementos materiais e, o estudo do eletromagnetismo, por sua vez, levou ao desenvolvimento de algo mais abstrato na ciência, o conceito de campo, até então desconhecido, possibilitando o salto do conhecimento com o desenvolvimento tecnológico na utilização das ondas de rádio, transportando energia e informação a distâncias inimagináveis.

Nas entranhas dos elementos químicos, Marie Curie (1867-1934) e seu esposo Pierre Curie (1859-1906), demonstram, no século XIX, a "transmutação" da matéria em radiações, as partículas alfa, beta e os raios gama, evidenciando a instabilidade de alguns elementos materiais.

A partir do século XX, até nossos dias, vimos o desenvolvimento de poderosos instrumentos que potencializaram a capacidade e a extensão dos sentidos humanos, tanto para a observação do micro quanto do macro universo, acentuando nossa epopeia, a viagem em direção ao Universo desconhecido e cada vez mais "imaterial".

O absolutismo, as certezas e o determinismo dos séculos passados deixam de existir. Tempo, espaço e matéria não são mais o que eram.

Fica a certeza de que pouco sabemos de nossa morada maior, o Universo.

Antevendo os avanços cada vez maiores da ciência e sabendo de sua insaciável capacidade de explorar o desconhecido, Kardec irá nos dizer: "O Espiritismo e a Ciência se completam reciprocamente; a Ciência, sem o Espiritismo, se acha na impossibilidade de explicar certos fenômenos só pelas leis da matéria; ao Espiritismo, sem a Ciência, faltariam apoio e controle. O estudo das leis da matéria tinha que preceder o da espiritualidade, porque a matéria é que primeiro fere os sentidos. Se o Espiritismo tivesse vindo antes das descobertas científicas, teria abortado, como tudo quanto surge antes do tempo." (Kardec 2013, 23)

Vejamos, com alguns exemplos, como nossos amigos do plano espiritual antecederam em mais de um século, algumas destas conquistas atuais da ciência.

Com respeito à matéria, observemos a resposta dada à questão elaborada por Kardec:

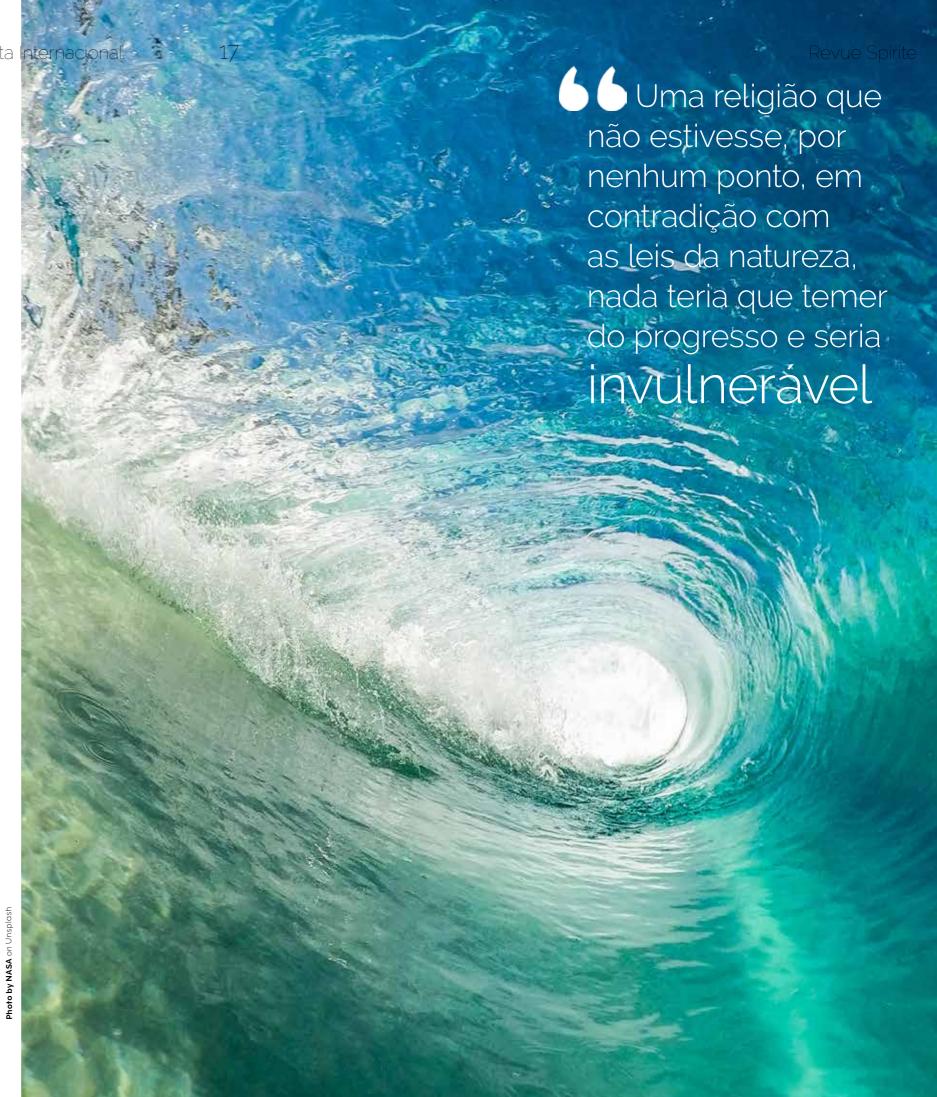
"A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?"

"Da matéria como a entendeis, sim; não, porém, da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e sutil que constitui esse fluido vos é imponderável. Nem por isso, entretanto, deixa de ser o princípio da vossa matéria pesada." (Kardec 2013, 64)

Sabemos hoje, que cada um de nós está sendo atingido por um trilhão de neutrinos – partículas que vêm do coração do Sol e viajam quase na velocidade da luz – por segundo. Essas partículas são praticamente imponderáveis e atravessam quase tudo; poderiam passar por uma coluna maciça de concreto, cuja espessura fosse da nossa galáxia à galáxia mais próxima, Andrômeda, sem serem detectadas, e por isso são chamadas de partículas fantasmas.

Uma das teorias mais famosas, a da relatividade, de Einstein, nos mostra que há uma passagem maior do tempo para um observador em movimento, quando comparada à passagem do tempo para um observador em repouso, ambos em relação a um evento comum, mostrando que o tempo não é algo absoluto, mas sim relativo, e pode ser "esticado", dependendo da velocidade relativa entre dois observadores. Esta propriedade intrínseca da natureza já foi por diversas vezes comprovada em experimentos, como por exemplo, quando comparados os relógios atômicos de altíssima precisão, colocados em aviões, com os mesmos relógios no solo. Para os relógios colocados nos aviões, o tempo passa mais devagar! (Júnior 2012)

Atente-se ao interessante diálogo de Kardec com um Espírito evocado, o pai de Georges, um farmacêutico em uma cidade do Sul da França, no qual o Espírito comunicante relata, de



forma evidente, a relatividade do tempo (Kardec 2004, 46):

Kardec: "(...) Que sensação experimentastes quando deixastes vosso invólucro corporal?"

Espírito: "(...) Perturbação".

Kardec: "(...) Quanto tempo durou esta perturbação?"

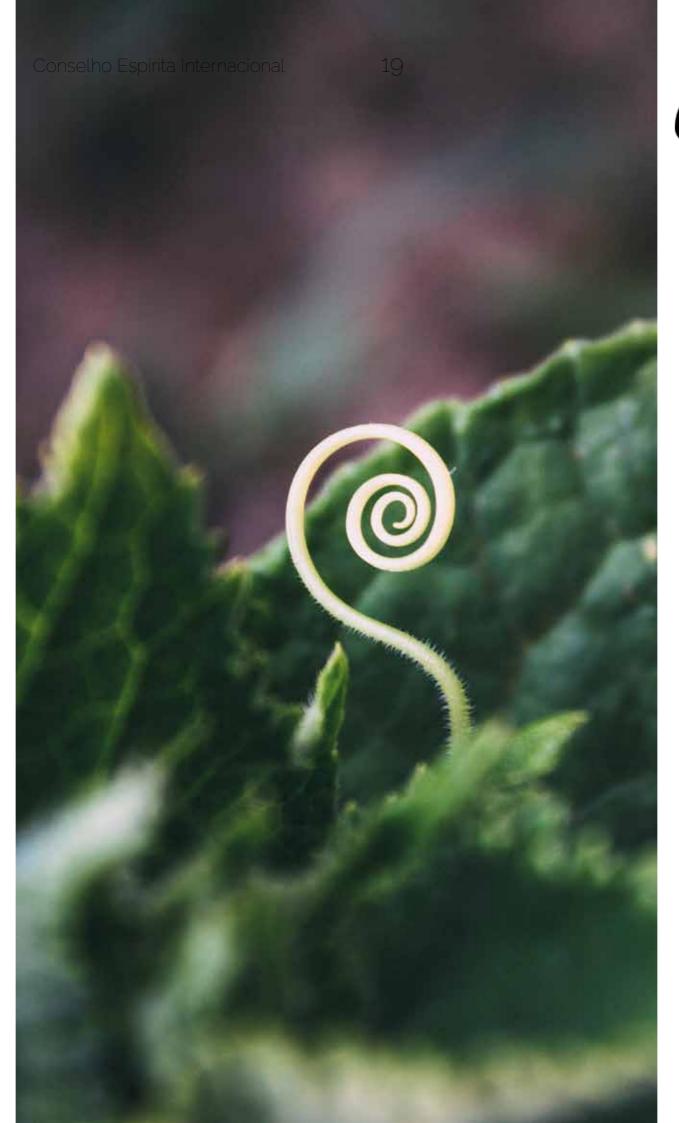
Espírito: "(...) Pouco para mim; bastante para ti".

Kardec: "(...) Podeis avaliar a duração dessa perturbação conforme nossa maneira de contar?"

Espírito: "(...) Dez anos para ti, dez minutos para mim".

O último exemplo que daremos surgiu de avanços recentes, nas últimas duas décadas, e diz respeito ao surgimento do universo material ou bariônico. Estas pesquisas ocorrem em um campo específico da física quântica, denominada Cromodinâmica Quântica (QCD - Quantum ChromoDynamics). Na física de partículas, sabe-se que mais de 99% da massa do Universo visível (bariônico) é formado por prótons e nêutrons, e que cada próton e cada nêutron é composto de três subpartículas chamadas quarks, que se ligam entre si por partículas subatômicas chamadas glúons, que funcionam à maneira de uma cola que mantém os quarks unidos. Os glúons são os responsáveis pela força nuclear forte no núcleo atômico. Ocorre que esses três quarks juntos e seus glúons respondem apenas por 1% da massa do próton ou nêutron. Então, onde estaria o restante da massa dessas partículas? Ou seja, onde estaria o restante da matéria existente?

Os cientistas descobriram que o imenso "vazio" que compõe todas as estruturas atômicas, o núcleo e sua eletrosfera, ou seja, tudo que nos cerca, é preenchido por uma energia imaterial, na realidade formado por pares de matéria e antimatéria, que sofrem flutuações e que pela equação da equi-



66 forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo

valência entre energia e massa (E=m. c²) formam, durante estas flutuações, partículas com uma vida muito curta, da ordem de 1 segundo dividido por 1, seguido de 43 zeros, tempo este tão pequeno, que torna estas partículas praticamente inobserváveis, exceto por seus efeitos indiretos. Este "vazio", energético e imaterial, que, na realidade, é formado por estas partículas virtuais citadas, é chamado de vácuo quântico, que com suas flutuações energéticas, representa os 99% da massa restante da matéria. Portanto, o que chamamos de vácuo, ou seja, o completo vazio, não existe na nature-

A existência ou não do vácuo foi muito debatida no século XIX. Mas prestemos atenção à resposta obtida em O Livro dos Espíritos, no momento em que tal assunto era calorosamente discutido naquele período:

"O vácuo absoluto existe em alguma parte no Espaço universal?"

"Não, não há o vácuo. O que te parece vazio está ocupado por matéria que te Ferla on Unsplash, (2018) escapa aos sentidos e aos instrumen- Andromeda with DSLR from tos." (Kardec 2013, 66)

high ground in CO

a ciência chegue de surpresa às terras do inimaginado mundo espiritual, com todo o seu esplendor, com suas belezas inenarráveis Interessante também as características do vácuo quântico acima descrito, que está presente em absolutamente todo o Universo, permeando e preenchendo tudo o que existe, desde as estruturas subatômicas aos espaços intergalácticos. Observemos a semelhança neste ponto com o que é descrito como Fluido Cósmico Universal pelos amigos espirituais:

"Há um fluido etéreo que enche o espaço e penetra os corpos. Esse fluido é o éter ou matéria cósmica primitiva, geradora do mundo e dos seres. São-lhe inerentes as forças que presidiram às metamorfoses da matéria, as leis imutáveis e necessárias que regem o mundo." (Kardec 2013, 97)

Ressaltamos a segurança que Kardec depositava nos pressupostos apresentados pelos amigos espirituais, por saber que estes estavam em melhores condições de verem o todo e de compreenderem melhor o quadro geral do Universo:

"Somente as religiões estacionárias podem temer as descobertas da Ciência, as quais só são funestas às que se deixam distanciar pelas ideias progressistas, imobilizando-se no absolutismo de suas crenças. Elas, em geral, fazem tão mesquinha ideia da Divindade, que não compreendem que assimilar as leis da natureza, que a Ciência revela, é glorificar a Deus em suas obras. Na sua cegueira, porém, essas religiões preferem render homenagem ao Espírito do mal, atribuindo-lhe essas leis. Uma religião que não estivesse, por nenhum ponto, em contradição com as leis da natureza, nada teria que temer do progresso e seria invulnerável." (Kardec 2013, 79)

Todos estes conhecimentos adquiridos relativamente à nossa casa, a Terra, e do imenso caminho pelo qual viajamos, o Universo, bem como aqueles que virão nos próximos séculos e milênios; a compreensão dos desconhecidos que ainda desconhecemos, adentrando mares nunca antes navegados, seguramente permitirão que a ciência chegue de surpresa às terras do inimaginado mundo espiritual, com todo o seu esplendor, com suas belezas inenarráveis. Certamente, quando assim o fizerem, a ciência e seus homens defenderão estas terras com toda a força e devotamento, mais do que todos os homens das religiões e crenças já existentes, no campo da fé, o fizeram.

Mas será este o nosso objetivo final? Nossa missão seria apenas a de nos deslumbrarmos com as belezas cada vez mais indescritíveis das paisagens e nos deleitarmos com as vivências desfrutadas enquanto em nossa caminhada? Haveria alguma finalidade nisto tudo? E o viajor, não importa?

Conseguiríamos, assim, adentrar os segredos da primeira causa, do Criador, da Divindade, de Deus ou como designarmos, e acolhidos em sua intimidade, compreendê-lo?

Imagine um livro em suas mãos, belo, encantador e, porque não dizer, mágico, tamanho o seu encanto. Imagine agora que, você, como uma criança deslumbrada, se debruçasse sobre este livro, e se esmerasse em conhecer todos os seus detalhes: sua

Photo by Hal Guillermo Ferla

on Unsplash, 'Bright Center Star Cluster' on Unsplash M51 através do telescópio FL de 127 mm / 952 mm para 9:55 de exposição tota de 8600 'em CO. altura, largura, o material utilizado em suas folhas, as árvores de onde estas vieram, a quantidade de páginas. Você foi muito além, e descobriu nos mínimos detalhes as características do pigmento com o qual foram feitos os símbolos que você decifrou dentro deste livro e por você nomeados de letras. Você vai mais longe ainda, descobre, por fórmulas quase secretas e indecifráveis, como estes símbolos se organizam entre si, as distâncias e inclinações que guardam uns dos outros formando palavras e estas, agrupadas, formando linhas. Por fim, você mede e descobre quantas linhas cabem em cada página, a distância entre elas e os espaçamentos das margens.

Seria isto suficiente para compreendermos o livro? E mais: chegaríamos com isto ao conhecimento de que este livro teve um escritor e que poderíamos, desta forma, compreendê--lo? Ou, como já nos foi dito, ainda nos faltaria o sentido. E que sentido é este? O que nos falta?

Precisamos aprender a ler!

Na cidade egípcia de Luxor, no templo homônimo, em uma das colunas de seu átrio externo, está grifado o aforismo que posteriormente foi utilizado pelos sábios gregos: "O corpo é a casa de Deus." È por isso que se diz: "Homem, conhece a ti mesmo." (De Lubicz, Lamy e Har-Bak 1954)

Não seria este o sentido que nos falta? O conhecimento de nós mesmos? E não é dentro de nós que encontraríamos o escritor deste maravilhoso livro da vida? Assim já nos assinalava o Mestre Galileu: "O Pai está em mim, e Eu estou no Pai." (Dias 2013, 431)

E, talvez, por conhecer a incredulidade de seus queridos irmãos e por tanto os amar, tenha repetido para que não fique qualquer dúvida:

"Não crês que Eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que Eu vos digo não as digo em minha própria

autoridade; mas o Pai, que habita em mim, realiza as suas obras." (Dias 2013, 446).

É na nossa relação com o mundo - pessoas, coisas, ideias -, que nos conhecemos. Na percepção ativa e sem julgamentos, exigências ou explicações desta relação. E, assim, propiciando-nos o correto pensar e sentir, conheceremos a nós mesmos, seguindo ao encontro do Criador, que nos aguarda em Sua infinita paciência e benevolência, em nosso cerne e essência. E, quando estivermos avançados na leitura do livro aberto da vida, descobriremos, fascinados, que o mesmo não tem fim; escrevemos e estamos a escrever vários de seus capítulos, e que sem estes, o livro estaria incompleto.

Boa leitura, boa escrita querido amigo.

Bibliografia

DE LUBICZ, Isha S., Lucie Lamy e Her--Bak. 1954. The living face of Ancient Egypt. Londres: Hodder and Stoughton.

DIAS, Haroldo Dutra (Tradutor). 2013. O novo testamento. Brasília: FEB.

JÚNIOR, Osvaldo P. 2012. Experimentos relativísticos 2: paradoxo dos gêmeos em aviões. Filosofia da Ciência. Fonte: http://opessoa.fflch.usp.br/sites/opessoa.fflch.usp.br/files/TR-Exp-2-Avioes. pdf. Acessado em 01/01/2021.

KARDEC, Allan. 2013. A Gênese. Brasília:

KARDEC, Allan. 2013. O Livro dos Espíritos. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2004. "Uma Conversão". Revista Espírita. Brasília: FEB. (Ano II, N. 13, Janeiro 1858): 45-48.

MAYER, Julius R. 1984. "Observações sobre as forças da natureza inanimada". Cadernos de História e Filosofia da Ciência, 6: 85-95.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. 2016. O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir.



Conselho Espírita Internacional

Revue Spirite

Le Kardec a Denis

Uma abordagem filosófica sobre

Deus

ANDRÉ **LUIZ PEIXINHO***

Espiritismo 8 Filosofia



*André Luiz Peixinho Atual diretor-presidente da Federação Espírita do Estado da Bahia (FFFB). Brasil.

Resumo

O presente artigo propõe-se descrever o desenvolvimento da ideia de Deus, desde os primeiros escritos de Allan Kardec, até às publicações de Léon Denis, dentro do contexto de influências da filosofia tradicional e contemporânea no Espiritismo nascente. Revela o discurso de Denis como um aprofundamento filosófico do ideário kardequiano, mormente no que tange à questão do sagrado. A partir disto e da análise de outros pensadores, esboça-se uma metodologia do acesso pessoal a Deus, via percepção direta. Neste contexto de reanálise epistemológica, o artigo conclui propondo uma autoavaliação do Movimento Espírita, após mais de 150 anos dos escritos de Kardec e 100 anos das publicações de Denis, no que tange aos modos de produção do saber espírita quanto ao método, indagando em que medida temos prosseguido, enquanto comunidade, na realização do ambicioso projeto de reintegração das esferas culturais.

Palavras-chave Deus, evidências filosóficas, epistemologia, gnoseologia, esferas culturais.

66 Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam perfeitos na unidade



bases interexistenciais. Essas considerações levam-nos à compreensão de que o estudo pleno de alguns temas pode ser realizado utilizando metodologias das diferentes esferas culturais. Por exemplo, a reencarnação pode ser estudada em investigações científicas, como fez Albert de Rochas, publicando As Vidas Sucessivas (2002); em indagações filosóficas, como encontramos no capítulo Pluralidade das Existências, de O Livro dos Espíritos; nas percepções palingenésicas reveladas e descritas por Léon Denis em O Grande Enigma (2014); nas narrativas poéticas do Parnaso do Além Túmulo (Xavier 1994); e ainda contar com as contribuições mediúnicas de inúmeros relatos romanceados, como em Há Dois Mil Anos (2013c), sequenciado em 50 Anos Depois (2013b), escritos por Emmanuel através do médium Chico Xavier. Este modo de construção do conhecimento é muito mais rico que qualquer produção do saber decorrente de uma única esfera cultural.

século XIX, permite-nos afirmar, em linquagem contemporânea, que o Espiritismo, epistemologicamente, é um paradigma ou cosmovisão que pretende superar a doutrina materialista, até aqui adotada como válida em praticamente todos os ar-

Esta conduta original na construção do sa-

raiais do conhecimento.

É compreensível que cada objeto de estudo, por suas características e pela capacidade investigativa no estágio humano, possa estar melhor posto, preferencialmente, em alguma esfera cultural. É o caso de Deus. As contribuições científicas, neste caso, ainda são indiretas, pelo estudo do Universo, e de pouca relevância no conjunto.



Photo by Hilman Luthf Unsplash

1. A natureza do conhecimento espírita e sua metodologia de produção na obra de Kardec

Desde os primórdios do Espiritismo, Allan Kardec propôs a aliança da ciência com a religião, ao tempo que publicava o texto genético do Espiritismo - O Livro dos Espíritos - apresentando-o como uma filosofia espiritualista. E ainda fez incursões na interpretação da arte e trabalhou com Espíritos¹ que, quando encarnados, a ela se dedicavam. Esta maneira de proceder torna-o pioneiro da reintegração das esferas culturais que se haviam diferenciado na Modernidade e se distanciado de tal forma que se tornaram concorrentes; e a ciência tornou-se hegemônica no século XIX.

O projeto de constituição do saber espírita da obra de Kardec envolvendo as esferas culturais - ciência, filosofia, religião e arte -, interligadas, e a constante presença de conceitos que se contrapõem ao materia-

1. Seguindo o que se depreende do uso especial que Allan Kardec faz da grafia da inicial da palavra (cotejem-se por exemplo a questão 23 e a nota à questão 76 de O Livro dos Espíritos (Kardec 2013a)), grafa--se agui - exceto nas citações diretas - o vocábulo espírito com "e" minúsculo, significando o princípio inteligente universal, e com "E" maiúsculo, designando os seres espirituais individualizados.





Em nossa história recente no Ocidente é a Filosofia que mais se ocupa do tema, na maioria das vezes integrada na Religião. Não é pois estranhável que Kardec e os Espíritos, para viabilizar o conhecimento espírita, servindose dos meios de sua época, dessem ênfase a esta esfera cultural, em especial, na busca de respostas para o magno problema filosófico: Deus.

Um estudo das correntes filosóficas mostra-nos que não há concordância entre elas quanto ao seu método de investigação. A maioria delas serve-se da faculdade da razão como requisito básico na execução deste empreendimento. Mas a própria razão se tornou objeto de estudo e surgiram diferentes entendimentos sobre a sua capacidade de produzir conhecimento válido. Os antecessores de Kardec, filósofos como Descartes, Kant, Leibniz, atribuíram-lhe diferentes importâncias e funções; mas Pascal e os filósofos românticos preferiram as "razões do coração", os sentimentos, le esprit de finesse. E sucessores, como Bergson, adotaram a intuição como faculdade por excelência para as pesquisas filosóficas.

Do estudo dos textos chamados de Codificação Espírita, todos editados por Allan Kardec, podemos constatar em linguagem contemporânea, (...) o Espiritismo, epistemologicamente, é um paradigma ou cosmovisão que pretende superar a doutrina materialista

algumas características epistemológicas. Por exemplo, na definição do que é o Espiritismo, há inicialmente uma clara escolha para a opção positivista, empírica, experimental e, portanto, científica. Nada melhor sintetiza esta opção que a frase: "O Espiritismo é a ciência que estuda a origem, a natureza e o destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal". (Kardec 2011, 61)

Mas nesta escolha Kardec faz uma distinção relativa às manifestações inteligentes e seu conteúdo cultural; esta é consagrada como a parte filosófica do Espiritismo e de suma importância para o esclarecimento do destino humano. Daí resulta a publicação de *O Livro dos Espíritos*, com designação no frontispício de *Filosofia Espiritualista*.

Podemos perceber que se trata de uma filosofia baseada na razão, que é erigida como navalha de Occam² em relação às vivências da fé, o que foi celebrizado com o aforismo: "Fé verdadeira é aquela que é capaz de enfrentar a razão face a face em todas as épocas da Humanidade." (Kardec 2015, 256)

Como *razão* é palavra polissêmica, podemos indagar a que significado Kardec se refere. Segundo Souza (2003,



2. Princípio de economia do método científico, utilizado como critério para avaliar a qualidade de teorias científicas, que consiste em escolher a mais simples ao decidir entre duas ou mais formulações teóricas.



110-111), "existem três significados básicos: a) é a faculdade do homem que o diferencia dos animais, capacidade de autorreflexão, de pensar a si mesmo; b) é equivalente a fundamento, isto é, a faculdade de explicar por que a coisa é de certo modo, e não de outro; c) é como um dizer (logos)."

E aduz este estudioso:

"Pelo que se pode deduzir do quanto expõe nas passagens indicadas de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e de *Obras Póstumas*, Kardec emprega o termo *razão* como princípio de explicação das realidades, a maneira lógica de pensar os fatos, de descobrir as relações de causa e efeito."

Este conceito lembra a noção utilizada por Leibniz, definida como razão suficiente, que pode ser partejada no estudo de *O Livro dos Espíritos*. Eis um exemplo desse uso da razão, como explicita Souza:

"Os três argumentos que derivam da razão suficiente foram recepcionados nO Livro dos Espíritos: a) a existência de algo além do nada, porque há uma superioridade do ser sobre o não-ser (nota ao n° 35); b) inexistência de vácuo no Universo, porquanto é impossível explicar por que haveria partes ocupadas e outras não (n° 36); c) a matéria não pode ser apenas extensão, porque não haveria como justificar pudesse

ela concentrar-se mais num lugar do que em outro (n° 22). (Souza 2003, 211)

Em síntese, entendemos que Kardec quis uma fé apoiada nos fatos (empirismo) e na lógica (racionalismo), o que resulta numa fé testável em seus resultados, livre de dogmas, de absolutismos religiosos, de formas exteriores hegemônicas em relação ao sentido íntimo, de orientações para aceitação cega que gera o fanatismo. Estas são necessidades básicas para resgatar o papel da religião no concerto cultural, abalado no seu prestígio pela crítica dos iluministas, pela onda materialista filosófica e pelo cientificismo emergente

Desta introdução podemos inferir:

Que o Espiritismo enquanto saber é uma Cosmovisão, um paradigma universalista que inclui e transcende o materialismo e reintegra as esferas culturais;

Que alguns objetos de estudo estão mais identificados com determinadas esferas culturais, como Deus e a Filosofia;

Que Kardec serviu-se da razão - em especial, da razão suficiente - para validar o saber espírita;

Que Kardec entendeu também como fonte de saber a revelação divina permitida pela fé.

66 Espiritismo enquanto saber é uma Cosmovisão, um paradigma universalista que inclui e transcende o materialismo e reintegra as esferas culturais



Photo by Johannes Plenio Unsplash

2. A existência de Deus, seus atributos, sua relação com a Criação segundo a Codificação Espírita

2.1. As evidências filosóficas da existência de Deus

O Livro dos Espíritos, em sua pergunta inicial, indaga *que é Deus*. Pela redação da indagação infere-se que é possível conceber Deus diferentemente das conceituações antropomórficas.

A resposta exarada serve-se de um pressuposto do empreendimento científico: o princípio da causalidade, um construto da razão. Todo efeito tem uma causa e todo efeito inteligente tem uma causa inteligente. Obviamente que para não procurar a causa da causa num processo infinito é necessário admitir a existência da Causa Incausada, original, que se autoexplique e não dependa de mais nada.

Esta resposta da revelação espírita não é original. A argumentação filosófica, de Aristóteles a Tomás de Aquino, considerou vários argumentos sobre a existência de Deus; este último pensador, na sua síntese aristotélico-tomista, referenciou-se em cinco expressões lógicas favoráveis à existência de Deus, a saber: Primeiro Motor Imóvel, Causa Primeira não Causada, Ser Necessário, Ser Perfeitíssimo e Inteligência Ordenadora (Sciacca 1967).

A última via, Inteligência Ordenadora, também aparece nas provas da existência de Deus, em *O Livro dos Espíritos*, como se pode concluir da assertiva: "A harmonia existente no mecanismo do Universo patenteia combinações e designios determinados, e por isso mesmo, revela um poder inteligente" (Kardec 2013a, 57).

Também o reconhecimento de que Deus está presente nas crenças de todos os povos é apresentado como argumento de prova da existência de Deus (Kardec 2013a, 56).

Indagado se Deus é um ser distinto ou uma resultante de todas as forças e todas as inteligências do Universo reunidas, os Espíritos afirmam claramente a natureza distinta de Deus, sendo contrários às concepções panteístas, que acreditavam ser Deus a própria Natu-

reza ou o Cosmos em sua totalidade e infinitude. E complementa Kardec: "A inteligência de Deus se revela em suas obras como a de um pintor no seu quadro; mas, as obras de Deus não são o próprio Deus, como o quadro não é o pintor que o concebeu e executou." (Kardec 2013a, 60).

E mesmo integrando a primeira ordem na escala espírita, os Espíritos puros não se confundem com Deus: "Eles (os Espíritos puros) são os mensageiros e os ministros de Deus, cujas ordens executam para a manutenção da harmonia universal." (Kardec 2013a, 98).

2.2. Os atributos de Deus

Os Espíritos na Codificação afirmam que ainda não podemos conhecer a natureza íntima de Deus, pois não desenvolvemos o sentido ou faculdade necessária, que só aparecerá por meio da completa depuração. Chamam a atenção para não nos perdermos em questões insolúveis, momentaneamente, pois mais proveitoso seria que nos dedicássemos ao nosso aprimoramento com as informações existentes, a fim de alcançarmos melhores condições de percepção de Deus.

Com esses conhecimentos e utilizando-se da razão, pode-se deduzir o que Ele deve ser por contraste com o que Ele absolutamente não deve ser.

Assim, em *O Livro dos Espíritos* (Kardec 2013a, 58), e *A Gênese* (Kardec 2013, 52), sobre os atributos de Deus, define Allan Kardec:

Deus é a suprema e soberana inteligência.

Deus é eterno.

Deus é imutável.

Deus é imaterial.

Deus é onipotente.

Deus é soberanamente justo e bom.

Deus é infinitamente perfeito.

Deus é único.

Para chegar a este elenco de atributos, ele trabalha com a impossibilidade de não ser. Assim, por exemplo, Deus não pode ser mutável, pois nenhuma estabilidade teriam as leis do Universo. E acrescente-se que Ele mudaria do que é, para o que ainda não é e, portanto, não estaria perfeito.



Photo by Alan Labisch on Unsplash

Ainda segundo Kardec, estes atributos se constituem uma medida rigorosa da verdade de uma teoria, crença ou prática. Basta entrar em contradição com qualquer dos atributos divinos ou diminuí-los para estar afastado da verdade última. Daí porque: "Em Filosofia, em psicologia, em moral, em religião, só há de verdadeiro o que não se afaste, nem um til, das qualidades essenciais da divindade." (Kardec 1985, 55).

2.3. A relação de Deus com a Criação

Aproveitando-se de uma comunicação espiritual de Quinemant, de 1867, publicada em *A Gênese* (Kardec 1985, 57), Allan Kardec admite que Deus está em toda parte, na Natureza... Todos os elementos da criação se acham em relação constante com Ele... como se a criação estivesse, a natureza inteira, mergulhada no fluido divino.

E explicita:

"Achamo-nos então, constantemente, em presença da Divindade; nenhuma das nossas ações podemos subtrair ao olhar; o nosso pensamento está em contato ininterrupto com o seu pensamento, havendo pois razão para dizer-se que Deus vê os mais profundos refolhos do nosso coração. **Estamos nele, como ele está em nós,** segundo a palavra do Cristo." (Kardec 1985, 56)

2.4. A relação homem—Deus

Na relação com o homem, Deus é por este reconhecido por um sentimento inato, à semelhança do que ocorre com Sua existência; e a percepção da superioridade de Deus frente à criação faz o homem sentir-se em adoração; a mais evoluída é aquela que passa pelas portas do coração. E a prece é reconhecida como um ato de adoração; através dela poderemos louvar, pedir e agradecer.

Em que pese a prece não mudar as leis de Deus e reconhecer-se que Ele conhece as nossas necessidades, ela atua nos eventos decorrentes do livre-arbítrio que não são deterministas e podem ser alterados sem transgressão das leis eternas; ademais, o ato de orar modifica o padrão psíquico daquele que ora, permitindo-lhe acessar

regiões espirituais mais elevadas e entidades que o inspiram, o que faculta melhor enxergar as situações e a tomada de decisões.

Deste conjunto de informações, podemos concluir que Kardec, ao tempo que trabalhou com elementos culturais de sua época, tais como a pesquisa empírica e o uso da razão, não se limitou a repetir o existente; se, por um lado, trouxe de volta antigas ilações filosóficas, valida-as, por outro lado, a partir da escuta interexistencial seletiva, escolhendo informantes espirituais que demonstrassem sabedoria e, em conjunto, essencialmente trouxessem o mesmo conteúdo. É evidente que a escolha da razão como suprema instância de definição da verdade cria contornos ou fronteiras que não devem ser ultrapassadas. Assim, a partir de um método racional, a apresentação da ideia de Deus será feita em termos de inteligência suprema e não, por exemplo, como sentimento máximo ou beleza infinita.

66 razão como princípio de explicação das realidades, a maneira lógica de pensar os fatos, de descobrir as relações de causa e efeito

3. Denis, a religação dos saberes e a expansão da metodologia do conhecimento sobre Deus

Considerado sucessor de Kardec por grande parte dos espíritas da sua época e da atualidade, Léon Denis, que conheceu na juventude o mestre lionês, afirma segui-lo, como asseverou em seu livro, *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*:

"Por isso nos propomos adotar aqui os termos, as vistas e os métodos de que se serviu Allan Kardec, como sendo os mais seguros, reservando-nos a acrescentar ao nosso trabalho todos os desenvolvimentos que resultaram das investigações e experiências feitas nos cinquenta anos decorridos desde o aparecimento da sua obra." (Denis 1989, 42).

Observe-se que ele enuncia a possibilidade de progresso do pensamento espírita, aliás previsto por Kardec, sem que se alterem os fundamentos e as ideias estruturantes. E já anuncia aquilo que nos parece ser sua visão de futuro:

"Dia virá em que todos os pequenos sistemas, acanhados e envelhecidos, fundir-se-ão numa vasta síntese, abrangendo todos os reinos da ideia. Ciências, filosofias, religiões, divididas hoje, reunir-se-ão na luz e será então a vida, o esplendor do espírito, o reinado do **Conhecimento.**

Nesse acordo magnífico, as ciências fornecerão a precisão e o método na ordem dos fatos; as filosofias, o rigor

das suas deduções lógicas; a poesia, a irradiação das suas luzes e a magia das suas cores; a Religião juntar-lhes-á as qualidades do sentimento e a noção da estética elevada" (Denis 1989, 36).

Ora esta é uma aspiração que revela o interesse de Denis na continuidade do trabalho de religação dos saberes, na atualidade bastante procurada também nos ambientes materialistas. Concebe-se assim o Conhecimento que integra, sem hegemonia, os métodos e as fontes de saber, numa estrutura orgânica, que aproveita as diferentes contribuições das esferas culturais.

Vivendo em outra época, recebendo influências culturais diferentes e sendo guiado por Espíritos superiores que possuíam uma experiência pessoal específica, Denis, cumprindo o prometido, identificou outras possibilidades de apreensão do conhecimento: a intuição, o sentido íntimo e a contemplação. Conquanto faça análises racionais sobre o pensamento espírita e conviva com aprendizagens intelectuais interexistenciais, alarga as possibilidades da gnose espírita.

No âmbito dos estudos filosóficos, compartilha com o entendimento de seu contemporâneo Henri Bergson, sobre a impossibilidade de a inteligência, sozinha, compreender a vida e a evolução. Referindo-se à abordagem bergsoniana, afirma: "O que foi que ele [Bergson] fez? Colocou a intuição no lugar da inteligência, e este é um acontecimento da mais elevada importância na Psicologia." (Denis 2014, 65).

Quanto ao sentido íntimo, além de escolher a introspecção como o melhor método para encontrar verdades transcendentais, afirma: "É com os sentidos internos que o ser humano percebe os fatos e as verdades de ordem transcendental. (...) É esse sentido, profundo, desconhecido, inutilizado para a maior parte dos homens, que certos experimentadores designaram por consciência subliminal." (Denis 1989, 451).

Neste caso ele expande a tradição filosófica francesa que tende à observação interior em polo oposto ao empirismo inglês. E no século XIX, antes de Bergson, havia uma influência muito grande dos escritos de Maine de Biran e seu círculo, mais tarde popularizado no ecletismo de Victor Cousin (Sciacca 1967, 97).

Quanto à contemplação, Denis se faz mestre nesta atividade gnóstica e escreve belas páginas sobre a Natureza, principalmente quando pretende "estudar" Deus, lições enfeixadas no livro *O Grande Enigma*.

Na sua época, o evolucionismo, em várias formas de apresentação, já possuía raízes mais profundas na cultura geral. Ele se serviu desta ideia estruturante, presente em *O Livro dos Espíritos*, para mostrar que evoluímos nos métodos de percepção e em consequência nas ideias. Numa síntese magistral sobre a evolução da percepção de Deus, ele comenta:

"Considerado pelo prisma dos sentidos, Deus é múltiplo; todas as forças da natureza são deuses; assim nasceu o Politeísmo.

Visto pela inteligência, Deus é duplo: espírito e matéria; daí o Dualismo.





Denis, cumprindo o prometido, identificou outras possibilidades de apreensão do conhecimento: a intuição, o sentido íntimo e a contemplação

À Razão esclarecida Ele aparece triplo: alma, espírito e corpo. Esta concepção deu origem às religiões trinitárias da Índia e ao Cristianismo.

(...) compreendido pela intuição íntima... Deus é Uno e Absoluto. Nele se ligam os três princípios constitutivos do Universo para formarem uma Unidade Viva (...)." (Denis 2018, 103)

Em suma, o percebido depende do estágio evolutivo do sujeito cognoscente. E este também evolui no que tange às faculdades do conhecimento.

As provas da existência de Deus em função da ampliação das possibilidades gnósticas são de várias origens. Há nos escritos deste autor a aceitação do princípio da causalidade e inteligência ordenadora trazidas pelos Espíritos a Kardec como evidências de Deus; ele também retoma a ideia de Aristóteles

sobre a necessidade do primeiro motor imóvel. E acrescenta provas que decorrem do estudo das leis da Natureza, do princípio gerador das verdades morais que a consciência nos revela e da beleza ideal em que se inspiram todas as artes. Reconhece Denis que nestas buscas, no fundo de tudo, encontra-se a ideia de um Ser necessário, perfeito, superior fonte do Bem, do Belo, do Verdadeiro e da Justiça.

Constata-se assim uma expansão metodológica para encontrar as evidências filosóficas sobre Deus. Chama a atenção o encaixe do Belo no curso das buscas da Divina Presença. Em certo sentido há um resgate das grandes ideias platônicas e uma influência kantiana em sua descrição da consciência moral, colocando num contexto espírita, mais vasto, as contribuições destes predecessores.

3.1. Os Atributos de Deus

Percebe-se na obra de Denis a afirmação dos atributos de Deus da Codificação Espírita, em outra linguagem, literária, e com inclusões complementares. Por exemplo, aparece o amor como atributo divino. As frases a seguir, extraídas de *O Grande Enigma* (Denis 2014), podem dar uma ideia desta percepção:

"Deus, foco de inteligência e amor..." (p. 69);

"Orar é voltar-se para o ser eterno" (p. 69);

"Fonte de eterna justiça" (p. 57);

"Causa suprema leva tudo à ordem" (p. 57):

"Deus é soberano a tudo" (p. 49);

"Deus é o Espírito da Sabedoria, de Amor e de Vida, o Poder Infinito que governa o mundo" (p. 29);

"Sendo Deus a perfeição, não pode ser limitado" (p. 79).

3.2. Deus e a Criação

Em outra vestimenta literária, Denis (2018) reafirma a presença de Deus no mundo como Espírito criador e mantenedor e afirma:

"O eu do universo é Deus, lei viva, unidade suprema, depois da morte" (p. 309).

"Deus é infinito e não pode ser individualizado, isto é, separado do mundo, nem subsistir à parte" (p. 94).

"O ser supremo não existe fora do mundo porque este é a sua parte integrante e essencial" (p. 100).

"Deus está em nós ou pelo menos há em nós um reflexo dele" (p. 102).

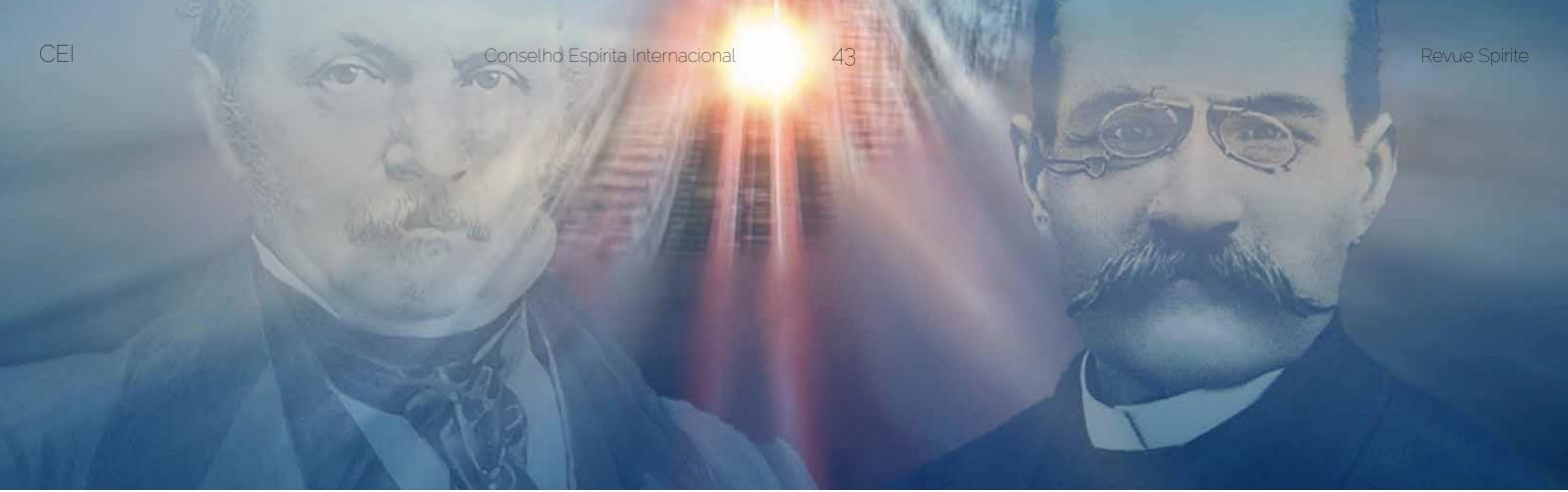
Deus está em relação com todos os seres" (p. 104).

Em O Grande Enigma, Denis assevera:

"Esse universo que Deus povoou de inteligências, a fim de que o conheçam e o amem, e cumpram sua Lei, ele o enche de sua presença, ilumina-o com sua luz, aquece-o com o seu amor." (Denis 2014, 34)

A relação entre Deus e a criação aparece inicialmente um pouco modificada em relação a Kardec. No comentário do Codificador à resposta dos Espíritos, há uma analogia entre o pintor e o quadro, caracterizando uma clara separatividade (Kardec 2013a, 60). Mais tarde considera que Deus está em toda a Natureza, a criação imersa num fluido divino (Kardec 1985, 60). Esta é uma compreensão mais próxima da noção de Deus como Alma ou Eu do Universo, de Denis, que também rejeita o panteísmo.

Em ambos os autores a prece é a forma de contato com Deus, praticamente idêntica em suas funções de louvor e pedido. Estendendo a prece ao trabalho criativo, diz Denis: "A vida do homem de bem é uma prece contínua, uma comunhão perpétua com seus semelhantes e com Deus." (...) "Trabalhar com sentimento elevado, visando a um fim útil e generoso é ainda orar" (Denis 2014, 35).



by S B, 'De Kardec a Denis', digital image, (2021)

4. Conclusões

A título de reflexões conclusivas devemos responder aos seguintes questionamentos:

O saber espírita progrediu conforme previa Kardec. É claro que os problemas e suas soluções são registrados conforme o tempo e a maturação dos povos. Assim, vale a pena indagar: mais de 150 anos depois dos escritos de Kardec e 100 anos das publicações de Denis, como estamos atualmente em termos de produção do saber quanto ao método; e em que medida prosseguimos na realização do ambicioso projeto de reintegração das esferas culturais.

Também merece nossa reflexão a importância que colocamos em Deus. Nossos autores epigrafados, inspirados por luminares do espírito, em linguagens diferentes, apontam para

o zênite da nossa evolução: a comunhão plena com Deus. Um belo estudo poderá ser efetivado observando, em nossa vida pessoal, a consciência que temos do Ser Supremo e sua reverberação em nossas cotidianas vivências.

Finalizando, recordamos que nós espíritas, que pretendemos reviver os ensinos do Evangelho como corolário da missão do Espiritismo, segundo Kardec e os Espíritos da Codificação, podemos lembrar, a título de estímulo à vivência da presença divina no mundo, a oração de Jesus, em benefício dos que nele crerem:

"Não rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de tua palavra, crerão em mim: a fim de que todos sejam um. Como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que me enviaste. Eu lhes dei a glória que me deste para que sejam perfeitos na unidade". (João, 17:20-23).

Agradecimento

A André Marcílio de Carvalho Azevedo, pela preciosa colaboração revisando o texto, minha gratidão perene.

Bibliografia

DENIS, Léon. 2018. *Depois da Morte*. Brasília: FEB.

DENIS, Léon. 2017. *O Futuro do Espiritismo*. Rio de Janeiro: CELD.

DENIS, Léon. 2014. *O Grande Enigma*. Brasília: FEB.

DENIS, Léon. 1989. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor.* Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2013. *A Gênese: os Milagres e as Predições segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2015. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2013a. *O Livro dos Espíritos*. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 2011. *O que é o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB. KARDEC, Allan. 1993. *Obras Póstumas*. [Tradução de Elias Barbosa].Araras--SP: IDE.

ROCHAS, Albert de. 2002. *As Vidas Sucessivas*. Bragança Paulista: Lachâtre.

SCIACCA, Michele F.. 1967. *História da Filosofia*. Vol II. São Paulo: Mestre Jou.

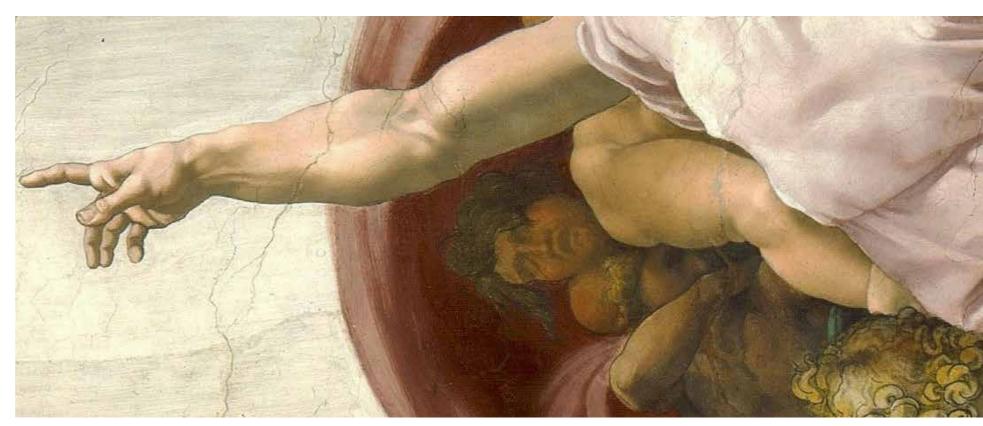
SOUZA, Elzio F. (Yogashririshnam, Espírito). 2003. *Divina Presença*. Salvador: Circulus.

XAVIER, Francisco C. (Diversos Autores, Espíritos). 1994. *Parnaso de Além-túmulo*. Rio de Janeiro: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2013b. *Cinquenta anos Depois.* Brasília: FEB.

XAVIER, Francisco C. (Emmanuel, Espírito). 2013c. *Há Dois Mil Anos*. Brasília: FEB.





Deus Princípio da Eternidade



*Laudelino Risso Fisioterapeuta, Osteopata, Formação em Medicina Mente e Corpo, Formação - Avaliação e tratamentos da dor: princípios e prática da medicina da dor. Especialista em terapia manual. Formação em Podoposturologia.





by Michelangelo, "The Creation of Adam", fresco details from Sistine Chapel ceiling (1508–1512)

Resumo

Nos primórdios da Humanidade a figura de um Deus ou de múltiplos deuses sempre esteve presente na história da criatura humana.

Crenças que formaram a fé, muitas vezes cristalizaram conhecimentos e conceitos que o avançar da ciência pôde quebrar em relação à ligação do homem com Deus, criado e formado para atender os desejos, necessidades aparentes e reais da própria criatura, como das instituições que afirmavam ser as representantes de Deus na Terra. Filósofos, cientistas e tantos outros, puderam ver suas teses e pesquisas ser rejeitadas por estarem em desarmonia com um importante conjunto de livros, qual seja a Bíblia, apresentando o Velho e o Novo Testamentos, diversas vezes modificados, conforme se estudou na história dos Concílios Ecumênicos. Estes mesmos homens, julgados e condenados, enfrentariam a morte caso não rejeitassem suas próprias teses que, segundo a Corte - considerada a voz de Deus na Terra, os condenava como hereges. As rupturas do domínio do Estado religioso, formavam grande número de niilistas e ateístas, mas nobres estudiosos começaram a iluminar as mentes através da razão, apresentando provas irrefutáveis da existência de Deus, mostrando-O como uma realidade.

Palavras-chave Deus, Espiritismo, Filósofos, Ciência, Fé.





numa visão da reprodução da espécie sem lógica e incapaz de sustentar o crivo da razão. Ao apresentar a evolução natural da espécie, chegou a ser considerado responsável pela morte de Deus, quando defendeu a ideia de que, nas leis naturais da evolução, a espécie se desenvolve.

Simultaneamente e em conjunto com Darwin, Alfred Russel Wallace apresenta suas concepções sobre a teoria da evolução. Citado inúmeras vezes por Charles Darwin em sua obra, Wallace tem a oportunidade de, através da sua teoria, iluminar mentes aprisionadas nas trevas da ignorância, pesquisando e escrevendo sobre o Espírito e sua imortalidade, apresentando-o como parte real e fundamental no raciocínio lógico da evolução da criatura, mas principalmente na concepção de um Deus justo e amoroso. Mais tarde, Wallace argumenta que: "a seleção natural não poderia justificar o gênio matemático, artístico ou musical, nem contemplações metafísicas, a razão ou o humor, e que algo no invisível universo do Espírito tinha intercedido pelo menos três vezes na

história: 1 - A criação da vida a partir da matéria inorgânica, 2 - A introdução da consciência nos animais superiores, 3 - A geração das faculdades no espírito humano." (Smith 1922, 159).

Em 1865, Alfred Wallace teve a oportunidade de investigar as mesas girantes, na mediunidade dos srs. Marshall, Cuppy, entre outros, afirmando mais tarde que as comunicações com Espíritos "são inteiramente comprovadas tão bem como quaisquer fatos que são provados em outras ciências". (Smith 1922, 131).

No ano de 1857, quando *O Livro dos Es- píritos* foi lançado na França, seu autor,
o professor Rivail, através do pseudônimo Allan Kardec, desconsiderando
Deus de forma antropossociopsicológica, questiona os Espíritos sobre "que
é" e não "quem é" Deus, demonstrando a magnitude de seu raciocínio nesta pergunta, possibilitando a clareza
da resposta que nos aproximou o entendimento de Deus, conforme lemos:
"Que é Deus? Deus é a inteligência
suprema, causa primária de todas as
coisas." (Kardec 2001, 51)

Incapazes de atualizarmos o pen-

samento de Kardec e dos Espíritos Superiores que contribuíram com a obra magistral de *O Livro dos Espíritos*, em que pese a limitação da linguagem e da moralidade da criatura humana, observamos na resposta à questão número 13 do referido livro, a compressão dos atributos da Divindade descritos pelo mestre lionês, permitindo-nos aproximarmo-nos ainda mais do entendimento do Criador.

"Quando dizemos que Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, onipotente, soberanamente justo e bom, temos ideia completa de seus atributos? Do vosso ponto de vista, sim, porque credes abranger tudo. Sabei, porém, que há coisas que estão acima da inteligência do homem mais inteligente, as quais a vossa linguagem, restrita às vossas ideias e sensações, não tem meios de exprimir. A razão, com efeito. vos diz que Deus deve possuir em grau supremo essas perfeições, porquanto, se uma lhe faltasse, ou não fosse infinita, já ele não seria superior a tudo, não seria, por conseguinte, Deus. Para estar acima de todas as coisas, Deus tem que se achar isento de qualquer vicissitude e de qualquer das imperfeições que a imaginação possa conceber.

Deus é eterno. Se tivesse tido princípio, teria saído do nada, ou, então, também teria sido criado, por um ser anterior. É assim que, de degrau em degrau, remontamos ao infinito e à eternidade.

É imutável. Se estivesse sujeito a mudanças, as leis que regem o Universo nenhuma estabilidade teriam.

É imaterial. Quer isto dizer que a sua natureza difere de tudo o que chamamos matéria. De outro modo, ele não seria imutável, porque estaria sujeito às transformações da matéria. É único. Se muitos deuses houvesse, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente. Ele o é, porque é único. Se não dispusesse do soberano poder, algo haveria mais poderoso ou tão poderoso quanto ele, que então não teria feito todas as coisas. As que não houvesse feito seriam obra de outro Deus.

É soberanamente justo e bom. A





* by Michelangelo, 'The Creation of Adam', fresco details from Sistine Chapel ceiling (1508–1512)

sabedoria providencial das leis divinas se revela, assim nas mais pequeninas coisas, como nas maiores, e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça nem da bondade de Deus.» (Kardec 2001, 54-55)

Apesar de reconhecer todos os atributos da Divindade como uma realidade, grande dificuldade encontra o Homem para entender o Eterno, explicação que encontramos na obra, *A Gênese*, em que o Espírito Quinemt nos facilita dizendo:

"O homem é um pequeno mundo do qual o diretor é o Espírito e do qual o princípio dirigido é o corpo. Neste Universo, o corpo representará uma criação da qual o Espírito será Deus. (Compreenda-se que não pode haver aqui senão uma questão de analogia e não de identidade). Os membros deste corpo, os diferentes órgãos que o compõem, seus músculos, seus nervos, suas articulações, são igualmente individualidades materiais, se podemos dizer, localizadas em um lugar especial do corpo; bem que o número destas partes constitutivas tão variáveis e tão diferentes da natureza, seja considerável, não está entretanto duvidoso para ninguém que não possa se mostrar com movimentos, que uma impressão qualquer não possa ter lugar em um lugar particular, sem que o Espírito disso tenha consciência. Haverá sensações diversas em vários lugares simultâneos?

O Espírito os experimenta a todos, os discerne, os analisa, assinala a cada um sua causa e seu lugar de ação.

Um fenômeno análogo tem lugar entre a Criação e Deus. Deus está em todo lugar da natureza, como o Espírito o está no corpo; todos os elementos da criação estão em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano estão em contato imediato com o ser espiritual; não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam da mesma maneira, em um e outro caso.

Um membro se agita: o Espírito o sente; uma criatura percebe cada manifestação, distingue-as e as localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas, se agitam, pensam, agem diversamente, e Deus sabe de tudo o que se passa, assinala em cada um o que lhe seja particular.

Pode-se deduzir igualmente a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres de um mundo entre eles, a de todos os mundos e, enfim, as das criações e do Criador". (Kardec 2013, 57-58)

Na intimidade de cada ser, existe a procura de Deus, a necessidade de encontrá-Lo, senti-Lo e percebê-Lo. Neste

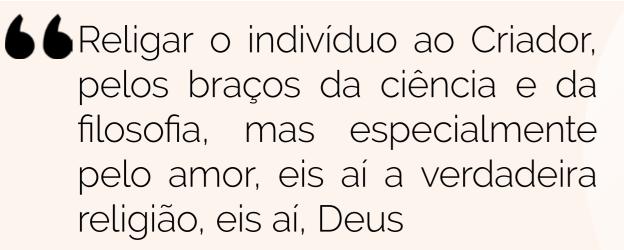
sentido de propósitos, numa obra de arte considerada de alta relevância para a Humanidade que encontramos no teto da capela Sistina, *A criação de* Adão*, de autoria de Michelângelo, podemos observar que as mãos (do homem e de Deus) se aproximam, mas todavia não se encontram, trazendo--nos uma importante reflexão. A imagem nos sugere uma profunda análise da nossa própria existência. Verificamos que a figura de Deus encontra-se projetada com toda a extensão corporal para encontrar Adão que, por sua vez, mantém-se em postura relaxada, com corpo, punhos e dedos semi-fletidos. Os dedos se aproximam muito e quase se tocam, indicando que, para o Homem encontrar e sentir Deus, basta o movimento simples de uma falange dos dedos. No entanto, o esforço deve partir da criatura e não do Criador.

No século XVII, o Iluminismo nascente projetou luz em abismos trevosos da ignorância, rompendo laços da Igreja dominante que mantinha o controle do Estado, da ciência e da consciência daqueles que depositavam sua fé em Deus, e que, para terem qualquer vínculo com a Entidade Divina, deveriam seguir rigorosamente as regras impostas e tão incompreendidas.

Voltaire nos apresenta que, "Deus existe como a coisa mais verossímil

que os homens podem pensar e a proposição contrária como uma das mais absurdas. Existo, portanto alguma coisa existe. Se existe algo, existiu desde toda a eternidade, pois aquilo que é, ou é por si mesmo ou recebeu seu ser de outro. Se é por si mesmo, é necessariamente, sempre foi necessariamente e é Deus. Não acredito no deus que os homens criaram, mas no Deus que criou os homens." (Voltaire 1978, 278)

Nas lutas científicas, de Copérnico a Galileu Galilei, o enfrentamento dos cientistas e filósofos ao domínio religioso ganhou combustível quando, Friedrich Nietsche, no livro A Gaia e a Ciência apresentou: "Deus está morto! Deus permanece morto! E quem o matou fomos nós!" (Nietsche 1882, 137). O filósofo pessimista apresenta uma ruptura que os grandes estudiosos defendiam através do deísmo. entender Deus pela razão, a liberdade de pensamentos, e da ciência, nos ideais de romper com o Estado religioso, controlador das ciências em bases filosóficas repletas de dogmas, rituais e uma fé desprovida de razão. Tal ruptura aconteceu em relação à religião dominante. Com os grilhões rompidos, permitiu à ciência avançar em suas múltiplas descobertas, sem a necessidade do aval do Estado, ou



melhor dizendo, da religião dominante

Na academia contemporânea, percebemos ainda os reflexos dessa opressão vivenciada por tantos anos. Especialidades que estudam a alma, como a psicologia, a psiquiatria, entre outros ramos da árvore científica, como a física e a química, apresentam com timidez o termo "Deus" ou "psiguismo Divino", não compreendendo que a antiga ciência se libertou do Estado religioso dominador que impunha a ideia de um Deus vingativo e castrador, para subjugar a Humanidade, mas que a ideia defendida por muitos pensadores e filósofos a respeito da nossa ligação com o Divino, com o Criador, com Deus, permanece intacta.

Percebemos, atualmente, que a universalidade dos ensinamentos, cada dia mais preenche as lacunas da falta de compreensão. Que termos como espiritualidade, religiosidade, sentimento de gratidão, compaixão, transcendência ganham força e entendimento, assim como aplicabilidade terapêutica, devido à sua eficácia cientificamente comprovada.

Na obra *O gene de Deus*, de autoria do geneticista e cientista da Faculdade de Medicina de Harvard, Dr. Dean Hamer, verificamos que a maior capacidade do indivíduo transcender está ligada à herança genética, podendo ser desenvolvida também através do processo do autodescobrimento.

Nos resultados de suas pesquisas, o cientista apresentou a descoberta de um gene nominado VMAT2, de ordem numérica 33050, presente no cromossomo 10, que todas as vezes em que ativamente transcendemos a matéria e nos vinculamos à obra divina, como a Natureza, servico na solidariedade, caridade, entre outros, produz quatro monoaminas cerebrais, sendo que a normalidade de produção é no máximo duas. Entre estas monoaminas, estão presentes hormônios essenciais para uma vida orgânica em harmonia (dopamina, serotonina, ocitocina, etc). Desconsiderar a realidade divina, é julgar um efeito sem considerar a Causa. Na academia como na vida, a presença de Deus é realidade. A ciência espírita nos fornece ferramentas para construção de base segura para compreensão da Sua realidade. Religar o indivíduo ao Criador, pelos braços da ciência e da filosofia, mas especialmente pelo amor, eis aí a verdadeira religião, eis aí, Deus.



Bibliografia

A BÍBLIA. 2008. [Tradução de João Ferreira Almeida]. Rio de Janeiro: King Cross Publicações.

BODIER, Paul e Henri Regnauld. 2001. *Gabriel Delanne, Sua Vida, seu apostolado e sua obra*. Rio de Janeiro: Editora CELD.

HAMMER, Dean. 2005. *O gêne de Deus*. São Paulo: Editora Mercúrio.

HAWKING, Stephen e Leonard Mlodinov. 2011. O grande projeto: novas respostas para as questões definitivas da vida. [Tradução Mônica Gagliotti Fortunato Friaça]. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca.

KARDEC, Allan. 2013. *A Gênese.* [Tradução Guillon Ribeiro]. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan. 1999. Instruções Práticas sobre as manifestações espíritas. [Tradução Júlio Abreu Filho]. São Paulo: Editora Pensamento.

Disponivel em

http://www.autoresespiritasclassicos.com/Allan%20Kardec/Allan%20Kardec%20Instrucoes%20Praticas/Allan%20Kardec%20-%20Instru%C3%A7%C3%B5es%20Pr%C3%A1ticas%20Sobre%20as%20Manifesta%C3%A7%C3%B5es%20Esp%C3%ADritas%20-%20Ano%201858.pdf [consultado em 16/07/2020].

KARDEC, Allan, 2001. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. 2004. *Revista Espírita, Jornal de estudos psicológicos*. [Tradução Evandro Bezerra Noleto]. Brasília: FEB. (Ano IX, Maio de 1866).

NIETSCHE, Fiedrich. 1882. A Gaia e a Ciência. [Tradução Antonio Carlos Bragal. Disponível em https://www.netmundi.org/home/wp-content/uploads/2017/05/Nietzsche-Friedrich-A-gaia-ciencia.pdf. [consultado em 12/05/2020].

SMITH, Charles H. 1992. Alfred Russel Wallace on Spiritualism, Man & Evolution: Analytical Essay. Torrington. Disponível em https://people.wku.edu/charles.smith/essays/ARWPAMPH.htm [consultado em 25/04/2020].

VOLTAIRE. 1978. *Tratado de Metafísica 2.* São Paulo: Editora São Paulo.

JOSÉ RAUL TEIXEIRA* & ALESSANDRO VIANA VIEIRA DE PAULA**

Revisitando



Dportunas ao Movimento Espírita



*Alessandro Viana Vieira de Paula ninga-SP (Brasil)



*José Raul Teixeira - Educador, orador e médium, cofundador da Sociedade Espírita Fraternidade (Niterói) Integrante do Cen- e da obra de Assistência Social Espírita "Remanso Fraterno". Mestre e Doutor em Educação e licenciado em Kardec, de Itapeti- Física pela Universidade Federal Fluminense de onde é, atualmente, professor aposentado.



Revista Espírita, enquanto mantida por Allan Kardec, de janeiro de 1858 a abril de 1869, possui uma diversidade de assuntos doutrinários divididos em artigos, mensagens espirituais, discursos etc., que revelam a grandiosidade do nobre Codificador, merecendo destaque a atualidade dos temas tratados.

Neste artigo que se propõe a revisitar a *Revista Espírita*, bem como diante das dificuldades e desafios ainda vigentes no Movimento Espírita e nas Casas Espíritas, mostra-se oportuno trazer à baila um dos notáveis discursos de Allan Kardec, proferido quando a Sociedade Parisiense de Estudos

Espíritas completava o primeiro ano de existência, tendo sido publicado na edição de julho de 1859.

Logo no início, Kardec diz que constituiu a sociedade porque o grupo de pessoas, que se reuniam em saraus íntimos em sua casa, foi aumentando, havendo necessidade de imprimir aos trabalhos uma "direção metódica e uniforme". (Kardec, s.d., 187)

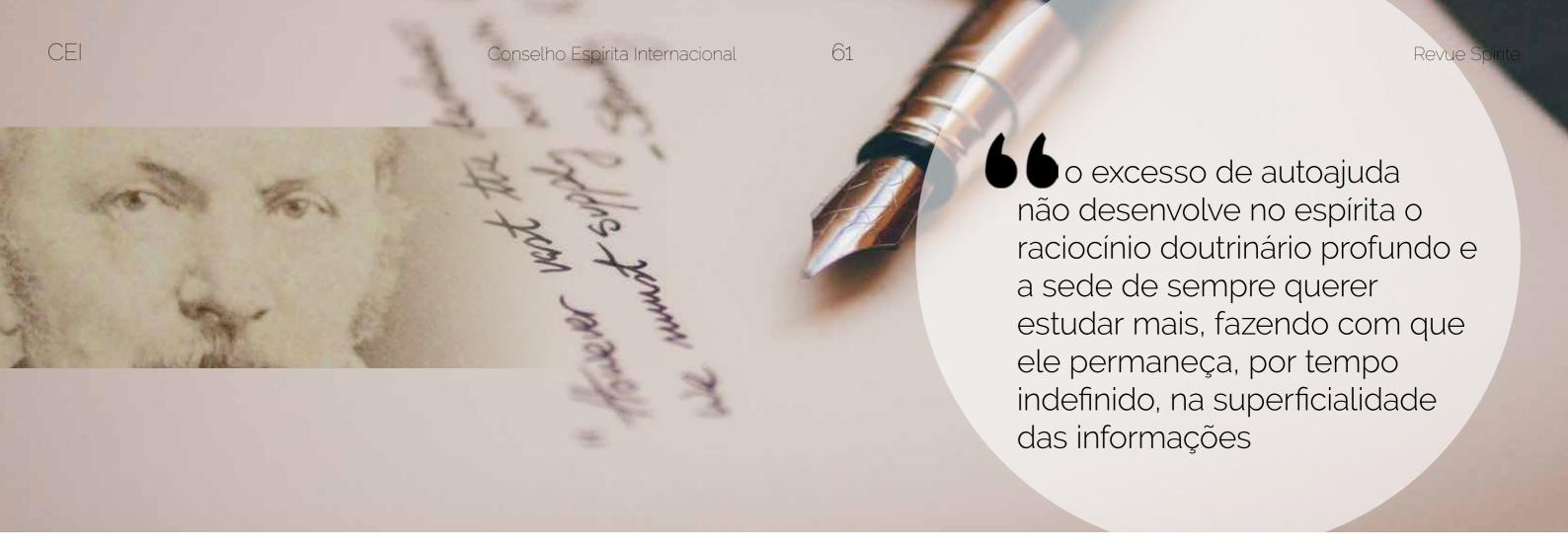
Assim, percebe-se que a Casa Espírita deve ter uma diretoria que pense de forma semelhante e se estruture em métodos doutrinários, que são sugeridos pelas direções municipais, regionais, estaduais ou nacional, esperando-se que estas estejam alicerçadas nas linhas de pensamento de Allan Kardec e de Jesus.

Bem se vê que uma Casa Espírita onde a diretoria está dividida em grupos, com ideais doutrinários diversos, estará fadada ao insucesso, à desunião e à obsessão, comprometendo, não raro, a qualidade e a seriedade daquilo que é ofertado no núcleo religioso (estudos, reuniões mediúnicas, atendimento fraterno, passes etc.).

Diante das divergências na diretoria, espera-se o respeito e o diálogo fraternal, que propiciará o amadurecimento dos membros e dos trabalhadores, facultando-se que se obtenha

um consenso com fidelidade às diretrizes do Espiritismo, sem achismos e pontos de vista pessoais.

Nessa linha de raciocínio, no mesmo discurso, mais adiante, Allan Kardec assevera que: "A comunhão de pensamentos e de sentimentos para o bem é, assim, uma condição de primeira necessidade e não é possível encontrá-la num meio heterogêneo, onde tivessem acesso as paixões inferiores como o orgulho, a inveja e o ciúme, as quais sempre se revelam pela malevolência e pela acrimônia de linguagem, por mais espesso que seja o véu com que se procure cobri-las. [...]". (Kardec, s.d., 196)



Allan Kardec também afirma que a Sociedade foi composta para fins de estudo e de pesquisas.

Esse apontamento parece óbvio, todavia, temos notado que o Movimento Espírita ainda é composto por muitos indivíduos que não gostam de estudar e sequer leram as cinco obras do pentateuco de Kardec.

A falta de estudo sério dá margem ao surgimento de ideias e teses que não encontram respaldo nas bases da doutrina, tudo isto a fomentar mais divisões, discussões e aturdimento, que compromete o crescimento saudável e homogêneo dos grupos e das Casas Espíritas.

Verifica-se, na atualidade, uma enxurrada de obras ditas mediúnicas, cujos conteúdos, de parte delas, são de má qualidade e com alguns desvios doutrinários. Outro ponto crucial que tem gerado um estado de alerta é a crescente e exagerada abordagem de temáticas de autoajuda nas palestras, nos estudos e em livros.

Claro que as lições de autoajuda que estão alicerçadas na reforma íntima e nos bons sentimentos são bem-vindas, mas o que preocupa é o excesso em detrimento dos estudos e das reflexões doutrinárias que poderiam estar mais conectados com Allan Kardec e com obras subsidiárias de reconhecida qualidade e fidelidade.

Percebe-se que enquanto houver menos estudos de questões eminentemente doutrinárias, mais carente de conhecimento fica o Movimento Espírita, que, por consequência, se fragiliza, ficando mais propenso a divisões e contendas.

Ademais, o excesso de autoajuda não

desenvolve no espírita o raciocínio doutrinário profundo e a sede de sempre querer estudar mais, fazendo com que ele permaneça, por tempo indefinido, na superficialidade das informações, portanto, mais suscetível de equívocos doutrinários e mergulhado no desinteresse do estudo.

Necessitamos resgatar Allan Kardec nos grupos de estudos, nas palestras e nos congressos, com temáticas propícias a isso, sem nos preocuparmos com a quantidade de público e com as receitas financeiras, mas com a qualidade do que será apresentado.

Estamos num período em que muitos espíritas preferem estudos, leituras e palestras mais superficiais, chegando alguns ao cúmulo de dizer que estudar Kardec é muito denso ou chato, havendo, ainda, aqueles que preferem palestras que propiciem mais risos do que reflexões.

Allan Kardec acrescenta em seu discurso que o objetivo da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas não é apenas o estudo da ciência espírita, pois vai mais longe, devendo abranger as suas consequências morais.

Assim sendo, nota-se que o estudo sério e profundo do Espiritismo deve propiciar a melhora moral do espírita, de modo que temos que estar alicercados em Jesus e em Allan Kardec.

Deve o espírita periodicamente se autoavaliar, seja em relação à quantidade de conhecimento haurido, seja no que tange à sua transformação moral, estabelecendo o que Paulo de Tarso denominou de "bom combate". (Paulo, 2 Timóteo 4:7-8)

Quanto mais frágil moral e intelectualmente, mais suscetível de ser obsediado está o espírita, tornando-se alvo fácil na mão de Espíritos inferiores,

63

que, segundo Allan Kardec assevera em sua fala, agirão para promover a desunião.

O espírita incauto pode ser um braço dos obsessores na Casa Espírita, que tentarão causar ou fortalecer a desunião, fomentando intrigas, rixas, melindres, desordens e brigas, tudo a comprometer o primeiro ponto destacado neste artigo (direção metódica e uniforme).

Muitos neófitos ou trabalhadores mais experientes e sensatos percebem a desunião vigente na Casa Espírita, sendo que alguns optam por buscar outros núcleos religiosos espíritas,

REVUE SPIRITE

TOUT EFFET A UNE CAUSE,

TOUT EFFET INTELLIGENT A UNE CAUSE INTELLIGENTE

LA PUISSANCE DE LA CAUSE INTELLIGENTE

EST EN RAISON DE LA GRANDEUR DE L'EFFET

HORS LA CHARITÈ - DOINT DE SALUT

onde possam encontrar mais equilíbrio, homogeneidade e tarefas organizadas, que atraem a assistência dos bons Espíritos.

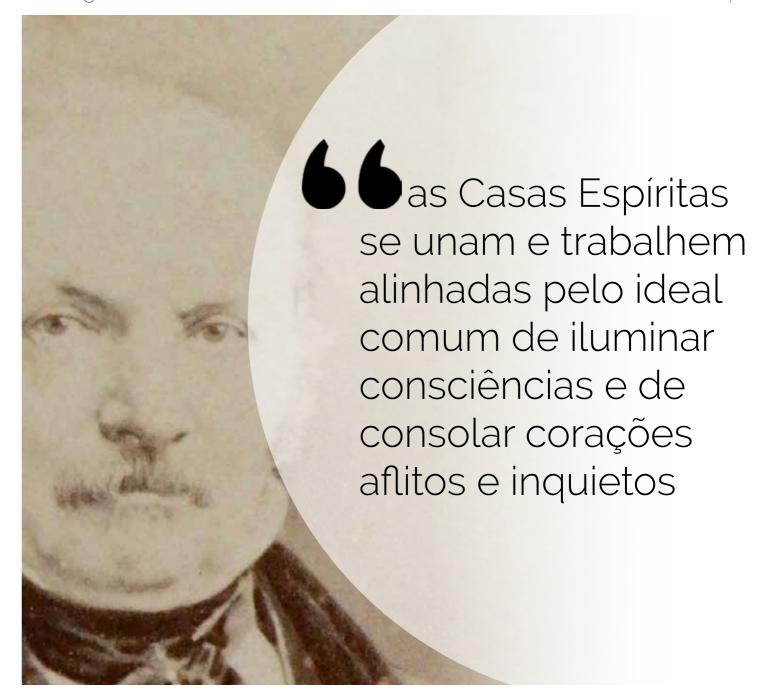
Quando uma Casa Espírita não cumpre adequada e equilibradamente suas funções, a desunião e os desvios de moralidade vigentes tendem a se estender na relação com outros Centros Espíritas, tanto que Allan Kardec faz questão de pontuar a rivalidade existente entre núcleos espíritas.

Infelizmente, identificamos em algumas cidades a rivalidade ou a falta de união entre as Casas Espíritas, causando evidente prejuízo ao Movimento Espírita local.

Há Casas Espíritas que realizam seus eventos doutrinários e não divulgam nos demais núcleos espíritas; há outras que estabelecem uma competição para ver qual atrai mais público; há aquelas que sequer sabem das atividades desenvolvidas nas demais Casas Espíritas de sua localidade.

> rigentes mais equilibrados agir para sanar a rivalidade ou o distanciamento. fazendo-se presentes nas outras Casas Espíritas, enviando os convites dos eventos e procurando fazer contato pessoal para estreitar os laços de afetividade, ainda que não obtenham os resultados almejados.

Devem os di-



Allan Kardec elucida que: "[...] as outras sociedades sejam consideradas nossas irmãs e não concorrentes" (Kardec, s.d., 201), portanto, muito ainda deve ser feito para que as Casas Espíritas se unam e trabalhem alinhadas pelo ideal comum de iluminar consciências e de consolar corações aflitos e inquietos.

É possível que haja pequenas divergências entre as Casas Espíritas, até porque, é improvável que uma

seja idêntica à outra, mas que esses pontos diferentes não digam respeito a questões cruciais do Espiritismo, devendo haver um mútuo respeito, tanto que Allan Kardec prevê essa hipótese e diz que não devem se morder ou atirar pedras umas às outras.

Por derradeiro, o ínclito Codificador adverte que: "O fim do Espiritismo é melhorar aqueles que o compreendem. Procuremos dar o exemplo e mostrar que, para nós, a doutrina não é letra morta. Numa palavra, sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos que eles nos assistam". (Kardec, s.d., 202)

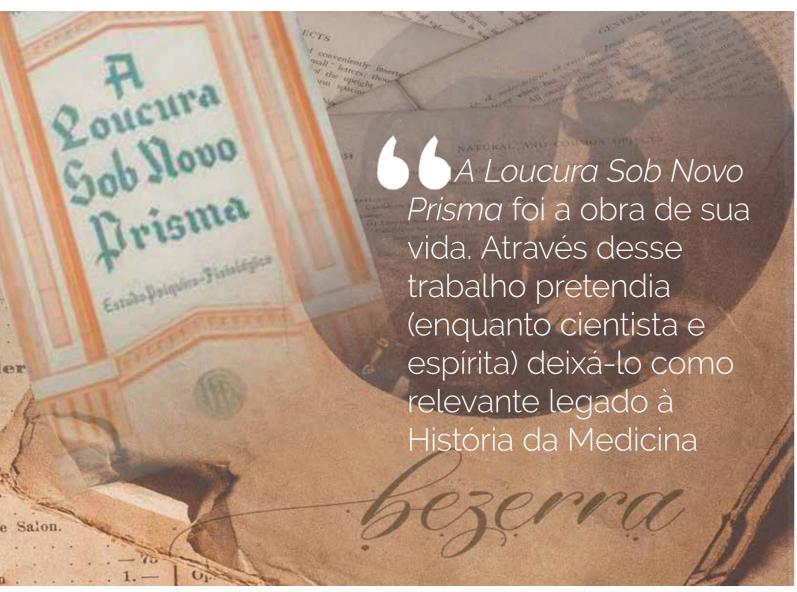
Cabe ao espírita o estudo profundo e contínuo das obras de Allan Kardec, com o escopo e o desafio de melhor entender e viver as propostas de Jesus, para que ele seja na Casa Espírita o trabalhador ou o dirigente fiel aos bons Espíritos, se esforçando por implantar a união e a fraternidade entre os confrades daquele núcleo e, por consequência, promover a boa convivência com os demais Centros Espíritas, como se fossem uma única família.

Busquemos na *Revista Espírita* os extraordinários discursos de Allan Kardec, que servem de verdadeiras orientações para o espírita que compõe o Movimento Espírita, a fim de que esse movimento, alinhado às diretrizes de Jesus, possa cumprir com o seu papel de ajustar-se integralmente ao Espiritismo, cujas lições vieram puras pelas mentes de abnegados Espíritos e foram codificadas pelo grandioso KARDEC.

Bibliografia

KARDEC, Allan. [s.d.]. "Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas/discurso de encerramento do ano social (1858-1859)", *Revista Espírita*. Ano II, nº 7, (julho 1859): 157-202. São Paulo: EDICEL.

sejamos dignos dos bons Espíritos, se quisermos eles nos assistam



ezerra de Menezes foi, entre seus coevos, aquele que mais se aprofundou e investiu nas análises científicas em torno da fenomenologia mediúnica no Brasil. Algumas de súas experiências, devidamente catalogadas e anotadas em atas, foram divulgadas pela coluna hebdomadária "Estudos Filosóficos", pelo Reformador, ou nas páginas de A Loucura Sob Novo Prisma, seu livro postumamente publicado. Desconheço, presentemente, registros de trabalhos equivalentes realizados em terras brasileiras durante aquele período. Suas pesquisas equiparavam-se às dos principais investigadores europeus oitocentistas. O principal objeto de estudo por ele delineado, em seu vanguardismo experimental dos fenômenos psíquicos, será a problemática da loucura, mostrando que a ciência, até então, não tinha como fazer o diagnóstico diferencial da loucura provocada por obsessões dos Espíritos, propondo aos estudiosos que buscassem os recursos necessários, a fim de averiguarem se "existia a obsessão no Espiritismo científico". (Menezes 1996, 175)

A Loucura Sob Novo Prisma

A Loucura Sob Novo Prisma foi a obra de sua vida. Através desse trabalho pretendia (enquanto cientista e espírita) deixá-lo como relevante legado à História da Medicina. Desde 1886, quando publicamente aderira ao Espiritismo, passou a trabalhar obstinadamente a temática da loucura, tendo concorrido, para tanto, o agravamento da saúde de seu filho Adolfo Júnior (1860-1899), diagnosticado pela medicina convencional como portador de enfermidade psiquiátrica. Adolfo mobilizou especial atenção paterna, passando a debruçar-se sobre tudo quanto de mais atual existia na esfera das ciências perscrutadoras dos transtornos da psique. O rapaz, dotado de uma inteligência fulgurante, de temperamento afável, frequentador de reuniões espíritas, tornou-se agressivo e arredio.

A pesquisa de Bezerra passaria por seguidas adaptações, à medida em que ia aprofundando seus estudos em torno das ciências psicológicas e realizando experiências mediúnicas, experimentos que se intensificaram no segundo lustro dos anos 1880. Presumimos pretendesse dedicar a pesquisa ao filho primogênito, oferecendo ao mundo os resultados das investigações que fazia, por meio da explicação da problemática de Adolfo Júnior e de casos congêneres, observada por um prisma diferente daquele apresentado até então pelos alienistas do século XIX. Bezerra aguardou, ansiosamente, a publicação dessa pesquisa, o que infelizmente não ocorreu, uma vez que desencarnaria em abril de 1900.¹

A demora de sua edição deveu-se, possivelmente, à sua intenção em apresentá-la no Congresso Espírita e Espiritualista Internacional de Paris, que aconteceria entre os dias 15 e 27 de setembro de 1900², na capital francesa. O encontro foi presidido por Léon Denis, que almejava conhecer o então presidente da Federação Espírita Brasileira (FEB). Nomeado previamente representante da FEB pelo próprio Bezerra, quando presidente da instituição, Denis fora incumbido de ler, aos congressistas, um relatório encaminhado pela direção da FEB, mostrando a situação do Movimento Espírita brasileiro.

Bezerra de Menezes, muito provavelmente, aspirava apresentar sua pesquisa naquela histórica convenção, que contou com a presença de nomes como Victorien Sardou, Alfred Russel Wallace, Gabriel Delanne e Alexandre Aksakof. Delanne, além de participar da comissão de organização do Congresso, proferiu a conferência de abertura.

- 1. Somente em 1920 é que saiu a primeira edição de *A Loucura sob Novo Prisma*. Graças à extremosa dedicação dos filhos e genros de Bezerra, encarnados à época, dispostos a tributar a memória paterna, em face da celebração do vigésimo aniversário de seu trespasse e por considerarem o valor científico da pesquisa e sua importância para a Medicina, a obra seria finalmente lançada.
- 2. No *Reformador* de 1º de abril de 1922, (151) Manuel Quintão (1874-1955) afirmaria que essa obra póstuma de Bezerra fora escrita "para um congresso espiritualista de Paris".



Experiências sobre a comunicabilidade dos Espíritos

No primeiro capítulo de *A Loucura Sob Novo Prisma*, ao tentar situar o leitor quanto às "provas decisivas" das manifestações dos Espíritos, após os estudos por ele intitulados de "Fatos autenticados pelos maiores vultos da ciência" (item "Fatos de nossa observação"), Bezerra analisa relatos arquivados de suas experiências. Para ilustrar, atentemos a um caso em que, objetivando comprovar a imortalidade da alma, concluiu:

"(....) Em uma de nossas sessões de experiência, o médium José Inácio da Silveira ficou sonambulizado (...) e, nesse estado, discutiu conosco, sustentando a doutrina da igreja Romana contra a Espírita. Compreendemos que falava um padre, e no fim declarou-nos que o era, e que se chamara José Pereira do Amaral. Inquirindo a respeito, soubemos do Sr. José Augusto Ramos da Silveira, do Faial, que conheceu em sua

terra um padre daquele nome, morto havia vinte anos, e conhecido por padre Caridade, por ser muito caridoso. O médium falava de Teologia, como só podia fazê-lo quem possuísse vastos conhecimentos da matéria, e, no entanto, sendo moço de vinte e poucos anos, e empregado no comércio, nada sabia de Teologia (...)". (Menezes 1996, 73-75)

Ao que parece, os estudos e pesquisas de Bezerra, na área do "Espiritismo científico", começaram no primeiro quinquênio dos anos 1880, contribuindo talvez para isso a impressionante cura de uma dispepsia nervosa que obtivera através do receituário mediúnico de João Gonçalves do Nascimento; a cura da esposa Cândida Augusta, também pelo mesmo médium; o problema obsessivo do filho primogênito e a desencarnação de muitos entes queridos, entre os quais a mãe (1882), o irmão Manoel Soares (1888) e mais quatro filhos (entre 1887 e 1889).

Casos de comunicabilidade dos Espíritos no âmbito familiar

Dois importantes casos relacionados com a comunicabilidade dos Espíritos, testemunhados por seus familiares foram publicados no *Reformador* sob a abreviatura "A.B".

Com a epígrafe "Pré-Espiritismo", valendo-se das iniciais "A.B" (Adolfo Bezerra), o médico cearense narrou, através do *Reformador*³, o primeiro fato insólito ocorrido com uma parenta no interior do Rio Grande do Norte, dando-lhe o título de "O Beijo da Morta". Introduz a narrativa, comentando que, muito antes de se fazerem experiências com mesas falantes e do surgimento do Espiritismo, nosso povo já contava, em serões noturnos, fatos relacionados com as aparições de Espíritos. Criado até à idade de 18 anos em meio ao povo sertanejo, diz que guardava daqueles tempos e lugares a mais viva memória.

Ao se preparar para contar o fato, comenta que casos semelhantes ao que iria compartilhar com os leitores eram, em sua juventude, assunto muito apreciado nas palestras familiares e um saudável passatempo do sertão nordestino, "desde a hora, cheia de poéticos encantos, em que o sino do pobre campanário soa languidamente, convidando os fiéis à saudação angélica: Ave Maria, até que a família se reúna para rezar o terço, depois do qual, a ceia e o repouso".

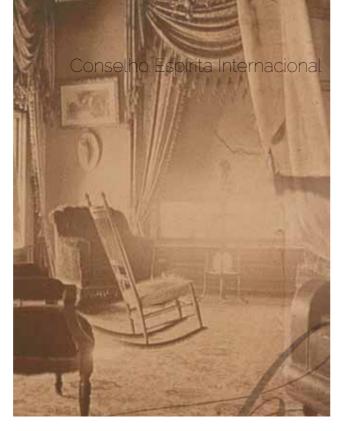
O fato descrito aconteceu por volta de 1838 no povoado de Santa Cruz, Ribeira de Trairi, província do Rio Grande do Norte⁴. Bezerra menciona o nome de Clara, filha de uma prima-irmã sua que fora criada por uma tia materna, que veio a falecer quando a jovem estava na adolescência ⁵.

Clara voltou então à casa paterna, "guardando no peito o amor que votava à sua mãe de criação". Haviam decorrido dois anos dessa morte, sem que a menina, conhecida na família pelo apelido de "Caluca", "reatasse senão a lembrança e as saudades" da tia que a adotara.

Os pais de Caluca, moradores do povoado, costumavam - como todos os habitantes do lugar - reunir-se às tardes, em família, debaixo de frondosa árvore da chácara, para aproveitarem o ar fresco naquele clima abrasador.

- 3. *Reformador*, 18 de julho de 1890.
- 4. Localiza-se a 111 quilômetros de Natal.
- Acreditamos que a mãe adotiva de Caluca era Viscôncia, tia materna de Bezerra





Narra Bezerra que "tinha chegado de visita, vindo dos sertões do Ceará, um irmão de Caluca, um incrédulo, desabusado e valente" chamado José Rodrigues da Silva, que será personagem importante nessa história. Numa das tardes, quando a família se achava reunida no terreiro, atrás da casa, à hora do crepúsculo, quase noite, Caluca saiu do meio de sua gente e deslocou-se para a sala de casa, que se encontrava sem ninguém. Quando lá chegou, deu um grito angustioso, demonstrando muito medo. Todos os que conversavam no quintal imediatamente ergueram-se e correram para onde estava a jovem, mas, antes de chegarem à porta da casa, a menina, como uma seta, veio ao encontro deles. Afirma "A.B." que não se podia mais, por ser escuro, notar a decomposição de sua face, porém, dava para observar que trazia ambas as mãos nos olhos, correndo e gritando como louca. Um tio de Caluca presente naquele momento (infelizmente Bezerra não declina seu nome), agarrou-a firmemente e perguntou-lhe por que agia assim.

Respondeu então a menina: "- É titia (a finada) que estava lá na sala e que me chamou por acenos."

José Rodrigues, o incrédulo irmão de Caluca, o desabusado que não acreditava em almas, julgou ter a irmã enlouquecido. Tentou convencê-la de que tudo aquilo era ilusão e tirou-lhe à força as mãos dos olhos, dizendo-lhe: "- Vê, não viste, nem podias ver titia, que acabou e nada mais é."

A menina abriu os olhos, mas, incontinenti, com um movimento brusco, arrancou suas mãos das mãos do tio que a segurava e, levando-as novamente aos olhos, bradou em convulsão:

- Lá está ela, lá está ela, vestida de branco e fazendo-me sinais com a mão".

73

Todo o povoado tomou conhecimento do episódio, tendo muita gente do lugarejo acorrido à casa. Durante a noite daquele dia, ninguém conseguia dormir, inclusive o padre, considerado "homem santo e venerado de seu povo, que gastou inutilmente todos os salmos e água benta".

Diz Bezerra que quantas vezes o também incrédulo tio de Caluca arrancava as mãos dos olhos da sobrinha para fazê-la olhar e provar-lhe ser tudo ilusão, ela apontava para um ponto da sala, bradando: "- Lá está ela, lá está ela, fazendo-me alguns sinais com a mão".

Ao romper do dia, desapareceu a visão e Caluca pôde abrir os olhos sem nada mais ver, ficando, todavia, extremamente nervosa, não conseguindo dormir nem ingerir qualquer alimento. Ela, no entanto, falava e raciocinava, lembrando-se de tudo, demonstrando estar em pleno uso de suas faculdades mentais. O que a colocava em completo desconcerto, porém, era o moço José Rodrigues, que não tinha mais argumento para explicar o fato por loucura.

Na noite seguinte, repetiu-se a cena, de modo que a menina estava quase desfalecida, por não ter dormido nem se alimentado.

Pondera "A.B." que à vista disso, José Rodrigues transigiu com suas ideias e, decorridos três ou quatro dias, nutria a ideia de o tio, presente na casa, animar a sobrinha a perguntar o que a alma queria.

Caluca tremia só em pensar na possibilidade de falar com a tia morta, mas ao anoitecer, acontecendo novamente a aparição, a jovem foi compelida pelo tio, que a tinha entre os braços, pelo padre e por todas as pessoas ali reunidas, a fazer a pergunta.

Caluca fez a pergunta, mas ninguém ouviu a resposta. Ela, porém, disse que a tia pedia uma missa a Nossa Senhora da Conceição ou das Dores. "E com isso, desapareceu a visão por toda noite, indo de manhã, muito cedo, todo o povo ouvir a missa, no final da qual Caluca gritou: "Ah! Vem ela, ali vem ela; mas logo abriu os olhos e disse: Deu-me um beijo na fronte."

Conclui Bezerra o seu texto, comentando que todos sentiram um cheiro agradabilíssimo e nunca mais se deu a aparição.

Outro fato impressionante, narrado por ele, encontra-se em *A Loucu-ra Sob Novo Prisma* e envolve a própria sogra, Maria Machado, e seu filho Francisco de Mattos Prego. Vejamo-lo:

"D. Maria Cândida de Lacerda Machado, senhora tão distinta pela inteligência como por virtudes, que viveu na boa sociedade do Rio de Janeiro, tinha em São Paulo, estudando na Faculdade de Direito, o filho de seu primeiro matrimônio.⁶

Um dia, recebeu carta do moço, que se achava de perfeita saúde, e, na noite desse mesmo dia, ao apagar a vela para dormir, ouviu distintamente o som da queda de pesado castiçal de prata, pousado sobre uma mesa, a alguma distância da cama.

Acreditando que gatos ou ratos lançaram abaixo o estimado objeto,



acordou o marido, que, acendendo a vela, viu, com ela, o castiçal em seu lugar.

- Foi sonho - disse ele. - Não, que eu estava acordada, respondeu a senhora, e, depois de longa discussão, apagaram de novo a vela e voltaram à cama.

Fere-lhes, imediatamente, os ouvidos, o som da queda do castiçal; ao que acudiu o homem, dizendo: – Agora, sim: garanto que caiu.

Acesa a vela, foram surpreendidos com a presença do castiçal no seu lugar!

Muito tempo levaram em conjecturar, até que resolveram repousar.

Deu-se, então, um fato singular para a senhora, ainda acordada, enquanto o marido já dormia.

Uma mão deslizou doce e amavelmente pela testa de D. Maria, e, tomando-lhe os bastos e longos cabelos, soltos, correu por eles até as pontas.

 – É meu filho, que me vem dar sinal de ter morrido! – exclamou a angustiada senhora. – Reconheci-lhe a mão, fazendo, com meus cabelos, o que sempre foi seu gosto. É ele!

Não houve como dissuadi-la daquela ideia, nem durante o resto da noite, que levou a prantear o filho, nem no dia seguinte, quando famílias amigas acudiam a convencê-la de que era infundado seu juízo à vista da carta que dava o moço de perfeita

saúde. Entre os que foram visitá-la, figuraram os Drs. Mariano José Machado e Joaquim Pinto Neto Machado, respeitáveis médicos, que nos deram a notícia do fato, no mesmo dia.

Dois ou três dias depois, chegou o vapor de Santos, única via célere, de então, entre a Corte e a província de São Paulo, e, por ele, veio a notícia da morte do jovem, colhido por uma enfermidade, exatamente no dia em que foi aqui recebida sua carta." (Menezes 1996, 49-51)

As Reuniões experimentais no Chalé da Estrada Velha da Tijuca

Zêus Wantuil de Freitas (1924-1911), um dos mais importantes pesquisadores da História do Espiritismo, publicou no *Reformado*r de dezembro de 1991, artigo intitulado "Há Cem Anos". Afirma na matéria que, no dia 20 de março de 1891, estando Bezerra em sua residência, na Estrada Velha da Tijuca, nº 27, em conversa com o médium Brito Sarmento sobre certos pontos obscuros do Espiritismo, teria aventado a ideia de organizarem, ali, "um pequeno grupo de estudos a fim de receberem esclarecimentos dos Espíritos acerca de algumas questões doutrinárias."

A ideia, conforme Zêus, teria recebido imediata aprovação da espiritualidade. Na ocasião, alguns Espíritos se manifestaram através do médium Brito, destacando-se, entre outros, o Médico Homeopata



Alexandre José de Mello Moraes e, supostamente, o próprio Allan Kardec.

Zêus Wantuil assinala que o núcleo de sessões experimentais fora constituído naquele mesmo dia, sob a presidência de Bezerra. A ata de instalação foi assinada por Bezerra de Menezes, Brito Sarmento, Thiago Beviláqua, Severo da Cunha Machado, Joaquim Thomaz Alves e João Mendes, genro do nosso biografado.

A primeira sessão dos trabalhos experimentais ocorreu em 25 de março daquele ano. Bezerra ficou responsável pela perquirição dos Espíritos comunicantes e pela redação das atas das sessões. De acordo com a metodologia de pesquisa adotada, insistia ele em formular novos questionamentos, quando as respostas dos Espíritos não lhe fossem claras.

Zêus informa conhecer o registro de nove sessões (até 6 de junho de 1891), registradas em tiras de papel, com letra de próprio punho de Bezerra. Tivemos acesso, recentemente, a esses documentos, ainda hoje preservados pela FEB.

Folheando as poucas páginas das atas das sessões do chalé de Bezerra, vistas por Zêus Wantuil de Freitas, observamos o registro de mensagens de algumas entidades espirituais comunicantes, além das anteriormente citadas (Mello Moraes e Allan Kardec). Lamentavelmente, nem todas foram identificadas com precisão, apresentando apenas o prenome ou sobrenome. Dentre estas, destacamos a presença da menina Cristiana (filha de Bezerra, desencarnada em 1889), Cândido Fortes, Leonardo (identificado apenas pelo primeiro nome), Cônego Nunes⁷, Padre Antônio José Bezerra (identificado como natural de Pernambuco), Cândido Pamplona (mencionado como naturalista), Umbelino Alberto de Campo Limpo⁸ e um Lacerda (possivelmente parente de Bezerra). Anotamos, ainda, a presença de Romualdo (Espírito que se comunicava em reuniões na FEB)⁹ e Vicente de Paulo (1581-1660), o caridoso santo francês, integrante da equipe do Consolador Prometido.

- 7. Cônego Antônio Pereira Nunes. Consagrado orador católico, natural de Campos (RJ), onde durante anos atuou. Faleceu em 1889.
- 8. Umbelino Alberto de Campo Limpo (1824-1885) foi Coronel do Exército e atuante trabalhador espírita nos últimos anos de sua existência. Desencarnou a 21 de setembro de 1885, no Rio de Janeiro, onde nascera.
- g. Dom Romualdo Antônio de Seixas (1787-1860), Arcebispo da Bahia.



by SB. Digital Image work of Old fotos. in Metropolitan Museum of Art - P D

Relato de uma sessão

Em *A Loucura Sob Novo Prisma*, Bezerra narra um fato catalogado nesse laboratório, localizado nas dependências do chalé da Estrada Velha da Tijuca. Uma vez mais, antes de narrar o episódio que nos permite entender como essas reuniões experimentais se processavam, Bezerra enfatiza a importância de cultivar-se no Brasil a Ciência Espírita: "(...) talvez por desejo de mostrar que, neste recanto do mundo, também se trabalha no cultivo da Ciência, vamos dar notícia de um fato tão valioso (...) de que fomos observadores." (Menezes 1996, 116)

"(...) Fazemos em nossa casa, nesta cidade do Rio de Janeiro, semanalmente, uma sessão espírita de estudos experimentais, em que somos acompanhados pelos engenheiros Dr. Maia Lacerda e Dr. Abel Matos; pelo cirurgião-dentista Tiago Beviláqua e pelo distinto industrial Drummond Júnior.

O primeiro e o último desses cavalheiros são médiuns psicográficos, sonambúlicos e de outras espécies. A uma das sessões de trabalho, faltou Maia Lacerda, por ter viajado para o Estado de Minas, para ponto distante da nossa residência, cerca de 600 quilômetros. Manifestou-se, pelo médium restante, Drummond Júnior, um Espírito que batalhava conosco sobre certos pontos do Espiritualismo, em geral, e particularmente do Espiritismo, acusando pesar, por estar ausente aquele nosso companheiro, com quem mantinha, de anteriores manifestações, especial teima. Minutos depois, e já se achando em renhida discussão conosco, suspende a argumentação, surpreendido de ver que o ausente estava presente. Ficamos em dúvida, porque podia aquilo ser um embuste para nos enganar, mas, em outra sessão, a que não concorreu o mesmo Dr. Maia Lacerda, tivemos a certeza da presença de seu Espírito, por nos ter dado a prova, dirigindo-nos a palavra.

Muitos outros fatos desta ordem temos tido em nossos trabalhos particulares (grifo nosso), pelo que nenhuma dúvida nos ensombra a crença do desprendimento do Espírito, durante a vida corpórea, especialmente durante o sono". (Menezes 1996, 116-117)

O primeiro caso de bicorporeidade registrado no Brasil

O pioneirismo das pesquisas de Bezerra em casos relacionados com a fenomenologia mediúnica nacional pode ser bem ilustrado através de um artigo publicado no *Reformador* de 15 de novembro de 1890. Um ano após sua primeira experiência à frente da FEB e empregando pseudônimos ou abreviaturas como habitual-

mente fazia, levantou, por esse artigo, dados sobre um caso de bicorporeidade acontecido no Rio de Janeiro. Assinando o texto com as iniciais "A.B" (Adolfo Bezerra) - nessa época ele fazia a leitura, em francês, dos originais de *Obras Póstumas* -, reporta-se ao fenômeno da bicorporeidade, analisado por Kardec, e a muitos casos verificados mundialmente.

Assinala que, até então, não tinha conhecimento de nenhum outro caso de bicorporeidade e também de escrita direta observados em nosso país, algo que, aliás, lhe causava estranheza. Em seguida, relata episódio que teria sido, talvez, o primeiro registrado no Brasil: "um caso bem averiguado de bicorporeidade".

Diz "A.B" que um "estimado amigo", identificado como Comendador Macedo, que gozava de merecida consideração local, relatou-lhe que, após o desenlace da esposa, resolveu recolher-se na fazenda de um conhecido, na companhia de sua irmã e da ex-sogra. Entretido em leituras para aliviar a dor da separação da companheira, testemunhou um inabitual fenômeno. Certo dia, por volta das 17 horas, quando se encontrava sozinho na sala de visitas, deixou de ler, devido ao cansaço, e buscou uma janela para recostar-se, com as costas para o lado de fora. Enquanto meditava sobre a leitura, viu a mucama de sua irmã entrar na sala, abrir a porta que dava para o quarto de sua senhora,



que se encontrava ocupada na sala de jantar, e, tirando uma chave, passou para o lado de dentro do quarto, trancando-se. Em seguida, entrando na dita sala de jantar onde estava sua irmã, deparou-se com a criada que, minutos antes, trancara-se no quarto, que não possuía porta de saída, senão pela própria sala onde estivera há pouco. Perplexo, interrogou a mucama se não fora ela quem entrara no quarto. Respondendo-lhe, a jovem disse que há muito não "saíra do pé da senhora; o que foi por esta confirmado". Comenta "A.B." que o comendador "quis supor que o que lhe parecera ver, não passava de uma criação de sua imaginação; mas lembrava-se de ter circunstâncias tão particulares, como de ter ouvido o ranger da chave na fechadura, de haver a crioula trocado aquela chave de fora para dentro e, à vista disto, não pode aceitar aquela hipótese". Comenta Bezerra que o amigo, por desconhecer o fenômeno, teve "grande abalo moral", nada obstante, após a explicação do fato pelo Espiritismo, tudo haver se encaixado. "Grande, pois, foi sua satisfação, quando agora, depois de muitos anos, ouvindo falar nos casos de bicorporeidade (...)" que se encontravam narrados em Obras Póstumas, identificou o episódio como sendo um desses. Bezerra pediu ao comendador a autorização para publicá-lo, fazendo-o constar do rol de suas pesquisas.

Por meio deste artigo constatamos a importância histórica do Dr. Adolfo Bezerra de Menezes no Espiritismo no Brasil e no mundo, em trabalho incomparável que o fez, ainda em seu tempo e com justiça, receber o título de o "Kardec Brasileiro".

Bibliografia

MENEZES, Adolfo B. 1996. A Loucura Sob Novo Prisma. Brasília: FEB

MENEZES, Adolfo B. 1890. "Bicorporeidade". *Reformador*, 15 de novembro de 1890.

MENEZES, Adolfo B. 1890. "Pré-Espiritismo". *Reformador*, 18 de julho de 1800.

QUINTÃO, Manuel. 1922. "A Lição dos Factos". Reformador, 1 de abril de 1922,

WANTUIL, Zêus. 1991. "Há 100 anos" Reformador, dezembro de 1991

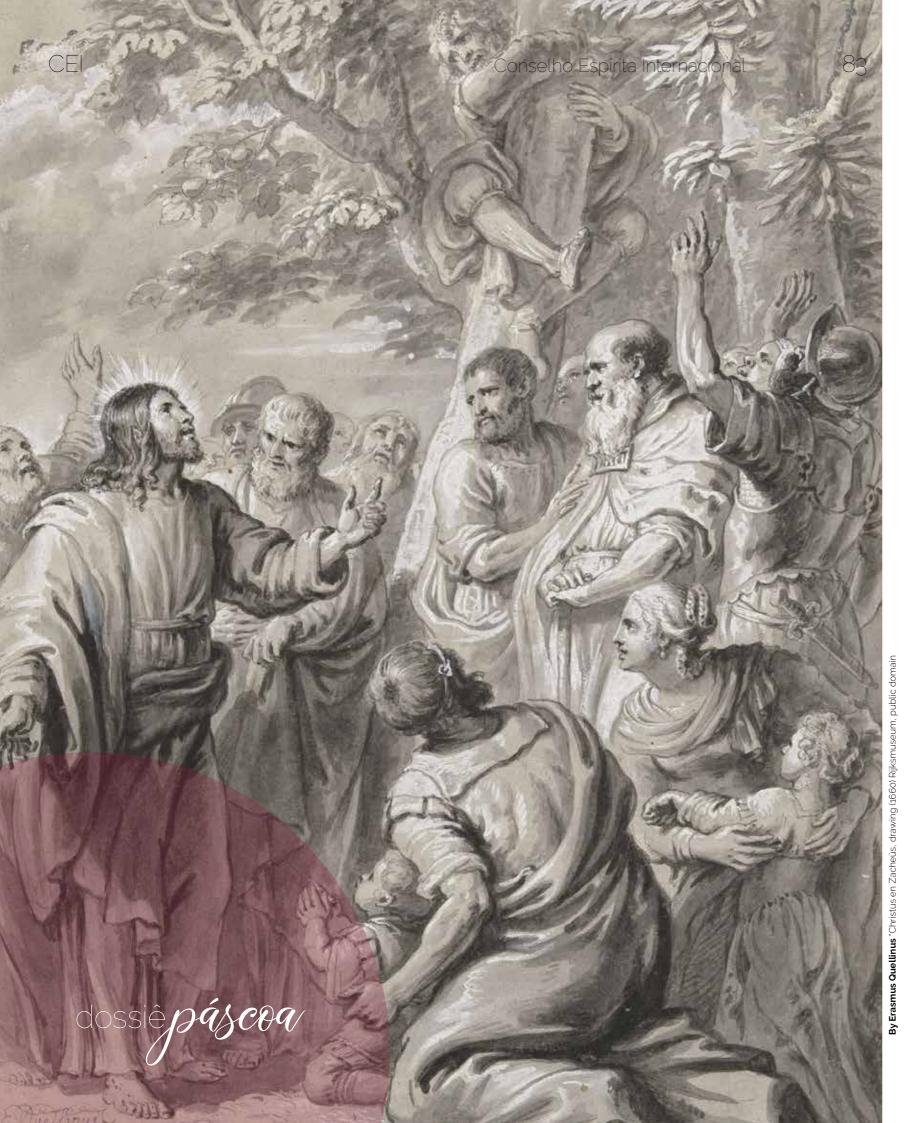
os estudos e pesquisas de Bezerra, na área do "Espiritismo científico", começaram no primeiro quinquênio dos anos 1880, contribuindo talvez para isso a impressionante cura de uma dispepsia nervosa que obtivera através do receituário mediúnico



dossiênas coa

by Rembrandt van Rijn, Christ preaching ('La Petite Tombe'), c. 1657 in Rjksmuseum

Inauguramos, neste número, um pequeno espaço temático que, ocasionalmente, passará a fazer parte do alinhamento da *Revue*. Neste primeiro dossiê, modelado pela inspiração dos nossos autores, procuramos promover a lembrança do sublime convite cristão à transformação e ao triunfo do Espírito sobre a matéria. Jesus, o Mestre, o Governador Espiritual do nosso mundo, é o divino protagonista destas duas passagens, trazendo, aos dias atribulados do presente, a reafirmação da sua promessa de amor para com toda a Humanidade.



ZAQUEU

do Sicômoro à mesa com Jesus



*Samuel Nunes Magalhães

Escritor. Responsável pelas áreas de arquivo e museu da FEB. Fundador dos Centros de Documentação Espírita no Amazonas e em Pernambuco.



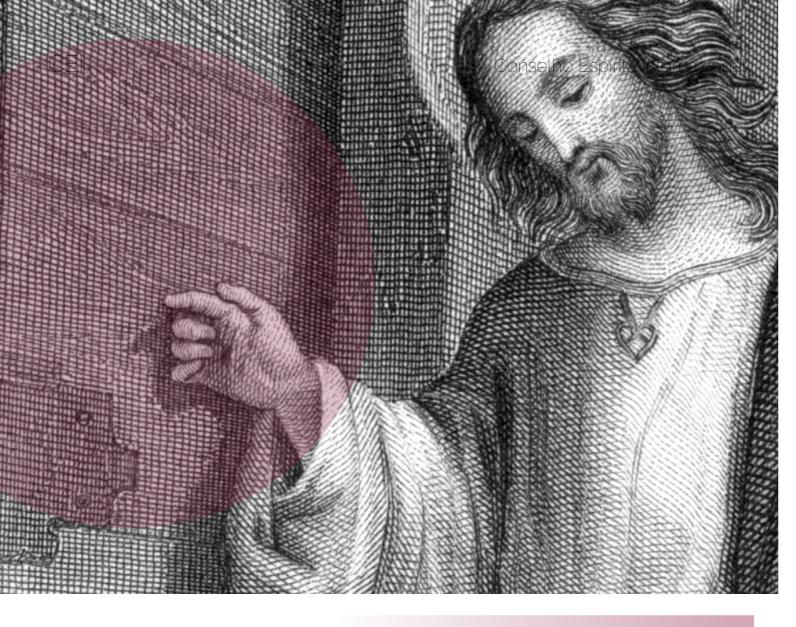
Resumo

Zaqueu, o publicano de Jericó, é figura pouco conhecida para a maioria da cristandade. Este artigo visa a trazê-lo das páginas evangélicas, resgatá-lo das mais antigas tradições e destacar a sua renovação espiritual a partir do seu encontro com Jesus. Em sua elaboração servimo-nos do terceiro canônico, único a mencioná-lo – Lc 19:1-10, dos costumes judaicos, das notícias da igreja primitiva, de mensagens mediúnicas e de alguns estudos da História e do Direito Romano. Da análise desses escritos, Zaqueu emerge como alguém que soube, ao preço de renúncias e sacrifícios, transpor a enorme distância que o separava da Luz do Mundo, o Cristo Redentor. E, hoje, conclui-se ao final deste artigo, não mais carece tornar aos palcos das nossas aflições, fez-se eleito de Deus. Zaqueu, do sicômoro à mesa com Jesus, além da renovação do antigo chefe publicano, mostra-nos, em especial, a paternal solicitude divina para conosco, a Humanidade, espelhada na amorosa assistência de Jesus, o Nazareno.

Palavras-chave Espiritismo, Jesus, Zaqueu, Cristianismo, Parábola dos Talentos.







1. Vale do Jordão. Situada a quase trezentos metros abaixo do nível do mar, numa das maiores depressões absolutas do planeta, Jericó é considerada a mais antiga cidade do mundo. Pesquisas arqueológicas apontam sua fundação entre nove e dez mil anos

2. Herodes e seu filho Arquelau embelezaram Jericó. Entre as construções mais famosas contavam-se o anfiteatro da cidade e o castelo de Kypros. Este último, construído e batizado em homenagem à mãe de Herodes.

atrás.

"Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo." Apocalipse, 3: 20

Jesus percorria pela derradeira vez os caminhos da Palestina. Deixando a Galileia, dirigira-se ao território da Judeia, além do Jordão. Nessa viagem, quando já próxima a hora extrema do Gólgota, encontra-se com Zaqueu às portas de Jericó.

Descrita no Velho Testamento como a Cidade das Palmeiras, Jericó foi edificada numa das mais ricas zonas agrícolas de todo o Médio Oriente¹. Verdadeiro oásis no deserto, cercada por quilômetros de terra árida e rochosa, exibe – contrastando com os seus arredores – campos floridos, árvores balsâmicas, amendoeiras, romãzeiras, tamareiras, sicômoros e, sobretudo, palmeiras. Tornou-se célebre nos tempos de Jesus. Clima mitigado pela abundância de águas canalizadas, esplêndidos jardins e belas construções fizeram dela a cidade invernal da aristocracia de Jerusalém, preferência de Herodes Magno².

Passagem obrigatória a caravanas de mercadores e peregrinos religiosos, Jericó alcançou grande importância econômica, contando com estabelecimentos bancários, lojas comerciais e armazéns providos de toda mercadoria. Diariamente, desde as primeiras horas da manhã, negociantes, proprietários, lavradores, agentes e cambistas fervilhavam em suas ruas, entre discussões, compras, vendas e assinaturas de contratos, num febril vaivém. Somente com as primeiras sombras da noite costumava diminuir o bulício na Cidade das Palmeiras.

87

Israel vivia então sob o senhorio romano, sujeito aos ditames do grande império. Como todos os povos conquistados pelos césares, pagava-lhes pesados tributos, destinados ao luxo do patriciado e à manutenção da máquina governamental, cujos exércitos, sempre crescentes, requeriam gastos mais e mais elevados.

Os judeus, mesmo oprimidos, não declinavam de suas crenças, cultivando-as com intenso ardor. Arrimados à fé dos seus patriarcas, consolidada ao longo dos séculos, mantinham-se coesos como nação, ainda quando exilados, vivendo em terras estranhas. O governo romano, então, normalmente adotava política de tolerância para com as práticas religiosas dos povos dominados.

Naqueles dias, os israelitas se preparavam para a páscoa, comemoração à sua libertação do jugo egípcio. Numerosos viajores cruzavam as estradas e caminhos do país, em demanda a Jerusalém. Jericó, mais que outras localidades, regurgitava de passantes.

Jesus, com os doze, igualmente se encaminhava à capital da Judeia. Vencida quase toda a distância entre Cafarnaum e Jerusalém – contornando ao leste o território samaritano – chegou às cercanias de Jericó³. Pelos caminhos, ensinava a Boa Nova, consolava os aflitos e curava os enfermos; verdadeira multidão o acompanhava desde a Galileia.

Jericó, como já dito, constituía rota obrigatória para mercadores e peregrinos. Movimentado comércio local e acentuada circulação de riquezas em suas fronteiras, garantiam-lhe elevada arrecadação tributária; despertava o interesse dos governantes e a ambição dos publicanos.

Conforme as regras estatuídas então, cabia aos publicanos coletar os impostos. Caio Graco, Tribuno da Plebe nos anos 123 a.C. e 122 a.C., estabelecera nova forma de concessão para arrecadação tributária nas províncias asiáticas, a qual, em seguida, seria aplicada às demais possessões romanas. Os tributos passaram a ser recolhidos mediante contrato firmado, pelo prazo de cinco anos, entre o vencedor da hasta pública e o tesouro romano, devendo o vencedor antecipar o pagamento desses tributos ao Estado. Os participantes desses leilões, naturalmente, eram homens muito ricos, com renda mínima anual de quatrocentos mil sestércios, segundo alguns historiadores4. (Corassin 1988, 61)

A adoção desse sistema de arrecadação tributária, conquanto eficiente, teve graves consequências. Os publicanos, livres para cobrar quanto quisessem, exorbitavam nas taxas exigidas, multiplicando suas fortunas vertiginosamente. Movidos por indisfarçável ânsia lucrativa, tornaram-se símbolo de avidez e desonestidade, sendo detestados pelas populações em geral.

3. Lucas 9:51-56 - Não encontrando guarida em uma das vilas da Samaria, Jesus decidiu fazer o mais longo trajeto entre as duas cidades. Possivelmente tomou a direção de Decápole e atravessou a Pereia, antes de alcançar Jericó. Dali seguiria para Betânia e Jerusalém.

4. Algo em torno de quinze milhões de reais, o mesmo que dois milhões e meio de euros, valores muito elevados para a época, em particular. Era a quantia mínima de patrimônio para que os cidadãos se tornassem cavaleiros, pertencessem ordem equestre, como classe social conforme romana, diz a obra A vida quotidiana em Roma no apogeu do Império, do historiador francês Jerome Carcopino. (Carcopino, s.d., 370)

By Peter Carl Geissler, ' Jesus Christ, knocking at the door', detail, steel engraving, print on paper, (1872), Wikimedia Commons, Wikimedia Commons

5. Patronímico tra-

duzido por filho de

Timeu, conforme

Marcos 10:46-52.

Os demais evan-

gelistas - Mateus

20:29-34 e Lucas

18:35-43 - não mencionam

nome do cego de

Jericó. Diferente

de Lucas, que si-

tua esse episódio à

entrada da cidade,

Marcos e Mateus o

descrevem como

ocorrido à saída de

Jericó, com este

último anotando

que foram dois os

cegos ali curados

por Jesus.

0

Zaqueu era rico publicano, chefe dos publicanos em Jericó.

Em concorrência pública, como ditava o costume, arrematara o di-

As notícias que lhe chegavam davam conta de sua amorosa mensagem, portadora de fé e esperança. Da boca popular, escutava referências a seus muitos milagres e soubera que exprobava a conduta de fariseus e saduceus, exortando os homens ao bom caminho. Tinha conhecimento de que Ele se fazia acompanhar sobretudo dos simples e deserdados, que não desprezava a ninguém, considerava a todos como irmãos. Ouvira até que entre os seus mais próximos seguidores um havia que fora conhecido publicano. Levi, filho de Alfeu, da aduana de Cafarnaum.

De há muito, sem dar-se conta, a princípio, acalentava secreto desejo de conhecer aquele de quem se falava tantas maravilhas. Cansado do profano, sonhava novos horizontes... E sua voz fora ouvida

mentos comerciais cerravam as portas, seus habitantes regressavam aos lares e os peregrinos procuravam pernoite. Desusado movimento agitava Jericó. Nos últimos dias, muito aumentara o fluxo

de variadas procedências anunciavam a chegada do Rabi Galileu. Excitados, gesticulavam muito, diziam que Ele curara o cego Barti-

Queria ver o Divino Messias, quem sabe, falar ao Mestre Nazareno!

Zaqueu também findara seu trabalho, rumava para casa. Romeiros meu⁵.

reito à cobrança de impostos na urbe famosa. Além dos interesses da alfândega, dirigia outros negócios particulares, todos muito rentáveis; há quem diga que foi banqueiro; contava com grande número de empregados. Os judeus olhavam-no com desdém, como faziam a todos os publicanos, considerando-o traidor da pátria, por transigir com os romanos invasores. Raros lhe dirigiam a palavra e, quando o faziam, quase sempre o faziam obrigados pelas circunstâncias, não disfarçando o íntimo desprezo que lhe votavam. Ouvira falar de Jesus!

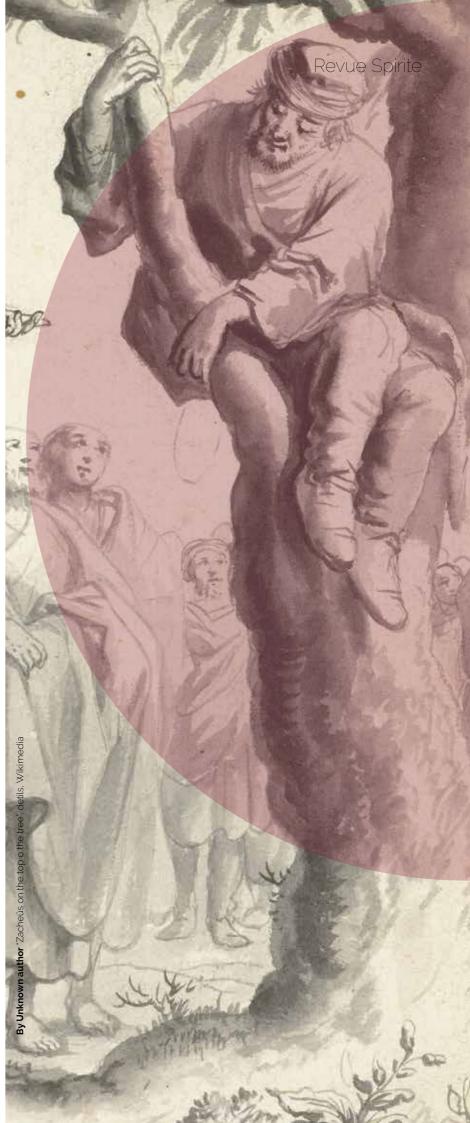
6. Jesus visitou algumas casas durante sua atividade messiânica. Revenos Céus! lam os evangelhos Caía a tarde na velha cidade do vale do Jordão. Seus estabelecique esteve nas casas de Pedro, Levi, Jairo, Simão, Lázaro, Zaqueu e nas Bodas de Caná. Parece-nos que local de caravanas com destino à Cidade Santa. sempre a convite dos seus moradores, exceção feita à sua visita ao publicano de Jericó.

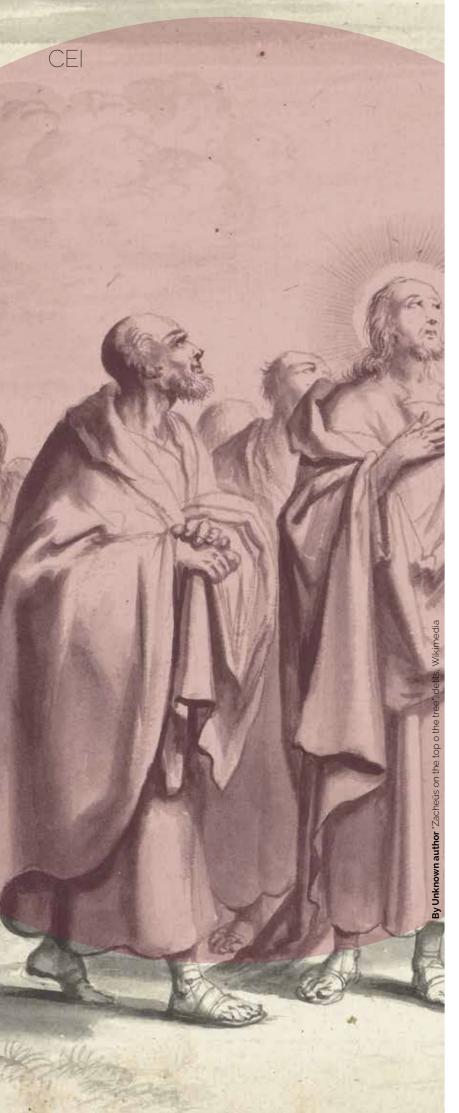
Não longe, compacta muralha humana cercava o Carpinteiro da Galileia. Zaqueu, rápido, abeirou-se da multidão, empolgado pela possibilidade do ambicionado encontro. De pequena estatura, contudo, por mais tentasse, não conseguia ver Jesus. Tomado de resolução - temia perder a oportunidade há tanto esperada - correu à frente do povaréu, subiu num velho sicômoro e aguardou a passagem do Mestre.

Logo divisou a sua figura augusta, sentiu-se invadir de paz intraduzível. Atraído pelo seu amoroso magnetismo, acompanhava-lhe os menores gestos, apurava os ouvidos para escutá-lo.

Que pensamentos acudiam nessa hora a Zaqueu? Que sentimentos dominavam o seu coração? Que visões contemplava o seu Espírito? Talvez passasse em revista a sua existência, reexaminasse os valores que lhe vinham norteando as decisões, vislumbrasse nesgas do caminho espiritual. Decerto que experimentava íntima e estranha inquietação; chegara o instante glorioso do seu encontro com a Verdade.

Aproximando-se da árvore em que se alojara o publicano, Jesus erqueu o olhar, fitando-o e disse-lhe: "Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa⁶. Zaqueu deu-se pressa em descer, recebendo-o com inexcedível contentamento. À vista desse fato - anota o autor sagrado - murmuravam todos, dizendo: Foi hospedar-se na casa de um homem pecador! Entrementes, Zaqueu se levantou e disse ao Senhor: Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens; e, se nalguma coisa tenho defraudado alguém, restituo-lhe o quádruplo. Então, Jesus lhe disse: Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido." (Lc 19:1-10)





Zaqueu exultava de alegria, sentia-se no limiar doutras esferas. Vivera até ali como os comuns de sua época, preocupado com as aquisições materiais, escravo das coisas ilusórias. Chegava agora a novo estágio evolutivo. Quais os caminhos do seu despertar espiritual? Quais os empeços varados em seu esforço ascensional? Quais os degraus superados até alcançar a dádiva de hospedar o Celeste Salvador?

Acompanhando a sua marcha ascensional, naquilo que podemos apreciar, e estimar, concluímos que muito peregrinou nas sombras dos enganos e vacilações, antes de penetrar a *porta estreita*, rumo à Espiritualidade Superior.

Dedicara os primeiros anos de sua existência às conquistas temporais dinheiro, fama, poder, status - dominado pelas exigências dos prazeres egoístas, conquanto, há tempo, almejasse respirar noutra atmosfera. A alma humana nessa etapa de aprendizado, quando não nega a paternidade divina, costuma ignorá-la propositadamente, como se temesse as consequências desse reconhecimento. Intui secretamente as responsabilidades que daí advirão, e, como a dormideira, recolhe-se em si mesma, preferindo manter-se alienada acerca da existência de Deus.

A saciedade proporcionada pelas conquistas inferiores, todavia, carece de perenidade, possui efêmera existência. Não demora e a alma sente vazio inexprimível, vítima da impermanência das coisas deste mundo. Até alcançar os bens eternos, sofrerá crises periódicas desse vazio.

O filósofo pessimista alemão, Arthur Schopenhauer, observando o cotidiano do homem comum, diz que "a vida é um pêndulo que oscila entre o sofrimento e o tédio." (Schopenhauer 2005, 402). Sofremos enquanto não conseguimos o que desejamos e, quando conseguimos o que desejamos, em não sendo isso os *bens eternos*, sentimos tédio. É então que elegemos novo objeto de desejo, para novamente oscilarmos entre o sofrimento e o tédio, numa infinita alternância.

Zaqueu vivia essa alternância, pendulando entre o pesar e o fastio.

Saturado do que é transitório, experimenta invencível fascínio pelo transcendente, impulsionado pelo que podemos chamar de *tropismo divino*; é o início da sua busca espiritual, termo da sua alienação de Deus.

Talvez ninguém lhe tivesse notado a mudança, nem mesmo os mais próximos, muitíssimo engolfados nos assuntos da matéria. Jesus, porém, atento às mais discretas manifestações de nossa alma, identifica os primeiros clarões de sua luz interior e lhe vem à procura. "Brilhe a vossa luz", disse a Voz do Monte! (Mt 5:16)

Zaqueu buscava Jesus, Jesus buscava Zaqueu.

Entre eles uma multidão, símbolo dos obstáculos que o publicano necessitava transpor para alcançar o Mestre. Do alto da figueira, Zaqueu espia Jesus. Encontrara o que procurava, segredava-lhe a consciência; ali estava a Luz, a Paz, o Amor! De repente, a alma imersa num oceano de luzes cristalinas – o olhar do Cristo – ouve, surpreso: "Zaqueu, desce depressa, pois me convém ficar hoje em tua casa." (Lc 19:5)

Há quanto anelava tão nívea graça? Que fizera para merecer tamanha bênção? Estaria em delírio? Humilde, cria-se indigno de hospedar o Messias. Mas, depressa, desce e vai correndo preparar-lhe régia ceia e as melhores acomodações de sua rica residência.

A cena sugere-nos oportunas reflexões. O sicômoro ou figueira-doida, como também é conhecido, com suas raízes profundas, folhas ásperas e frutos de inferior qualidade, oferece singular imagem das riquezas materiais, cuja aparência de viço, solidez e perpetuidade engana o observador menos percuciente. Zaqueu no alto da figueira, acima da multidão, traduz o homem içado aos postos mais altos da sociedade, e também, é certo, a necessidade de elevarmo-nos em espírito, acima dos cuidados terrenos. "O desce depressa" nos fala da urgência imperiosa de abandonarmos as convenções meramente humanas para encontrarmos o Cristo.

Zaqueu transbordava felicidade, límpidos raciocínios iluminavam seu espírito; trilhava os primeiros passos na
senda, desperto. As posses materiais
e os favores de sua elevada posição
não o haviam impedido de chegar a
Jesus. Tinha ciência, contudo, quão
longe estava da completa emancipação, preciso era prosseguir. *O zênite,*sabia, ficava muito acima; e lá, e além,
a *Vida Plena!*

À mesa, com o sublime visitante, ouvia-o com deleite, considerava quanto estivera afastado do verdadeiro caminho. Envolto em doce onda de amor, priva pela primeira vez da intimidade do Mestre. É aí que se resolve a dar metade dos seus bens aos pobres e a restituir em quádruplo a quem haja defraudado. Como o negociante da parábola, desfaz-se de quanto possui, para adquirir a pérola inestimável. E como a ovelha desgarrada, torna ao aprisco, nos braços do Bom Pastor, Jesus.

... É a fase da entrega! ... É a fase da consagração!

Vencida a alienação de Deus, principiada a busca espiritual, Zaqueu se entrega Àquele que é o Caminho, a CEI

Verdade, a Vida. Esvazia-se do que é terrenal, disposto a preencher-se do que é celestial.

Abre mão de suas riquezas!...

Distribui seus bens aos pobres!...

Indeniza a quem prejudicou!...

Abdica de sua condição social!...

Reconhece que mesmo sem o saber, sempre buscara o Cristo de Deus. Enlevado, despe sua alma, lavando com lágrimas as lembranças de suas defecções, para ouvir do Senhor: "Hoje, houve salvação nesta casa, pois que também este é filho de Abraão. Porque o Filho do Homem veio buscar e salvar o que estava perdido". (Lc 19:9-10)

Selada estava eterna aliança entre Zaqueu e o Cristo.

E ali na casa de Zaqueu, ainda naquela noite, Jesus contou a *parábola das dez minas* – para a maioria dos exegetas dos evangelhos – uma variante da *parábola dos talentos*, apesar das diferenças textuais havidas entre as duas narrativas⁸.

De quanta beleza foram aqueles minutos, imaginamos.

De quanto resplendor, naqueles momentos, banhou-se Zaqueu.

E quais festas mundanas se poderiam comparar àquela *tertúlia espiritual*?

Zaqueu é uma daquelas personagens bíblicas sobre quem muito pouco se sabe. Além do episódio relatado por Lucas, não há nas páginas evangélicas qualquer outra referência a seu respeito. Estudiosos do Novo Testamento, todavia, hão sustentado que tudo deixou para seguir a Jesus.

Clemente de Roma afirma que ele se tornou companheiro de viagens de Simão Pedro, sendo, mais tarde, nomeado Bispo de Cesareia Marítima, pelo *Pescador de Cafarnaum*⁹. Clemente de Alexandria também assegura que ele tomou parte nas fileiras da igreja primitiva, e sugere que adotou o nome de Matias, induzindo muitos à falsa inferência de que haja substituído a Judas Iscariotes no *Colégio dos*

Doze¹⁰. E o legendário medieval o identifica como Santo Amador, considerado o fundador do santuário francês de Rocamadour.

Modernos pesquisadores da história do cristianismo – alguns com decênios dedicados ao assunto – comungam com muito dessas tradições. Devemos, contudo, escoimar essas tradições – todas tardias, e por isso, de valor histórico diminuído – daquilo que faleça a mais rigorosa arguição.

Hoje, a propósito, decerto em função do que escreveu Clemente de Alexandria, alguns pretendem que Zaqueu seja Matias, o 13º Apóstolo. Evidente que essa é uma opinião insustentável, dado que não resiste à mais leve análise, quando na presença dos textos testemunhais daqueles acontecimentos.

Registra, Atos dos Apóstolos: "Naqueles dias, Pedro levantou-se no meio dos irmãos - o número das pessoas reunidas era de mais ou menos cento e vinte - e disse: Irmãos, era preciso que se cumprisse a Escritura em que, por boca de Davi, o Espírito Santo havia falado a respeito de Judas, que se tornou o guia daqueles que prenderam a Jesus. (...) É necessário, pois, que, dentre estes homens que nos acompanharam todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu em nosso meio, a começar do batismo de João até o dia em que dentre nós foi arrebatado, um destes se torne conosco testemunha da sua ressurreição. Apresentaram então dois: José, chamado Barsabás e cognominado Justo, e Matias. (...) Lançaram a sorte sobre eles, e a sorte veio a cair em Matias, que foi então contado entre os doze apóstolos." (At 1:15-26)

A leitura acima não exige mais demorada meditação para infirmar a ideia de que Zaqueu seja o 13º Apóstolo. Certifica, literalmente, que, desde o início, tanto um quanto outro – José e Matias – tomou parte ativa na vida messiânica de Jesus. Zaqueu, como vimos, somente o conheceria na última viagem do Mestre a Jerusalém¹¹.

7. A expressão filho de Abraão, na tradição judaica, significa herdeiro do Céu.

8. Lucas 19:11-27 e Mateus 25:14-

9. Homilia III, 59 a 72.

10.Stromateis IV, Cap. 6, § 35.

11. Lucas 19:1-10.

By Nicolaes Ryckmans 'Apostles with Christ', (1616) engraving, print on paper. Rijksmuseum, public domain



Além disso, na mesma direção, assevera Eusébio de Cesareia: "E um documento ensina também que Matias – o que foi juntado à lista dos apóstolos em substituição a Judas – e o outro que com ele teve a honra de disputar a sorte foram dignos de serem dos setenta". E, mais adiante, diz: "O primeiro, pois, que a sorte designou para o apostolado em substituição a Judas o traidor foi Matias, que também tinha sido um dos discípulos do Salvador, como já foi provado". (Cesaréia 2002, 33)

De acordo, pois, com o texto ora transcrito, José e Matias pertenciam ao grupo dos setenta¹², episódio anterior ao encontro entre Jesus e Zaqueu. Logo, há-se de concluir: *Zaqueu não é Matias, o 13º Apóstolo.*

Ademais, ainda que evocado por alguns, como fonte favorável a esse entendimento, Clemente de Alexandria – longe de estear tal juízo – declara, simplesmente: "Diz-se, portanto, que Zaqueu, ou, segundo alguns, Matias, o chefe dos publicanos, ao ouvir que o Senhor se dignou a vir a ele, disse: Senhor, e se eu defraudei alguém em alguma coisa, restituo-lhe o quádruplo. E o Senhor disse, por sua vez: o Filho do homem vindo aqui, encontrou o que estava perdido"¹³.

E, ainda, para alguns estudiosos, em mera aventura, diríamos, Natanael foi quem assumiu o lugar de Judas Iscariotes. Notemos que para a maioria dos cristãos, leigos ou eruditos, em opinião da qual partilhamos, Natanael¹⁴ é identificado como o apóstolo Bartolomeu¹⁵.

À margem das dissensões históricas – válidas, mas não essenciais – subsiste a convicção da aliança firmada entre Zaqueu e Jesus, o Cristo. Ditados espirituais, os mais diversos – transmitidos a medianeiros de reconhecida credibilidade – reforçam esse pensamento.

O Espírito Humberto de Campos, em seu notável *Boa Nova*, pelas mãos de Francisco Cândido Xavier, enfatiza que, àquele tempo, Zaqueu procurava empregar o dinheiro em benefício a todos de seu convívio, hipotecando-se voluntariamente ao Mestre Nazareno.

Diz que o antigo publicano, conhecendo a necessidade de muitas famílias de sua cidade, organizara múltiplos serviços de criação de animais e cultivo da terra, auxiliando, inclusive, a muitos jerosolimitas. E teria dito a Jesus: "os servos de minha casa nunca me encontraram sem a sincera disposição de servi-los. E, então, diz-lhe o Senhor: Regozijo-me contigo, porque todos nós somos servos de nosso Pai." (Xavier 1984, 155-6)

Zaqueu, em júbilo, à hora do jantar, apresenta os filhos a Jesus, anota Humberto de Campos. É quando, depois de contar a *parábola dos talentos*, pousando o olhar generoso sobre a figura do coletor de Jericó, exclama o Mestre do Amor: "Bem-aventurado sejas tu, servo bom e fiel!"

Amélia Rodrigues, Espírito, em sua bela obra *Primícias do Reino*, psicografada pelo médium Divaldo Pereira Franco, conta que Zaqueu gostava de acudir a miséria alheia e suavizar as dores do próximo, e que, muito amiúde, socorria o cego Bartimeu. Diz ainda, e sustenta a tradição, que, no futuro, Zaqueu "foi dirigir florescente igreja cristã em terras de Cesareia", a Cesareia Marítima. (Franco 1987, 144-5 e 149)

Em livro narrado a Yvonne do Amaral Pereira, Ressurreição e Vida, Leon Tolstoi, em tom reverente, descreve a impressão sentida ao deparar-se com Zaqueu, no Mundo Espiritual: "Dir-se--ia encontrar-me em presença de um daqueles discípulos do Nazareno, daqueles que, no anonimato, o seguiam em suas idas e vindas pelos contrafortes da Judeia e as planícies de trigo da Galileia." E, mais à frente, apresenta singular retrato do chefe dos publicanos de Jericó: "Semblante sereno, bondoso, enternecido, ainda jovem. Olhos cintilantes e perscrutadores, como alimentados por uma resolução invencível..."

O autor dos clássicos *Guerra e Paz*, *Anna Karenina* e *Ressurreição*, ainda nessas folhas, escreve que Zaqueu discursou com sentida emoção a um grupo de candidatos à reencarnação, falando-lhes, nesses termos, do seu encontro com Jesus: "A bondade do Mestre Galileu, honrando-me com uma visita e uma refeição em minha casa, eu, um renegado pela socieda-

- 12. Missão dos setenta discípulos – Lucas 10:1-13.
- 13. *Stromateis IV*, Cap.6, § 35.
- 14. Referido em João 1:45-51 e 21:1-2.
- 15. Mckenzie 2011, 589.

By Nicolaes Ryckmans

Apostel Bartholomeus, (1616) engraving, print on paper. Rijksmuseum, public domain





de porque um publicano tocou-me para sempre o coração, meus amados, conforme sabeis. Ele compreendeu as minhas necessidades morais de estímulo para o Bem, o meu aflitivo desejo de ser bom. Penetrou, com sua solicitude inesquecível, os mais remotos escaninhos do meu ser moral: contornou, com seu amor de Arcanjo, todas as aspirações do meu Espírito, filho de Deus, que sofria por algo sublime que lhe aclarasse as ações... E conquistou-me assim, por toda a consumação dos séculos... (...) Não, eu não o abandonei jamais, desde aquele dia em que passou por Jericó! Segui-o. E o pouco que ainda viveu depois disso teve-me em suas pegadas para ouvi-lo e admirá-lo. Eu não me ocultei das autoridades, receando censuras ou prisão, nem tive preconceitos, e tampouco me importunou a vigilância dos tiranos de Roma ou o despeito dos asseclas do Templo de Jerusalém. (...) Soube, é certo, da ressurreição que a todos revigorou de esperanças... Mas não logrei tornar a ver e ouvir o Mestre." (Pereira 2009, 19-20)

Muitos estiveram à mesa com Jesus, referem os Evangelhos. E muitos, dentre aqueles, é sabido, foram incapazes de aproveitar a sagrada oportunidade. Zaqueu soube transpor, a partir dali, e ao preço de renúncias e sacrifícios, a enorme distância que o separava do *Conviva Divino*.

Affonso Soares, amigo e confidente da Sra. Yvonne do Amaral Pereira, disse-me que a notável médium repetia sempre que Zaqueu, em sua última vida terrena, fora o venerável Bezerra de Menezes¹⁶.

Hoje, alma redimida, não mais carece voltar aos palcos das nossas aflições, é eleito de Deus. Ao descer do sicômoro – a morada das ilusões e vaidades humanas –, Zaqueu, intimorato, e de braços com a caridade, seguiu os passos daquele que é a Luz do Mundo, o Cristo Redentor.

Bibliografia

BAUCKHAM, Richard. 2011. *Jesus e as testemunhas oculares*. São Paulo: Paulus.

A BÍBLIA. 2008. [Tradução de João Ferreira Almeida]. Rio de Janeiro: King Cross Publicações.

CAMILO, Pedro. 2010. Yvonne Pereira – Uma Heroína Silenciosa. Bragança Paulista: Lachâtre.

CARCOPINO, Jerome. [s.d.] *A Vida Quotidiana em Roma no Apogeu do Império*. Antônio José Saraiva. Lisboa: Edição Livros do Brasil.

CESARÉIA, Eusébio. 2002. História Eclesiástica. [Wolfgang Fischer]. São Paulo: Novo Século.

CORASSIN, Maria L. 1988. *A Reforma Agrária na Roma Antiga*. São Paulo: Brasiliense.

FRANCO, Divaldo P. (Amélia Rodrigues, Espírito). 1987. *Primícias do Reino*. Salvador: LEAL.

GAMA, Ramiro. 2001. *Lindos Casos de Bezerra de Menezes*. São Paulo: LAKE.

MCKENZIE, John L. 2011. *Dicionário Bíblico*. IÁlvaro Cunha, Elsa Maria Berredo Peixoto, Gaspard Gabriel Neerick, I. F. L. Ferreira, Josué Xavierl. São Paulo: Paulus.

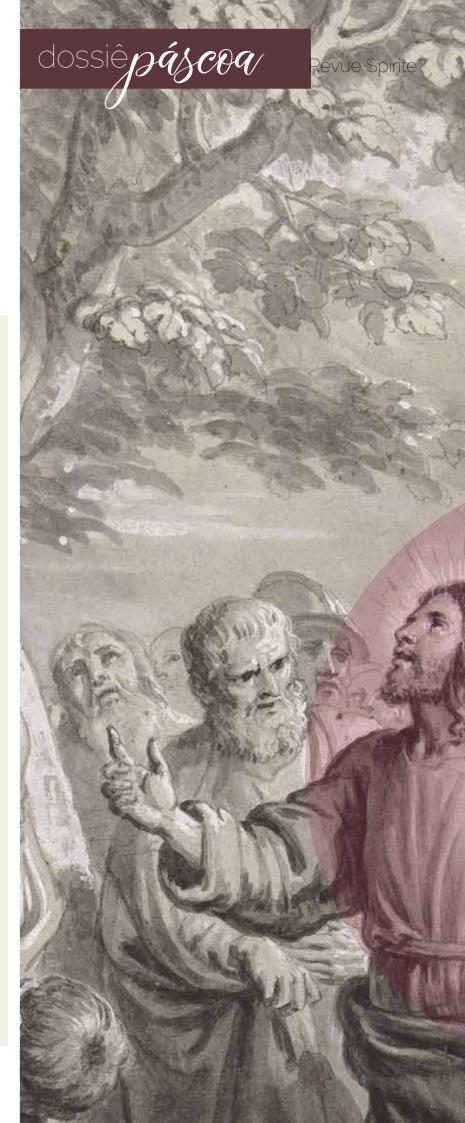
NICOLET, Claude. 1978. "Un Ensayo de Historia Social: el Orden Ecuestre en las postrimerias de la Republica Romana". *Ordenes, Estamentos y classes: Coloquio de historia social Saint-Cloud*, 24-25 de mayo de 1967. Madrid: SigloVeintiuno.

PEREIRA, Yvonne A. (Leão Tolstoi, Espírito). 2009. Ressurreição e Vida. Rio de Janeiro: FEB.

SALGADO, Plínio. 1978. *Vida de Jesus.* São Paulo: Voz do Oeste.

SCHOPENHAUER, Arthur. 2005. *O Mundo Como Vontade e Representação*. [Jair Barboza]. São Paulo: UNESP

XAVIER, Francisco C. (Humberto de Campos, Espírito). 1984. *Boa Nova*. Rio de Janeiro: FEB.



ALUÍZIO FERREIRA ELIAS*



Calvario

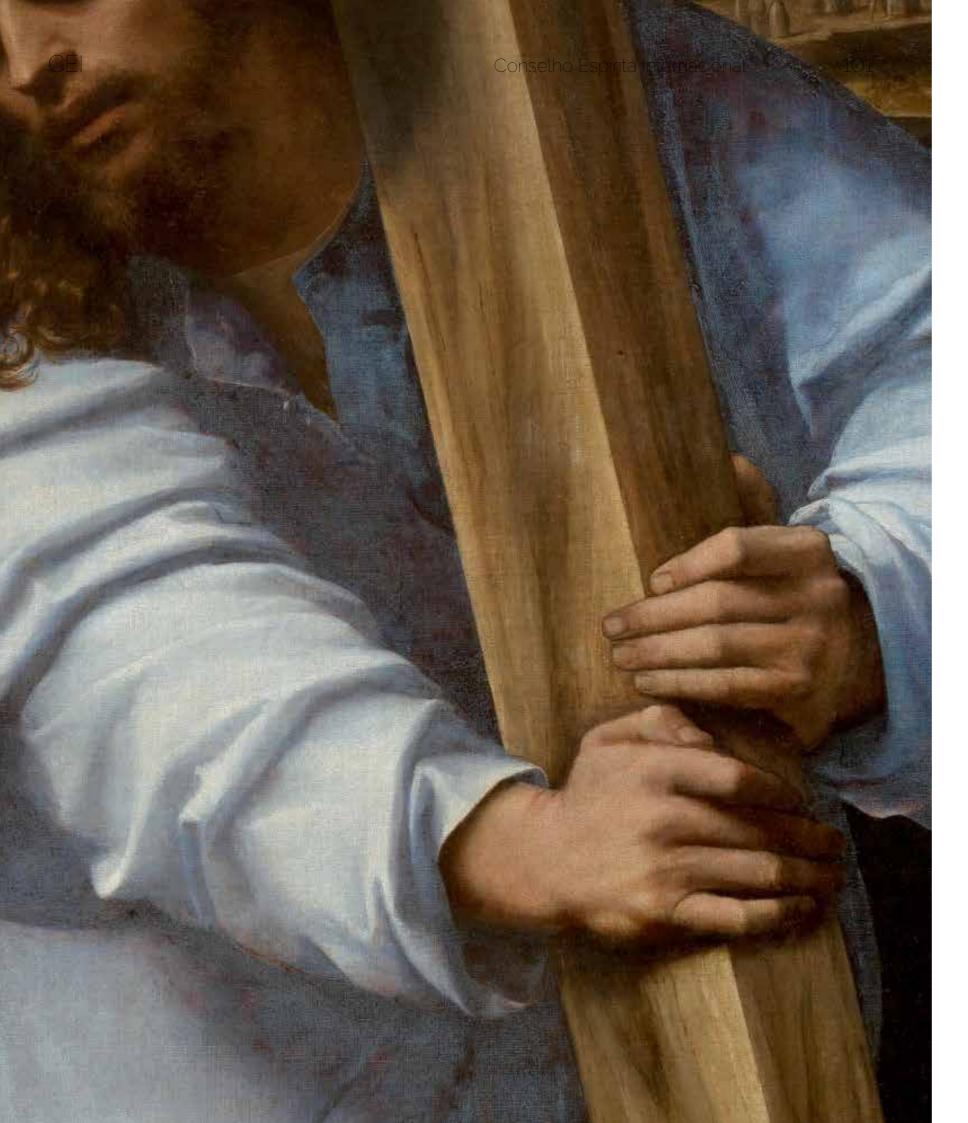


*Aluizio Ferreira Elias Colaborador do Grupo Espírita Eurípedes Barsanulfo de Uberaba/ Minas Gerais/ Brasil.

Resumo

O presente texto louva as luzes da Páscoa Cristã. Trata-se de um poema trágico inspirado no conto "A última tentação" de Humberto de Campos (Irmão X), psicografado por Francisco Cândido Xavier. Os versos relembram a coragem moral de Jesus, sua fidelidade integral a Deus e o seu amor incondicional pela Humanidade. Tudo expresso de forma viva, quando [em gesto extremo] perdoou os algozes do calvário e o discipulado que o abandonara. O Calvário, dessa forma, permanece como signo de ventura espiritual, quando o lume do Evangelho se fez mais potente. Cantá-lo, hoje, através da poesia é celebrar uma vez mais a glória do amor atravessando os séculos.

Palavras-chave Páscoa, Calvário, Jesus, Perdão.



I - Coro dos Homens

Libertem Barrabás! Queremos o guerreiro De que nos serve à luta o moço pacifista Mais útil é a espada do zelote justiceiro Que preza a força bruta, a guerra e a conquista

Esse que fala em reino, mas veste capa imunda Despreza o ouro e a púrpura, recusa o bom salário Não sabe o que é fortuna, há-de encolher o erário Parece não ligar se o grão prospera e a prata abunda

Ao carpinteiro a cruz, o lenho infamante Pois quem não empunha a lança da vitória E não crê que toda fome é vexatória Merece a morte lenta e o espinho lancinante

II. Coro dos Anjos

E assim, alçado à cruz no tétrico madeiro O Cristo, arfando o peito em hora extrema Procura o olhar de ente companheiro Entre o pesar e a luta [Lúbrigo dilema!]

Contempla austero o histérico magote E antes que o elã vital nele se esgote Busca algum irmão, um discípulo fiel Mas só constata a classe em debandada O dispersar caótico da tropa acovardada E sofre a soledade: que é o cravo mais cruel!

Restou-lhe apenas João, discípulo estimado Com ele, a sua mãe [Ah, cândida Senhora!] Mas reconhece um cão e o seu hostil rosnado Que logo se fez verbo em manhosa tentação Contra o Justo vitimado que sangra, sua e chora Cravando as quatro presas no excelso coração





III - Mefistófeles

Vê, Pastor, quão pandego é o redil caprino Vadios e assustados, alheios ao teu sermão Quem nega é o teu amado em palco matutino O alerta vem de um galo: "Desperta tu, Simão!"

Além, contemple o morto vencido pelo peso Da pequenina bolsa, contendo três tostões Teu Judas, tão querido, é quem gangorra teso E há quem passe ao lado, negando-lhe orações

Tiago, o de Alfeu, já se perdeu de vista Bartolomeu, Filipe: dois varões ocultos Tão pouco de Mateus existe alguma pista São doze fanfarrões; apenas tristes vultos Esquecem do teu nome, da palavra proferida E assistem, mas de longe, a dor de tua partida

Aceita, Emanuel, que agora estás sozinho Não tens amigo aqui; não tens o pão do afeto Por onde andam os tais, teu grupo mais dileto?! Pois, vem! Eu te darei conforto em meu caminho



IV - Coro dos Anjos

Hora nona e o rei ainda é cativo da tortura Será que ele sucumbe?! Será que desfalece?! Mas eis que ergue a fronte e esbanja sua bravura Envia aos quatros ventos sua derradeira prece

V - Cristo

Ouve, Senhor, o meu pranto mais sentido No vale vil dos homens, onde se comprazem Dei minha paz ao mundo e, por isso, comovido Suplico: Perdoa-lhes! Não sabem o que fazem!...

VI - Coro dos Anjos

Mefisto, constrangido, bateu em retirada Não suportou a glória daquele coração Que tolerara o apupo da turba perturbada E resistira ao dardo letal da tentação

Após, jazia o corpo sepulto em funda lapa O Ser, entanto, retornou ao trono merecido Depois de ter transposto a última etapa Do itinerário crespo já pré-estabelecido

E herdamos, hoje, o lume de sua valentia Que transmutou a cruz da morte em poesia

Bibliografia

XAVIER, Francisco C. (Irmão X, Espírito). 2011. *Contos e Apólogos*. Rio de Janeiro: FFR

Image by **Sebastiano del Piombo** "Christ carrying the cross", Details (1516), oil on canvas. in Museo Nacional del Prado



Espiritismo com Crianças e Jovens cristiane lenzi beira*

Resumo

Allan Kardec discorre a respeito da educação como principal fator de transformação social, em especial por fazer com que os maiores vícios geradores de conflitos – o egoísmo e o orgulho – sejam banidos. O Codificador do Espiritismo, porém, destaca que não se refere à educação formal, recebida na forma de transmissão de conhecimentos e informações, mas à educação moral, capaz de reformar caracteres. O planeta Terra se aproxima de uma nova era, chamada de regeneração, quando uma nova sociedade irá surgir, construída pelo que o Espiritismo chamou de uma "nova geração" de Espíritos que reencarnam com a tarefa de disseminar a caridade, a fraternidade, a benevolência para com todos, a tolerância para todas as crenças e o sentimento inato do bem. Para isso, no entanto, contam com a orientação dos adultos que por eles são responsáveis, oferecendo-lhes, além da educação cognitiva, igualmente (e quiçá de maneira preponderante) a educação ética e moral, a fim de os prepararem, não para atenderem apenas às demandas do ego e das projeções sociais, mas principalmente para vivenciarem os valores do Cristo, construindo uma sociedade mais fraterna, que prioriza os valores do espírito sobre os da matéria.

Palavras-chave família, educação moral, geração nova, regeneração.





Espiritismo e Educação

Ao analisar a situação na qual a sociedade humana se encontrava àquela época, Allan Kardec, a partir do ponto de vista espírita, defendeu a opinião de que o equilibrio social e a harmonia coletiva, somente seriam alcançados mediante adequada atenção à educação. Enquanto a maioria dos pensadores da época enfatizava o papel da economia como principal fator equilibrador social, o mestre lionês afirmava que essa regulação – produção x consumo – não seria suficiente, sendo a educação a real fomentadora das mudanças necessárias para a harmonia coletiva. Mas ressaltava que a educação à qual se referia não era aquela que buscava unicamente a divulgação de informações e a garantia de transmissão de conteúdos. Kardec referia-se à "educação moral", que transforma, desperta a consciência, prepara o indivíduo para o uso equilibrado e consciente do livre-arbítrio, capacita-o para lidar com as emoções, refreando os instintos e atavismos e que, por fim, "gera ordem" e "previdência para consigo mesmo e para com os seus" (Kardec 2013a, 319).



*Cristiane Lenzi Beira

Escritora e Palestrante. Coordenadora do Grupo de Estudos da Série Psicológica de Joanna de Ângelis e da Evangelização Infanto-juvenil da Sociedade Espírita Esperança, em Amparo-SP. O Espiritismo, a respeito da transformação social necessária, geradora de um novo mundo, o de regeneração, explica que tal processo se dará por meio da instalação de uma nova geração, que se responsabilizará por um enorme progresso: "o de fazerem que entre si reinem a caridade, a fraternidade, a solidariedade, que lhes assegurem o bem-estar moral" (Kardec 2013, 357). E isso corrobora o pensamento de Kardec a respeito da educação moral como meio de se construir uma sociedade mais humanitária.

Para que esse processo de mudança de valores aconteça, no entanto, é fundamental que entraves como "instituições antiquadas, restos de outra idade, boas para certa época" (quando se acreditava, por exemplo, que apenas a inteligência intelectual seria suficiente para a garantia de um progresso geral), sejam transpostos, oferecendo condições para que novas formas de mentalidade, mais éticas e conscientes, surjam, com o propósito de "elevar o sentimento", destruindo "tudo o que superexcite neles [nos seres humanos] o egoísmo e o orgulho".

É por isso que, atualmente, a elaboração de novos modelos de educação tem sido considerada fator preponderante para a transformação social e, de fato, complementarmente aos ensinos cognitivos, existe uma crescente oferta de projetos paradidáticos, que buscam desenvolver as habilidades socioemocionais e ampliar a consciência cidadã, por meio de reflexões e vivências éticas e morais. As escolas estão se preparando e equipando para incluir essa área do desenvolvimento humano em sua grade curricular.

A OCDE, ao lançar o projeto *The Future of Education and Skills 2030*, explica que é essencial que a educação de hoje ofereça condições para que as crianças "abandonem a noção de que os recursos são ilimitados e estão disponíveis para serem explorados". Precisam, igualmente, compreender o valor da "prosperidade coletiva, sustentabilidade e bem-estar", e serem preparadas para se responsabilizarem por colaborar mais do que por competir, garantindo, dessa forma, um futuro mais "sustentável para pessoas, planeta e paz, através de parcerias (tradução da autora)".

Mas além do ambiente escolar, e talvez mais importante ainda, é a atenção ao contexto familiar, onde, de fato, acontece a maior parte do desenvolvimento psicológico infantil, a educação emocional ganha vida, e se desenvolvem importantes fatores influenciadores de um mundo mais humanizado e ético. É por conta disso, que os benfeitores espirituais, em nosso tempo, advertem-nos em relação a um maior cuidado para com as famílias. Joanna de Ângelis nos alerta quanto à situação na qual nos encontramos: "a família esfacelou-se, a comunhão doméstica transtornou-se, a sombra coletiva passou a dominar o santuário do lar e a desagregação substituiu a união" (Franco 2014, 63). Como seria possível, então, diante dessa constatação, a instalação de uma nova sociedade, regenerada, se suas células-base

se responsabilizarem por colaborar mais do que por competir, garantindo, dessa forma, um futuro mais sustentável para pessoas, planeta e paz, através de parcerias





 as famílias – estão desestruturadas e, por consequência, relativamente inadequadas para a formação da nova geração?

O Espiritismo afirma que os pais exercem "grande influência" sobre os filhos e que "têm por missão desenvolver [...] seus filhos pela educação. Constitui-lhes isso uma tarefa. Tornar-se-ão culpados, se vierem a falir no seu desempenho." (Kardec 2013a, 138). Estariam, os pais, em especial os espíritas, diante da atual conjuntura globalizada, na qual se priorizam valores como posse, status, aparência, poder e ego, conscientes de sua verdadeira missão? Teriam forças para "nadar contra a correnteza" e garantir a seus filhos uma educação moral, ainda que tal postura se contraponha aos padrões estabelecidos pela massa coletiva? Parece que a sociedade moderna prefere ver crianças crescerem para conquistar o mundo, em termos de projeção social, atendendo as demandas do ego, do que prepará-las para desempenharem a tarefa que lhes cabe enquanto espíritos, responsáveis por colaborar com as transformações coletivas e altruístas, atribuídas à nova geração. Assim sendo, é importante que os adultos - referências do mundo infantil - se conscientizem quanto à sua participação e responsabilidade, enquanto é tempo, para não virem a lamentar, futuramente, quando caírem em si a respeito do que realmente importa na vida: "os tesouros do céu" (Mateus, 6:20).

Bibliografia

FRANCO, Divaldo. (Joanna de Ângelis, Espírito). 2014. *Psicologia da Gratidão*. Salvador: Leal.

KARDEC, Allan.2013. A Gênese. Brasília: FEB.

KARDEC, Allan.2013a. *O Livro dos Espíritos*, Brasília: FEB .

OECD *The future of education and skills – Education 2030.* Disponível em: https://www.oecd.org/education/2030/E2030%20Position%20Paper%20(05.04.2018).pdf. Acesso em: 1 abr. 2020.

Meus Filhos.

Que Jesus nos abençoe e guarde sempre, meus filhos!

Recentemente nosso amigo e mentor, Bezerra de Menezes, nos trouxe um convite de Celina para assistirmos a uma recomendação que seria dada aos trabalhadores de Nossa Mãe Santíssima.

Falou-nos, a nobre emissária, que precisamos, em todos os trabalhos que realizamos no campo de implantação do Evangelho no coração das criaturas, pensar que a atualidade nos propõe uma mudança de ferramentas para tratar o solo e fazer brotar as grandes plantas, que um dia darão os frutos da Regeneração na Terra.

E esclareceu que estamos como o lavrador que já cultivava um solo há muitos anos e foi convidado a trocar de local de plantação. Inicialmente se incomodou e se entristeceu, pois já conhecia a terra e suas características com muita maestria, porém, logo se encheu pelo ânimo do desafio que lhe foi proposto pelo Senhor.

Trocado o local de plantar, viu que as ferramentas antigas não mais serviam, que ali era preciso carpir o terreno e sulcar mais fundo para alcançar as proteínas do solo que fariam crescer as plantas. Então, cresceu o esforço e o suor, as lágrimas e as apreensões.

No fim, porém, narrou Celina, o solo dado pelas novas ferramentas multiplicou a cem por um, pois não conhecia as viciações do antigo, não conhecia o descanso da acomodação do lavrador, cedia com mais facilidade àquelas sementes que eram trazidas e comungava com as intenções de fazer crescer.

Conselho Espírita Internacional 1. Adelaide Augusta Câmara (Natal, 1874 - Rio de Janeiro, 1944) foi uma das mais notáveis figuras femininas do Espiritismo no Brasil. Por volta de 1898 surgiram as primeiras manifestações das suas faculdades mediúnicas, numa altura em que Bezerra de Menezes dirigia os destinos da Federação Espírita Brasileira. Foi sob a sua orientação que iniciou o mandato mediúnico, na área da psicografia. Pouco depois, outras faculdades despertariam, como a incorporação, a audição, a vidência e a cura, além da notável faculdade de bilocação, que lhe permitia deslocar-se em "desdobramento fluídico", sendo visível o seu corpo perispirítico, atuando junto de doentes de diferentes lugares do Brasil. Deixou uma admirável obra literária espírita, em prosa e em verso, que assinava com o pseudónimo com que acabou por ser mais conhecida: Aura Celeste. (Nota dos editores)

Assim, fechou a emissária da Santíssima, este trabalho do bem a que todos se dedicam, de levar o Evangelho às criaturas, crescerá pelas ferramentas novas e dará alegrias ao lavrador e os celeiros serão pequenos para abrigar a colheita farta.

Meus filhos, sejam vós os lavradores esforçados para o momento novo e garantam a sua função de obrar para o Senhor. Jesus espera de todos nós as lágrimas do trabalho e os dias alegres que virão.

Que Jesus nos guarde, meus filhos, vossa irmã,

Adelaide Augusta Câmara¹ (Aura Celeste)

Espiritismo e Sociedade

HUMBERTO SCHUBERT COELHO*

O LEGADO LITERÁRIO

de Suely Caldas Schubert
reflexo de uma vida espírita



*Humberto Schubert Coelho

Trabalhador da Sociedade Espírita Primavera. humbertoschubert@yahoo.com.br primeira vez, sobre o legado literário de Suely Caldas Schubert. A perspectiva de neto e por boa parte de minha vida frequentador do mesmo centro espírita caracterizam um ponto de partida muito peculiar para este ensaio; um ponto de partida que condicionará vantagens e desvantagens únicas, mas que assumimos como oportunidade de ofertar algum acréscimo ao muito que já se sabe sobre a autora e sua obra.

São coletivamente reconhecidas como justas, por diversos motivos, a apreciação e a análise do impacto da obra de Suely Schubert sobre o Movimento Espírita.

Em primeiro lugar, cabe mencionar o pioneirismo desta que foi talvez a palestrante de maior destaque do sexo feminino. Conquanto a cultura espírita seja a mais inclusiva entre todas as culturas religiosas - assumindo que ao menos culturalmente o Movimento Espírita expressa-se mais ou menos como um movimento religioso - é também verdade que o cenário social brasileiro das décadas de 1970 a 1990 não era tão convidativo e estimulante para mulheres desacompanhadas dispostas a viajar por todos os rincões. O que algumas décadas antes teria sido impossível, na última terça parte do século XX pode ter parecido natural a muitos, mas nem por isso confortável para os que aceitavam o desafio, de modo que tal era a função das personalidades mais fortes e determinadas. Algumas das barreiras ao sexo feminino que hoje identificamos com precisão não eram então sequer percebidas, tal era a naturalidade com que se sustentavam preconceitos verdadeiramente tácitos, quase inconscientes.

A esses desafios invisíveis e constrangimentos não tão imperceptíveis da época, somavam-se dificuldades de ordem pessoal. A vida financeira e familiar exigia seus cuidados específicos, e entre a escrita prolífica e as atividades na Sociedade Espírita Joanna de Ângelis ou na Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora era natural que a administração do tempo fosse difícil. A mais grave das funções da escritora, contudo, eram os atendimentos espirituais. Célebre por seu conhecimento teórico-prático sobre a desobsessão, pessoas conhecidas ou desconhecidas, locais ou distantes, procuravam-na na esperança de algum alívio para aflições geralmente ligadas à mediunidade, mas, às vezes, também de qualquer outro tipo.

Era muito comum chegarmos a casa da minha avó, com hora marcada ou casualmente, e encontrarmos ali pessoas que traziam variados e quase sempre graves problemas pessoais. Sabíamos de pessoas que ligavam desesperadas a alta madrugada para pedir socorro e atendimento es-



Outra face digna de menção é a fundação de enorme número de grupos mediúnicos, em todas as partes do Brasil, alguns no exterior. Tornada referência em mediunidade, as pessoas procuravam-na quando não logravam sucesso na formação de reuniões mediúnicas, e aproveitavam o ensejo de uma palestra para contar com uma visita de "consultora" ou "assessoria" na prática mediúnica.

Tais idiossincrasias, contudo, servem-nos aqui apenas de preâmbulo à apresentação da literatura de Suely Schubert. Como ela mesma diz – tendo, num primeiro momento, se negado a responder às minhas pergun-

tas para esta matéria - a pessoa tem seus defeitos e limitações, e grande parte de seus méritos deixam notar, mais de perto, a presença de grande número de amigos e colaboradores da seara espírita. Ainda acostumados ao destaque dos indivíduos, algumas vezes nos esquecemos de que quase todas as obras contam também com ambiente adequado, instituições fortes e o amparo de grande número de figuras cujo suor permanece oculto nos bastidores. A obra, por outro lado, tem vida própria, e seus méritos são objetivos, estão ali para apreciação universal.

De um modo geral, pode-se descrever a literatura de Suely como intimista, porque expõe com franqueza posições pessoais e vieses, não revelando qualquer preocupação em impressionar o leitor. Lê-se em seus livros exatamente o que a autora pensa, e o que pensa geralmente está ligado ao uso ou proveito que aquele texto pode ter. O estilo é elegante, sem formalidade. O beletrismo natural da autora não resvala em hermetismo, e o texto eleva sem dificultar a leitura. A personalidade de Suely é sumamente avessa à intriga, ao sensacionalismo, à afetação

e aos artifícios retóricos que objetivam o choque, fazendo com que o texto destoe, por isso, de uma grande parte da literatura espírita mais recente.

123

Contrariamente ao que muitos pensam antes de efetivamente ler os livros, suas obras são inteiramente autorais e não psicográficas, mas ela registra inspiração em todos os textos, alguns mais que outros. Como é típico aos médiuns inspirados, os horários estabelecidos para a redação muitas vezes são burlados por eclosões espontâneas de ideias, que podem acontecer a qualquer horário, inclusive durante o sono, levando-a a registrar o pensamento às vezes imediatamente.

Obsessão/Desobsessão, a primeira peça escolhida para nossa consideração sobre o lugar da obra de Suely na cultura espírita, não apenas exemplifica as características supramencionadas como sintetiza a visão kardequiana da autora. Separado em curtos tópicos que cobrem as definições fundamentais, os problemas e o funcionamento dos processos obsessivos e das terapêuticas desobsessivas, o livro reflete tanto o propósito didático quanto o atomismo analítico de Kardec.

Em 1978, Suely era diretora do Departamento de Orientação da Mediunidade na Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, e, diagnosticando uma demanda permanente de instrução e debate sobre a prática desobsessiva, organizou um seminário. Para este seminário - e prevendo a utilidade futura de trabalhos semelhantes - escreveu uma apostila com mais de 50 páginas. Como destacamos antes, a trajetória formativa propiciada pela família e pelo Centro Espírita foram fundamentais para criar essa especialização em mediunidade. Uma avó de Suely desde o século XIX já era espírita e médium; e o Centro Espírita Ivon Costa havia reunido nos anos 1960 e 1970 um time tão extraordinário de trabalhadores que até hoje muito se fala de sua diversidade de talentos e grande dedicação, com destaque para seu grupo mediúnico. O seminário e a apostila foram muito bem recebidos pelos presentes, e a notícia correu, chegando à própria FEB. O então presidente da FEB Francisco Thiesen teria comentado com ela que o material merecia ser transformado em livro, enfatizando o caráter original e a grande utilidade da obra.

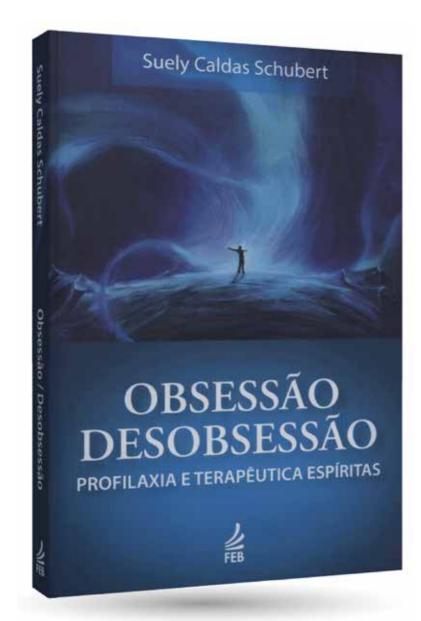
Francisco Thiesen, que prefacia o livro, escreveu: "Este compêndio foge à teorização excessiva e à inovação sem proveito, destacando-se no informar e esclarecer, instruir e consolar, adequando e dosando os ensinos segundo o desdobramento de roteiro inteligente aliado às necessidades da desobsessão" (Suely 1981).

De fato, o livro reúne as condições raras da despretensão e da alta qualidade. Seu propósito eminentemente prático e consolador se manifesta no chamamento ao autoexame consciencial e moral, sem o que qualquer fórmula é mero rito exterior. Não cai, contudo, nos vícios muito frequentes de discursos espíritas ingênuos, como a pieguice e a visão açucarada do quadro. O leitor experimenta vivamente as angústias, os escolhos e os riscos envolvidos no doloroso processo, mas vislumbra também, na esteira de Kardec, Denis e outras grandes referências da filosofia espírita, que os calhaus do caminho são também o material com que as almas experientes pavimentam a estrada da ascensão.

Confesso minha preferência pessoal pelo oitavo capítulo, "A escravização do pensamento", que destaca a responsabilidade dos sócios (obsessor e obsidiado) no relacionamento tormentoso.

Ao lado de *Obsessão/Desobsessão*, que se tornou um clássico sobre o tema e consolidou firmemente a reputação de Suely como especialista em obsessão e desobsessão, suas duas obras biográficas experimentaram sucesso invulgar.

Entrementes, Suely e Thiesen tornaram-se amigos, e este concebeu a ideia de lhe entregar um acervo de cartas de Chico Xavier para que ela escrevesse uma análise das mesmas. A presidência da FEB passara a Wantuil de Freitas, que acumulou ampla



1991, 19)

correspondência com Chico entre 1943 e 1964. A princípio, Suely negou o convite, mas após a insistência de Thiesen reconsiderou.

A acolhida extremamente favorável de *Testemunhos de Chico Xavier* por parte do público se deveu, talvez, àquele mesmo tom intimista que a autora habilmente usa para construir quadros muito sinestésicos que aproximam ela, leitor e biografado. A personalidade cativante e alguns detalhes até então desconhecidos da vida do grande médium certamente contribuem para tornar o livro fascinante, mas o mérito literário de Suely é o de colocar o leitor em um "relacionamento" com Chico Xavier, ao mesmo tempo em que o texto transborda com a presença da própria autora, cuja veneração pelo biografado é inequívoca.

Significativa parcela da força do livro, portanto, tem a ver com a capacidade de construir uma narrativa que manifesta admiração sem soar idólatra, e que é tanto uma descrição quanto um encomio.

Apesar do estilo fino e rebuscado, o intimismo psicológico de Suely leva-nos a sentir a subjetividade de Chico, o que um tom jornalístico ou uma crônica dificilmente poderiam oferecer. Comparado aos demais textos sobre a intimidade e os casos da vida de Chico Xavier - e há muitos excelentes - Testemunhos não nos impressiona pelo que diz sobre Chico, e sim pelo que diz de Chico. É claro, isso que o texto nos revela sobre a intimidade psíquica de Chico Xavier é já uma construção do olhar de Suely, mas uma construção plausível, persuasiva por força da qualidade e profundidade da interpretação espírita-cristã dos fatos que apresenta, e isso torna essa biografia única.

No prefácio, por exemplo, Suely escreve: "As lutas, as dores, as perseguições são ín-

"As lutas, as dores, as perseguições são intimas companheiras do médium e lhe maceram o corpo e a alma, afixando cicatrizes profundas.

São as "marcas do Cristo" de que nos fala o apóstolo Paulo.

O seu maior livro é a sua vida, que ele escreve página a página com as tintas do próprio suor, com sofrimentos e lágrimas na jornada sacrificial a que se impôs. Entretanto, fá-lo com amor e por amor. A sua obra psicográfica e caritativa é a mais eloqüente lição de Doutrina Espírita." (Suely

O semeador de estrelas tira proveito dos mesmíssimos benefícios de abordagem, sendo também vazado pelos privilégios de um relacionamento mais estreito e duradouro entre a autora e o biografado, Divaldo Pereira Franco.

Aqui cabe mais uma digressão histórico-biográfica. Suely passou a frequentar a mocidade do Centro Espírita Ivon Costa

Aqui cabe mais uma digressao historico-biográfica. Suely passou a frequentar a mocidade do Centro Espírita Ivon Costa aos 14 anos. A maioria dos membros, que a convidaram, tinha 18. Após dois anos, ela começou a fazer seus primeiros estudos, sendo que dois marcaram-na particularmente: "Precursores do Espiritismo desde Swedenborg" e "Tipos de Mediunidade". Observa-se que a jovem tinha já um gosto pelos dois temas fundamentais de sua obra, as análises histórico-biográficas e a mediunidade.

Pouco depois, tomando notícia de um novo orador de extraordinário talento por meio de periódico espírita, Suely decidiu escrever ao jovem e famoso palestrante para agendar um estudo. Começava com essa singela carta uma amizade de mais de meio século entre ela e Divaldo.

Todas as vezes que Divaldo veio a Juiz de Fora hospedou-se na casa de minha avó – e aqui, particularmente, cabe usar o recurso do intimismo tão caro a Suely para apresentar o quadro da forma como eu o experimentei desde muito pequeno. As visitas anuais de Divaldo à nossa cidade eram ocasião especial para a família. Suely fazia um almoço especial e nos reuníamos todos no dia da palestra ou na manhã seguinte. Era um momento familiar e ao mesmo tempo muito espiritual, pois impactava a todos a índole animada e gentil do grande médium e orador.

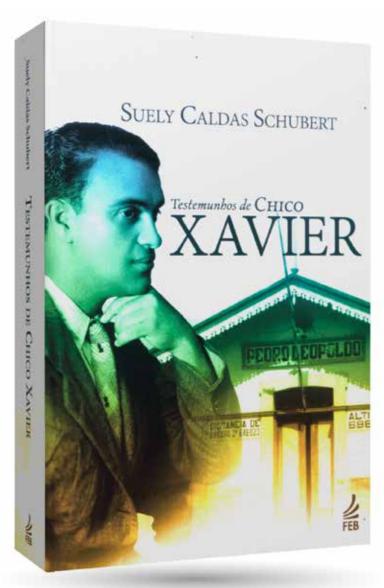
Esta amizade – ou, possivelmente, um relacionamento prévio ao próprio encontro – rendeu também um tipo de proximidade entre Suely e Joanna de Ângelis, que teria inspirado a escrita do livro. Ela é extremamente reservada quanto aos contatos com esse Espírito, mas é impossível deixar de observar a devoção que tem por ele e a impressão de sublimidade que sua presença provoca na autora.

Antes mesmo de terminar o livro, Suely mantinha contato com Divaldo e outras pessoas que poderiam fornecer casos e relatos. A impressão geral do médium baiano era a de que o livro pouco acrescentaria, mas minha avó sempre foi notoriamente insistente e, uma vez convencida, sabe fazer valer sua posição. Diante do resultado final Divaldo teria dito "Suely, estou lisonjeado e comovido, mas esta figura que você retrata é uma idealização sua. Você me idealizou. Quisera eu ser assim".

Ela não me transmitiu sua resposta, e não sei se sequer respondeu algo, mas tenho para mim que além de crer justo o enaltecimento da figura de Divaldo Franco ela compreendia que o livro tinha propósito de expor a virtude e a grandeza do trabalhador por trás da face pública, como ocorrera também em Testemunhos de Chico Xavier. Em outras palavras, sem exageros e enaltecimentos, as biografias não tinham a pretensão de apresentar descrições frias de um historiador, e sim de, através dos fatos, erigir monumentos de reconhecimento a essas figuras, importantes para ela e para a comunidade espírita.

Uma passagem me chama a atenção em *O semeador de estrelas*. Divaldo questiona Joanna de Ângelis, talvez com uma ponta de constrangimento ou ressentimento, pelo fato de ela escrever com rebuscamento, ao que ela responde:

"Porque o Espiritismo é, acima de tudo, uma doutrina de cultura e nós não devemos adotar a gíria ou uma linguagem vulgar para facilitar o nível da conversação. Vamos utilizar uma linguagem que eleve o grau de entendimento da criatura. Quando o homem era primitivo, grunhia. A tendência para a civilização deu-lhe o vocabulário, beleza e construção de frases. Mede-se o nível de evolução do indivíduo pela forma que ele tem de se expressar. Não apenas pela forma, mas também pelo conteúdo, no entanto, a maneira de vestir a ideia é-lhe importante." (Suely 1998, 15-16)

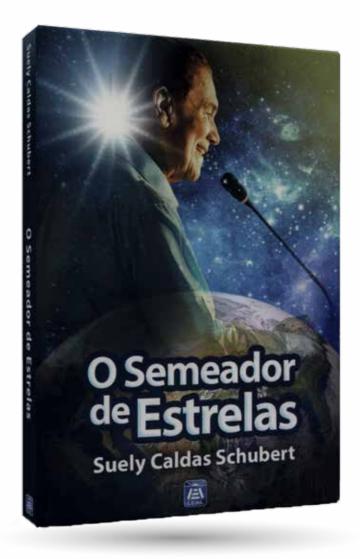




Na época em que a educação naufraga, e a informação abunda desordenada e sem diretriz, pode parecer preciosismo e capricho esse cuidado com a língua, com a forma, mas se pensarmos que todas as almas hábeis e capazes exploram da melhor maneira todas as ferramentas à mão, notoriamente as ciências e as artes que o gênio dos grandes Espíritos sabe domesticar e pôr a serviço da elevação coletiva, não nos deve estranhar que a literatura espírita (a boa, a original...) se valha dos estilos mais apurados, sem perda de objetividade e praticidade.

Ao final, percebe-se que os dois grandes temas abordados pela pena de Suely possuem uma forte e inevitável conexão. Seus biografados são médiuns, e as biografias contam sobre suas vidas enquanto médiuns, tanto quanto exemplos de lucidez e estatura moral. É fundamental, portanto, observar que a obra de Suely não se desvia ou afasta dessa que é preocupação central da vida da autora, a mediunidade enquanto pilar fundamental da vida espírita.

Hoje, como nossa compreensão acerca da mediunidade perdeu parte de sua significação original, nutrimos noções variadas sobre, ora uma suposta "ausência de mediunidade", ora excessivos cuidados e preocupações que afastam as pessoas da prática mediúnica, como se hermética e antinatural fosse, ou ainda visões mágicas e oportunistas da mediunidade como veículo de ascensão social e autopromoção. Para esses males, hoje mais do que nunca, a obra de Suely Schubert tem o papel de remédio, tanto preventivo quanto curativo.



Bibliografia

SCHUBERT, Suely C. 1981. Obsessão / Desobsessão. Rio de Janeiro: FEB.

SCHUBERT, Suely C. 1998. O semeador de estrelas. Salvador: Alvorada Editora.

SCHUBERT, Suely C. 1998. Testemunhos de Chico Xavier. Brasília: FEB.

Entre Vista

Suely Caldas Schubert





A física quântica alargou os horizontes mentais de quantos se interessam por uma nova era, evidenciando que não há limites para a evolução humana. A busca, hoje, envereda pelos campos da Espiritualidade.*

*SCHUBERT, Suely C. 2010. *Mentes Interco*nectadas e a Lei de Atração. Santo André, SP: EBM Editora.

Entrevista

Suely Caldas Schubert, a incansável trabalhadora da seara do Mestre, aceitou conceder à Revue a entrevista que se segue, honrando-nos com a partilha da sua longa experiência e participação em diversas frentes, enquanto espírita, médium, palestrante e escritora, neste Movimento que é de Jesus...

1 - Tendo nascido numa família espírita, qual é a sua primeira memória relativa aos ensinamentos ou à conduta espírita?

Recordo-me que nos meus quatro ou cinco anos de idade, minha querida mãe, Zélia, colocava-nos, à noite, as três filhas, em suas caminhas, sentava-se bem pertinho, e nos ensinava uma pequena prece que juntas repetíamos, depois decoramos. Muitos anos mais tarde, descobri esta prece em *O Evangelho Segundo o Espiritis-mo*, na Coletânea de Preces Espíritas, a de número 39, para a hora de dormir. Foi uma emoção enorme, compreendemos que mamãe a havia lido e nos ensinava, com muito amor.

2 - Quais acredita serem os principais desafios que os médiuns espíritas enfrentam no exercício da sua faculdade?

São muitos os desafios, desde os primeiros indícios do desabrochar da faculdade.

Quando tais indícios ocorrem com naturalidade, logo o próprio médium terá imediato entendimento do processo, irá em seguida procurar quem o possa orientar, sendo encaminhado por alguém, para um Centro Espírita. Neste momento começa a vivência de seu compromisso, assumido antes da atual reencarnação. Ao longo dos anos terá de enfrentar muitos desafios, sendo o mais necessário e importante a sua transformação moral. Diante de situações extremas, lembrar que sendo espírita deve pensar e agir como espírita.

Diante de situações extremas, lembrar que sendo espírita deve pensar e agir como espírita

3 - Qual ou quais as experiências que mais a marcaram no exercício da sua mediunidade?

Aos nove anos de idade comecei a ler os livros espíritas do meu pai, pequenos romances, depois enveredei por alguns novos de Emmanuel, estou falando dos anos 40. Mas sempre fui uma leitora compulsiva (até hoje), e lia também outros autores não espíritas. Mais adiante, já no Centro Espírita Ivon Costa (Juiz de Fora MG), trabalhando como evangelizadora, aos domingos pela manhã, durante algum tempo, simultaneamente participava da Mocidade do Ivon Costa, estava com 16 anos, mas os demais participantes eram adultos, com idades entre os 20 e os 25 anos. Por essa época, fui avisada de que o Mentor da Casa, numa orientação ao Presidente, indicou que



Por outro lado, sabia, intimamente, que meu trabalho seria o de atender aos casos de obsessão, daí os meus estudos focados no tema obsessão/desobsessão, ao longo dos anos, e mais que isso, trabalhando nessa área, nas reuniões específicas. Foi o que me levou, 25 anos mais tarde, a escrever o meu primeiro livro, Obsessão/Desobsessão, Profilaxia e terapêutica espíritas. Continuo ainda no



Responsabilidade nas tarefas abraçadas. Entender que não é fácil trabalhar em equipe, não estamos acostumados, portanto paciência e respeito com as ideias do companheiro que ainda não alcança o que você já sabe



meu trabalho como médium nas reuniões de desobsessão - há mais de 60 anos - igualmente no atendimento a casos de obsessão junto das pessoas obsidiadas, mas também, e constantemente, trabalhando, especificamente, em favor das instituições espíritas de maneira geral.

Quero enfatizar algo fantástico: nessas décadas de trabalho nas reuniões mediúnicas, semanais, nunca uma reunião foi igual a outra; todas são absolutamente diferentes. Quem a programa é a equipe espiritual, daí o fato de não sabermos o que acontecerá a cada semana, ensejando-nos surpreendentes ensinamentos.

4 - Que recomendação daria àquelas pessoas que desejam muito ser médiuns ostensivos para poderem ver/ouvir os Espíritos?

133

Que se mantenham atentos pois irão ouvir, e ver - se for o caso - principalmente os Espíritos malévolos, inferiores, necessitados, mal-intencionados, inclusive com o propósito de os prejudicar; raramente Espíritos de maior elevação, embora possam perceber a presença do seu Guia espiritual, seu Protetor, e, talvez, alguns familiares desencarnados. Mas, atenção: tudo isto englobado e juntamente com o trabalho no campo do Bem, na Vinha do Senhor Jesus, isto sim, é o nosso compromisso, que nos resgatará do passado sombrio.

5 - Se as suas mãos falassem, o que diriam?

Vamos aplicar passes, enquanto as forças nos permitam.

6 - Do seu longo contacto com os médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco, poderia contar-nos um episódio, com cada um deles, que guarde com especial carinho?

Quando fomos, meu marido e eu, a Uberaba, para conhecer pessoalmente o nosso queridíssimo Chico Xavier, este, quando me viu pela primeira vez, na vida atual, olhou para mim, que iame aproximando dele e falou meu nome e o motivo pelo qual eu fui procurá-lo, inclusive o nome do Espírito que estava presente, confirmando que

ele havia ditado o texto da mensagem que eu psicografara. Minha emoção foi de muita alegria e nem tive forças para falar qualquer coisa, a não ser abraçá-lo. Depois falou o nome do meu esposo e o abraçou com muito carinho. Era o ano de 1960.

Com relação ao nosso amado amigo Divaldo, que nos deu a honra de ser nosso hóspede por mais de cinquenta anos, nem sei o que dizer, por ter muito o que narrar. Ele viu meus filhos crescerem, pois vinha anualmente a Juiz de Fora, onde resido. Só sei que o tempo passou num átimo, e quando nos demos conta, já havia passado. Foi um sonho? Sabe que eu não sei?





7 - Que mensagem gostaria de deixar aos médiuns que povoam o nosso Movimento?

Trabalho no campo da mediunidade com Jesus, conforme a Doutrina Espírita, com muito amor. Persistência. Estudo. Responsabilidade nas tarefas abraçadas. Entender que não é fácil trabalhar em equipe, não estamos acostumados, portanto paciência e respeito com as ideias do companheiro que ainda não alcança o que você já sabe. E lembre-se: você é médium, esteja onde estiver e a qualquer momento.

8 - Como caracterizaria o Centro Espírita ideal, nestes tempos de inevitáveis lutas individuais e coletivas?

Tempos muito complicados, tempos de testemunhos. O Centro Espírita ideal será aquele que tenha a Codificação de Allan Kardec como meta prioritária, aliada à transmissão de consolo e esclarecimento como propostas do Evangelho de Jesus. Além disso, seria aquele Centro Espírita que, mantendo as portas abertas aos necessitados de todos os matizes, sem qualquer tipo de preconceito, procurando fazer com que o amor esteja permeando todos os corações e toda a Casa, nos trouxesse à lembrança a Casa do Caminho onde Pedro. João e Tiago iniciaram o atendimento aos necessitados. Importante cuidar especialmente da evangelização da criança, do jovem e do adulto. Reuniões públicas, com palestras de oradores que abordassem temas atuais, tendo, porém, o cuidado de transmitir os princípios da Doutrina Espírita embasados nas diretrizes do Evangelho. Grupos de estudos; manter aproximação fraterna com as demais instituições espíritas. Grupo mediúnico, adotando os critérios da mediunidade fundamentada em *O Livro dos Médiuns* e obras subsidiárias fiéis. Teríamos muito ainda o que acrescentar.

9 - Sabemos que, frequentemente, pessoas endividadas umas para com as outras militam nas mesmas fileiras, dentro das Casas Espíritas, para, no serviço em nome de Jesus, aprenderem a superar as próprias dificuldades. Que mensagem deixaria a esses trabalhadores do bem, que tantas vezes desanimam, ao esbarrarem na incompreensão, na falta de respeito e na dificuldade, sua e dos demais, em superar esses problemas de relação?

Como já referi, não estamos acostumados a trabalhar em equipe, porém, ao nos integrarmos como voluntários numa Casa Espírita, nos defrontamos com essa possibilidade, no convívio com pessoas desconhecidas, até então, que é uma forma de aprendizado muito importante. Manter a tolerância, a compreensão e o respeito quando surgirem dificuldades, tendo sempre em mente que nosso trabalho, ainda que pequeno, é para Jesus. Entretanto, é bom lembrar que encontramos, igualmente, pessoas com as quais nos afinizamos, que de imediato sentimos como se já as conhecêssemos, sentindo alegria em estarmos no labor abençoado do Bem.

Revue Spirite

Isto irá contrabalançar o outro lado, ensinando a nos aconchegarmos aos demais companheiros, como num cuidadoso aprendizado no sublime exercício de amar.

10 - Se tivesse que adotar um lema de uso diário, para nunca se deixar vencer pelo desânimo, qual seria?

Há alguns anos tenho sempre presente, a qualquer hora, o pensamento:

"Deus está aqui. Deus está presente."

11 – Qual o tema espírita que mais continua a apaixoná-la?

Deus, Jesus, o Espiritismo e o Evangelho do Mestre, com o mesmo amor do começo.

12 - Se pudesse fazer uma evocação de um Espírito, como na época de Kardec, quem evocaria? E que pergunta lhe faria?

Evocaria o missionário da Terceira Revelação, o próprio Allan Kardec, a fim de externar a minha imensa gratidão pelo magnifico trabalho realizado, enriquecendo a Codificação do Espiritismo, com seus comentários e desdobramentos de inúmeras questões em *O Livro dos Espíritos*.

Diria, então, que o meu reconhecimento e apreço levou-me a idealizar uma "entrevista" a partir de suas próprias palavras e considerações, conforme no meu livro *En-*



trevistando Allan Kardec. Gratidão perene. KARDEC, OBRIGADO!

137

13 - Qual é a sua visão do Movimento Espírita na atualidade? E qual será, na sua opinião, o compromisso de cada um, individual e coletivamente, para o tornar, tanto quanto possível, exemplar?

Período muito difícil, como diz Emmanuel, numa de suas notáveis mensagens: "Casa em reforma", que é o Planeta Terra.

Este, portanto, é o momento da grande transição. Nós, espíritas, sabemos disso, conforme *O Livro dos Espíritos*, que esclarece quanto à Lei do Progresso, a partir da questão 776.

O compromisso que cada um, individualmente, assumiu, é por demais importante na própria jornada evolutiva. Que façamos a nossa parte, com amor e perseverança, cuidando de preservar os paradigmas do Espiritismo, vale dizer toda a Codificação legada por Allan Kardec.

O Movimento Espírita, na atualidade, está bastante conturbado. As redes sociais trazem um número grande de confusões doutrinárias, sem critério e nem respeito. São espantosas certas opiniões e acusações; felizmente, por outro lado, encontramos opiniões, elucidações e embasamentos que nos refrigeram a alma.

Durante largo período da minha vida, tive o privilégio de conhecer e conviver com alguns dos nomes sumamente respeitados do nosso Movimento Espírita. Recordando aqui: Francisco Thiesen, Hermínio Miranda, Altivo Ferreira, Deolindo Amorim, Cecília Rocha, Juvanir Borges de Souza, Jorge Andrea dos Santos, Nilson de Souza Pereira, Rubens Romanelli, José Martins Peralva, Nestor João Masotti, Maria Cecília Paiva, e muitos outros.

Mas Jesus disse: "Não se turbe o vosso coração. Crede em Deus, crede também em mim."

No fundo de nossa alma, com todo o amor e, também, com gratidão, permaneçamos confiantes e plenos de esperanças, trabalhando e servindo sem esmorecer, no labor a que fomos convocados, na Vinha de Jesus.

Finalizando.

Da mesma maneira, queridos amigos e irmãos, reconhecemos o abençoado labor que estão realizando, proporcionando a que a nossa querida REVUE SPIRITE renascesse, vindo a engrandecer o nosso Movimento Espírita. Imagino que, nosso amado Allan Kardec, do Alto, os saudou.

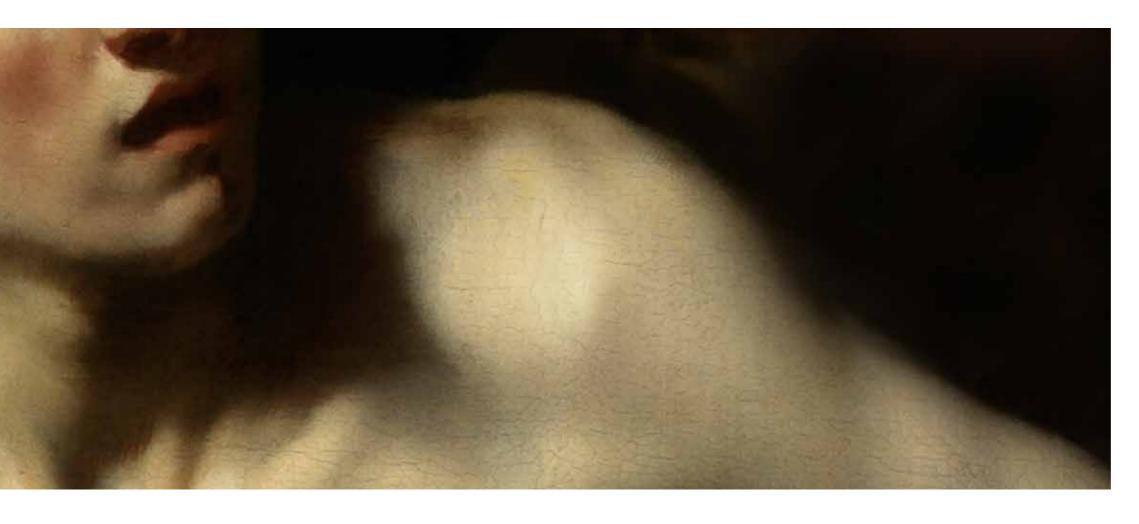
Jesus os abençoe.

Gratidão sempre.

Comunicação Social Espírita

ANDRÉ **HENRIQUE DE SIQUEIRA*** & ISMAEL **MOURA COSTA****





Resumo

A comunicação é o fundamento do progresso espiritual. O conhecimento é a base da comunicação. A realidade é a coleção de todos os fatos na forma como eles efetivamente são. O Espiritismo assume que a realidade é objetiva, mas o conhecimento sobre tal realidade tem natureza fenomenológica, está restrita à nossa capacidade de percepção e entendimento.

Palavras-chave Espiritismo, Filosofia, Comunicação, Metafísica.



1. Ao longo do texto a palavra "espírito" aparece em dois significados distintos: a) com inicial minúscula - "espírito" - significando o princípio inteligente do universo, como é utilizado por Allan Kardec (1857/1995), em toda a primeira parte de O Livro dos Espíritos: e b) com inicial maiúscula - "Espírito", para significar os seres inteligentes da criação, a individualidade dos seres extracorpóreos (Kardec 1857/1995, 85).

comunicação é o fundamento do progresso espiritual. O conheci-✓ Le mento é a base da comunicação. A realidade é a coleção de todos os fatos na forma como eles efetivamente são. Para o pensamento espírita, Deus é a causa primária de todas as coisas, é, portanto, o fundamento de toda realidade, que existe em Deus e por meio dele. Na concepção espírita, Deus também é definido como a inteligência suprema, é a origem de toda a articulação intencional que cria, organiza, desenvolve e faz progredir o universo. E a comunicação é o método de interação entre os entes da realidade. O conhecimento é a imagem que o ser tem da realidade, com base nas experiências e ideias que possui. As relações entre comunicação, conhecimento e realidade possibilitam uma nova visão de mundo à luz do pensamento espírita. Neste artigo, vamos analisar alguns aspectos dessas relações na forma como elas se apresentam para o nosso entendimento e tomando a Doutrina Espírita por referencial de pensamento.

Comecemos pela realidade.

No campo da filosofia da ciência podemos identificar três concepções sobre a realidade, também denominadas visões de mundo:

a) a realidade objetiva - que concebe o mundo como uma essência que antecede todo o conceito humano e existe em si mesma:

b) a realidade acidental - que concebe o universo como resultado de um acidente probabilístico. que define o comportamento das coisas a partir das configurações de relações, sem propósito ou objetivo; e

c) a realidade fenomenológica - que concebe a existência de uma realidade, cuja essência não pode ser experimentada pelos sentidos e, portanto, assume que todo o conhecimento é apenas uma representação parcial e imprecisa da realidade.

O Espiritismo assume que a realidade é objetiva, mas o conhecimento sobre tal realidade tem natureza fenomenológica. está restrita à nossa capacidade de percepção e entendimento. A Doutrina Espírita define como elementos gerais do universo: Deus, espírito e matéria. Deus é o criador dos elementos espirituais e materiais e das Leis gerais que regem todo o universo, em seus aspectos físicos e morais. Dentro da concepção espírita existe uma realidade objetiva, que possui uma essência e que pode ser percebida pelos seres inteligentes. A percepção de tal realidade, entretanto, depende diretamente das condições de desenvolvimento do ser; de seu conhecimento; de seus instrumentos cognitivos; e da amplitude de sua consciência. Então a percepção do universo é de natureza fenomênica, ou seja, é uma imagem da realidade dentro das possibilidades de percepção, de conhecimento e de desenvolvimento do ser: é uma aparência para o ser.



A percepção (...)
depende diretamente
das condições de
desenvolvimento do
ser; de seu
conhecimento;
de seus instrumentos
cognitivos; e da
amplitude de sua
consciência

Na obra Evolução em Dois Mundos (Xavier 1958) identificamos uma exposição da evolução dos instrumentos de percepção a ocorrerem em paralelo com o desenvolvimento do princípio espiritual e da constituição do corpo físico. Em A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo (Kardec, 1868/2013), Allan Kardec apresenta uma análise destes conceitos na primeira parte da obra. Em ambas as obras vemos que à medida que o espírito¹ se desenvolve aprimoram-se os seus mecanismos de percepção, tanto espirituais quanto materiais. Quando os elementos materiais se configuram como instrumentos aprimorados - na forma de organismos mais aperfeiçoados e adaptados ao meio em que vivem, o espírito obtém melhores recursos para a sua percepção. Ao mesmo tempo, quando o espírito aprimora as suas capacidades ele traz novas possibilidades de configuração para a matéria. Por exemplo, um organismo que desenvolve a visão, oferece meios de percepção mais abrangentes que o tato. A capacidade de comunicação com o olhar - habilidade do espírito, configurou um formato para o olho humano que permite expressões de linguagem facial.

A visão espírita da realidade tem por fundamento o conceito de Deus. Allan Kardec afirma:

"Sendo Deus a causa primária de todas as coisas, a origem de tudo o que existe, a base sobre que repousa o edifício da criação, é também o ponto que importa consideremos antes de tudo." (Kardec, 1868/2013, 49)

E prossegue no item 27, destacando uma comunicação espiritual que desenvolve o conceito da comunicação para explicar, por analogia, a interação de Deus com a Natureza:

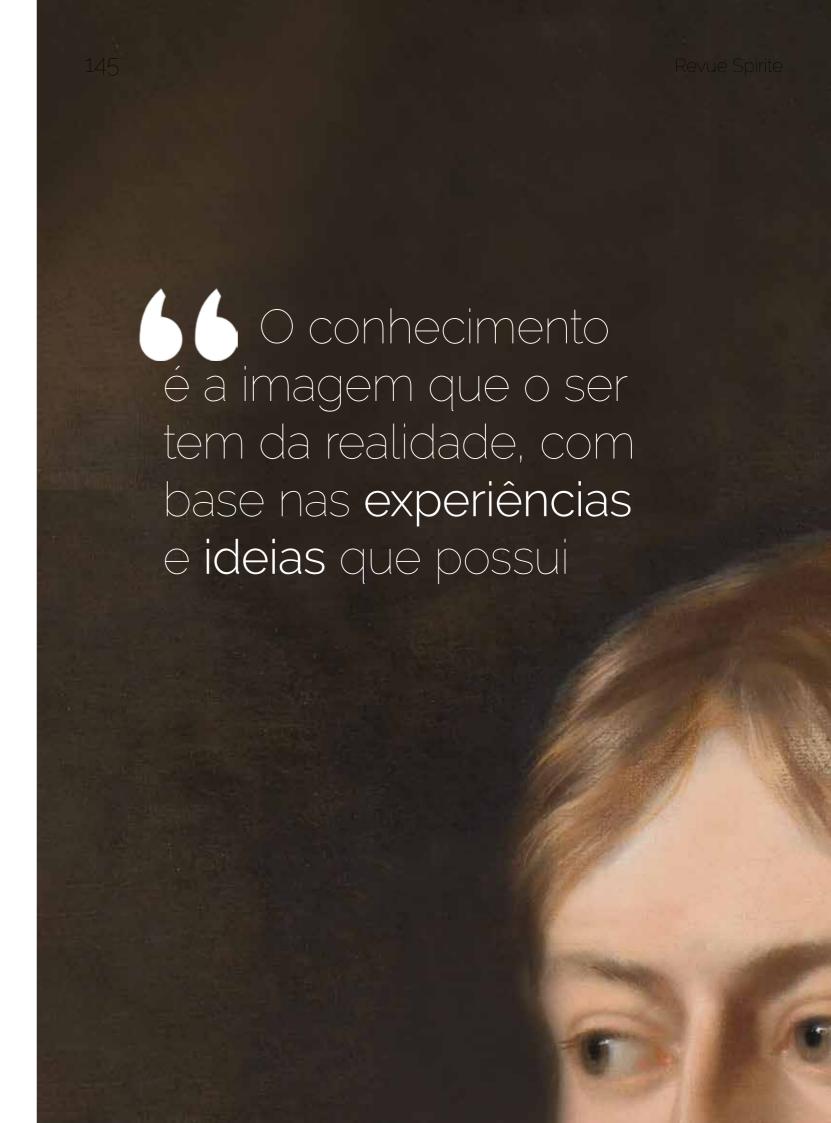
"O homem é um pequeno mundo, que

tem como diretor o Espírito e como dirigido o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo espírito seria Deus. (compreendei bem que agui há uma simples questão de analogia e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos, as articulações são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em pontos especiais do corpo. Se bem seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variada e diferente, a ninguém é lícito supor que se possam produzir movimentos, ou uma impressão em qualquer lugar, sem que o espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O espírito as sente todas, distingue, analisa, assinala a cada uma a causa determinante e o ponto em que se produziu, tudo por meio do fluido perispirítico.

Análogo fenômeno ocorre entre Deus e a criação. Deus está em toda parte, na natureza, como o espírito está em toda parte, no corpo. Todos os elementos da criação se acham em relação constante com ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual. Não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam de maneira idêntica, num e noutro caso.

Um membro se agita: o espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. [...].

Daí se pode igualmente deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, a de todos os mundos e, por fim, de todas as criações com o criador." (Kardec, 1868/2013, 57-8)



Conselho Espírita Internacional

As relações entre comunicação, conhecimento e realidade possibilitam uma nova visão de mundo à luz do pensamento espírita

Na filosofia espírita, conforme destacada em *O Livro dos Espíritos*, a matéria tem um caráter mediador, é um instrumento do qual o Espírito se serve e sobre o qual atua (Kardec, 1857/1995, 59). E o espírito (destaque-se o uso de minúscula na letra inicial) é o "princípio inteligente do universo" para o qual "a inteligência é um atributo essencial" de modo que "se confundem num princípio comum, de sorte que, para vós (os seres encarnados), são a mesma coisa." (Kardec, 1857/1995, 59)

A concepção de um princípio inteligente no universo, apresentada pelo Espiritismo em 1857, viria a fazer parte das especulações físicas modernas na forma de uma teoria física da informação: a entropia aparecendo como um princípio de desorganização da matéria e a informação sendo um princípio organizador dela (Stonier 1990; Schroeder 2005; Umpleby 2004; Bub 2010; Gershenson 2007). A informação aparece como princípio organizador da realidade, dotando-a de um aspecto inteligente - capaz de processar outras informações. Operando sobre a matéria, tal princípio lhe possibilita capacidades de processamento de informação, intelectualizando-a, conforme afirmação de Kardec:"[...] a união do espírito é necessária para intelectualizar a matéria". (Kardec, 1857/1995. 59)

Em resumo: a realidade, na visão do Espiritismo, é constituída por Deus, espírito e matéria. É uma realidade objetiva e independente e o sujeito se adapta a ela pelo entendimento e vivência das leis divinas ou naturais.

O segundo aspecto é a natureza do conhecimento.

No capítulo 2 de *O Livro dos Espíritos*, vemos Allan Kardec se debruçar sobre o conhecimento dos princípios das coisas:

"17. É dado ao homem conhecer o princípio das coisas?

Não, Deus não permite que ao homem tudo seja revelado neste mundo.

18. Penetrará o homem um dia o mistério das coisas que lhe estão ocultas?

O véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não possui.

19. Não pode o homem, pelas investigações científicas, penetrar alguns dos segredos da Natureza?

A Ciência lhe foi dada para seu adiantamento em todas as coisas; ele, porém, não pode ultrapassar os limites que Deus estabeleceu.

Quanto mais consegue o homem penetrar nesses mistérios, tanto maior admiração lhe devem causar o poder e a sabedoria do Criador. Entretanto, seja por orgulho, seja por fraqueza, sua própria inteligência o faz jogue-

2. O termo noumenon: representa o ente como ele é na realidade; e fae noumenon: representa como ele aparece para o sujeito. te da ilusão. Ele amontoa sistemas sobre sistemas e cada dia que passa lhe mostra quantos erros tomou por verdades e quantas verdades rejeitou como erros. São outras tantas decepções para o seu orgulho." (Kardec, 1857/1995, 57)

O conhecimento é uma imagem criada por um sujeito para representar a realidade percebida. No campo da epistemologia - a ciência que estuda o conhecimento - é classicamente definido como uma crença verdadeira justificada: é uma crença porque o sujeito acredita que a realidade seja na forma como ele a entende; é verdadeira porque a imagem feita deve ter um correspondente nos fatos da realidade; e é justificada porque é preciso apresentar argumentos que justifiquem a crença que o indivíduo possui.

O conhecimento é desenvolvido a partir das experiências com a realidade: sejam experiências objetivas - nas quais as percepções do mundo externo se formam; ou experiências subjetivas - nas quais o raciocínio e a reflexão levam a determinadas conclusões.

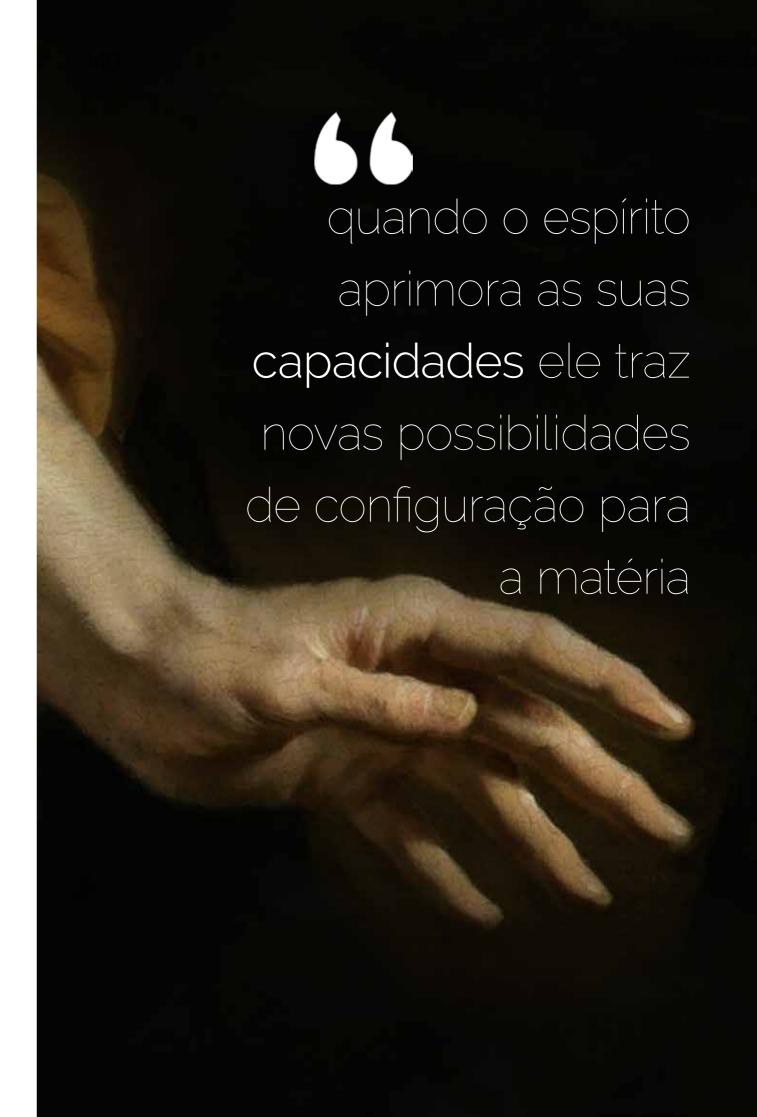
Os Espíritos orientadores da Codificação Espírita - diz-se das obras que constituem os fundamentos do pensamento espírita escritas por Allan Kardec, destacam que o conhecimento humano é completamente dependente das faculdades que possui e que "O véu se levanta a seus olhos, à medida que ele se depura; mas, para compreender certas coisas, são-lhe precisas faculdades que ainda não possui" (Kardec, 1857/1995, 57). Essa é uma indicação importante: à medida que progride, o Espírito desenvolve novas faculdades de percepção e de raciocínio, o que lhe faculta uma aproximação entre suas crenças e a realidade objetiva.

Os gregos antigos faziam uma severa distinção entre conhecimento e crença - os termos episteme e doxa geram, respectivamente, as palavras epistemologia - o estudo do conhecimento, e dogma - o conjunto de crenças de um indivíduo. A crença (dogma) é uma representação que pode ou não corresponder à realidade, então existem: a crença verdadeira - aquela que representa a realidade, e a crença falsa - aquela que diverge e não representa efetivamente a realidade. Já o conhecimento (episteme) é um tipo especial de crença pois:

a) representa a realidade como ela é; e

b) pode ser justificada pelo sujeito que apresenta razões para argumentar em favor de suas conclusões sobre a construção da crença.

Há uma outra palavra que importa destacar no entendimento de conhecimento: é a palavra opinião. Uma opinião é uma crença para a qual se apresentam argumentos. Da mesma forma como as crenças, as opiniões são verdadeiras ou falsas. As opiniões diferem das crenças na medida em que podemos acreditar em coisas para as quais não há justificativa, ao passo que uma opinião exige argumentos em sua defesa.



O Espírito desenvolve melhores instrumentos de percepção e de raciocínio à medida que progride. Com as novas faculdades ele vê as coisas com maior precisão e passa a raciocinar sobre elas com mais clareza. Mas enquanto não alcança a condição de pleno desenvolvimento das faculdades, o Espírito percebe apenas parcialmente a realidade. Cria sobre ela imagens aparentes, que a representam. As aparências da realidade - isto é, como a realidade se mostra para um sujeito em suas percepções, é denominada fenômeno². Durante o desenvolvimento de suas faculdades, o conhecimento das coisas é fenomenológico - mostra-se na forma de aparências, que vão sendo refinadas à medida que o Espírito progride. Para seu processo de aprimoramento do conhecimento o Espírito utiliza a experiência, o raciocínio, que se mostram nos modos de ação ou de sofrimento (padecimento). As acões de busca do conhecimento resultam no aprimoramento voluntário do Espírito. Os sofrimentos a que se submete para refinar e corrigir seu conhecimento são resultados da Providência Divina agindo sobre o Espírito de modo a provocar o seu progresso.

O conhecimento é o modo como o Espírito representa a realidade. Pode apresentar-se como crença, como opinião ou como conhecimento propriamente dito. O que nos leva à pergunta: como se cria a imagem da realidade? E é aqui que aparece o conceito da comunicação, dentro da perspecti-

6 A comunicação é o mecanismo pelo qual os entes têm acesso a informações sobre a realidade, que se convertem em crenças, opiniões ou conhecimentos

va espírita. A comunicação é o mecanismo pelo qual os entes têm acesso a informações sobre a realidade, que se convertem em crenças, opiniões ou conhecimentos. O processo é feito através de um componente chave do processo da comunicação: a mensagem.

No primeiro capítulo de *A Gênese*, Allan Kardec destaca a aproximação entre o conceito de verdade, a coerência com a realidade e a natureza de Deus:

"Pode, pois, haver revelações sérias e verdadeiras como as há apócrifas e mentirosas. O caráter essencial da revelação divina é o da eterna verdade. Toda revelação eivada de erros ou sujeita a modificação não pode emanar de Deus." (Kardec, 1868/2013, 21)

E estabelece uma relação entre o conhecimento e a revelação:

"[...] o ensino é, portanto, na realidade, a revelação de certas verdades científicas ou morais, físicas ou metafísicas, feitas por homens que as conhecem a outros que as ignoram e que, se assim não fora, as teriam ignorado sempre." (Kardec, 1868/2013, 18)

A essência do aprendizado está na revelação da verdade, na comunica-

ção de informações verdadeiras - o que caracteriza a verdadeira revelação. Neste processo o papel da comunicação é crucial. Na comunicação existem mensagens verdadeiras e mensagens falsas. Mas o processo de comunicação é algo que devemos compreender para analisar o impacto da comunicação na construção do conhecimento verdadeiro.

Em 1948 Claude Shannon apresentou a sua teoria matemática da comunicação. O conceito de comunicação foi construído ao longo do século XIX como um aparato social para explicar o fluxo de interações entre os seres humanos (Mattelart e Mattelart, 2011). Desde então a comunicação tem sido objeto de estudos da área das Ciências Sociais. Mas Shannon (1948) contraria esta visão ao apresentar a ideia de que a informação é um ente que pode ser quantificado, medido e controlado fora do circuito das relações sociais. Destaca-se que Allan Kardec fez contribuição semelhante ao estabelecer uma análise das relações entre homens e Espíritos retirando o estudo da Comunicação de seu status de Ciência Social e colocando-a na condição de Ciência Natural. (Kardec, 1857/1995, 1861/1996)

A natureza objetiva da informação - capaz de ser medida e calculada, e a sua natureza transmaterial - pela possibilidade de interação além dos limites da matéria, veio mostrar-se um fato contemporâneo nas investigações de

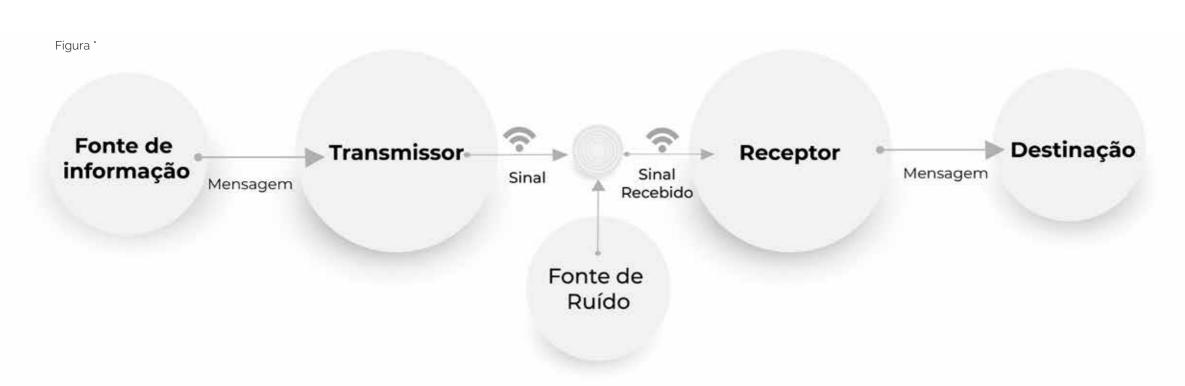
Kardec e na contribuição de diferentes pesquisadores (Landauer 1961; Bérut 2012) e o fato nos leva a compreender o processo da comunicação como um processo fundamental no universo.

A partir do trabalho de Shannon, vamos encontrar um modelo do processo de comunicação que pode ser representado na figura* abaixo:

Embora essa tenha sido a principal referência para compreender o processo de comunicação de informação, não é a única. E representa apenas parcialmente a natureza do processo de comunicação, uma vez que ignora as distorções na mensagem (e não apenas no sinal) além de ocultar as relações entre Comunicação, Conhecimento e Realidade, aspecto fundamental para uma discussão filosófica da comunicação.

À luz da compreensão espiritista, a comunicação é um princípio natural a partir do qual se desenvolverá todo o arcabouço de aprendizado das leis divinas e naturais. As revelações - sejam científicas, sejam religiosas - desde que verdadeiras, têm como consequência aproximar o homem do conhecimento da verdade, o que o faz aproximar-se de Deus, causa primária de tudo.

O Espiritismo explica o processo de comunicação entre os Espíritos e os Homens e explora as relações do elemento espiritual em suas diferentes manifestações (comunicações) com os demais elementos da natureza. Daí caracterizar-se o Espiritismo como uma ciência que tem por objeto o espírito, sua origem, sua natureza, sua destinação e suas relações com o mundo material.



O tema da comunicação e suas relações com o conhecimento e a realidade nos permitem uma visão filosófica sobre o mundo e possibilitam compreender como o Espiritismo é uma mudança profunda de conceitos. Face a isto, nos propomos a explorar os elementos e os processos da comunicação de modo a estabelecer uma teoria espírita da comunicação, tomando como base o fundamento kardequiano e relacionando com as recentes descobertas da ciência contemporânea. É o que faremos nos próximos artigos.



Bibliografia

BÉRUT, Antonie et al. 2012. "Experimental verification of landauer's principle linking information and thermodynamics". *Nature*, v. 88, (March): 187–190.

BUB, Jeffrey. 2010. "Quantum Entanglement and Information". *Stanford Enciclopedia of Philosophy*, On line. Disponível em: http://plato.stanford.edu/archives/win2010/entries/qt-entangle/. Acesso em: 07/01/2012.

GERSHENSON, Carlos. 2007. The World as Evolving Information. On line. Disponível em: http://arxiv.org/PSI_lcache/arxiv/pd-f/0704/0704.0304v1. Acesso em: 19/07/2007.

KARDEC, Allan. (1868) 2013. *A Gênese*: os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FFR

KARDEC, Allan. (1857) 1995. *O Livro dos Espíritos*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FEB.

KARDEC, Allan. (1861) 1996. *O Livro dos Médiuns*. [Tradução de Guillon Ribeiro]. Rio de Janeiro: FEB.

LANDAUER, R. 1961. "Computational capacity of the universe". *IBM Journal*, IBM, v. 88, (July): 183–191.

MATTELART, Armand e Michèle Mattelart. 2011. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Edicões Loyola.

SCHROEDER, Marcin J. 2005. *Philosophical Foundations for the Concept of Information*: Selective and Structural Information. On line. Disponível em: http://www.mdpi.org/fis2005/F.58. paper.pdf. Acesso em: 02/12/2007.

SHANNON, C. E. 1948. "A mathematical theory of communication". *Bell System Technical Journal*, vol. 27, n. 3-4, (July and October): 379–423 and 623–656.

STONIER, Tom. 1990. Information and the internal structure of the universe: an exploration into information physics. London: Springer-Verlag, 1990.

UMPLEBY, Stuart A. 2004. *Physical Relationships Among Matter, Energy and Information*. On line. Prepared for european Meeting on Cybernetics and Systems Research. Disponível em: http://www.logicgate.org/lib/docs/matter-energy-information.pdf. Acesso em: 02/12/2011.

XAVIER, Francisco C. (André Luiz, Espírito). 1958. Evolução em Dois Mundos. Rio de Janeiro: FEB.

Noticias





02





Lives quinzenais 160 anos de *O Livro dos Médiuns ou Guia dos Médiuns e dos Evocadores*

O Livro dos Médiuns é a segunda obra da Codificação Espírita e foi publicado por Allan Kardec, em 15 de janeiro de 1861, em Paris. Contém os ensinamentos dos Espíritos sobre a teoria de todos os géneros de manifestações, os meios de comunicação com o mundo invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo.

O CEI promove esta comemoração, de âmbito mundial, através de várias iniciativas de divulgação, nomeadamente a realização de Lives quinzenais, com a participação dos países que compõem este organismo internacional. Veja aqui o Mapa das Lives

O Divaldo Pereira Franco Comemoração dos 160 Anos de *O Livro dos Médiuns*

No dia 1 de fevereiro de 2021, no âmbito da comemoração dos 160 Anos de *O Livro dos Médiuns*, Divaldo Pereira Franco foi o convidado de honrra para realizar a Live de Abertura da série de vinte e duas reflexões em torno da mediunidade, dos médiuns e da comunicação entre os dois mundos.

LIVE - Evento 27 e 28 de março

A Área de Estudo e Prática da Mediunidade do CEI promoveu, no âmbito das Comemorações do 160º aniversário de *O Livro dos Médiuns*, um evento Live, com os temas: A Estrutura Central d*O Livro dos Médiuns* e Mediunidade – Ferramenta para a Regeneração.

Este evento foi realizado por 12 palestrantes, em seis idiomas: Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Português. Encontra-se disponível em: Youtube

<u>Veja agui o Mapa do Evento</u>

A Área de Estudo e Prática da Mediunidade criou uma série de vídeos com pequenos excertos desta obra, traduzidos para vários idiomas. Disponível em: Youtube | Instagram | Facebook

CEI Conselho Espírita Internacional 159 Revue Spirite

• Preces em Vídeo

A Área da Comunicação lançou uma Coleção de Orações, extraídas da obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, de Allan Kardec, com publicação semanal, em Português, Espanhol, Inglês e Italiano. Disponível em: **Youtube | Instagram | Facebook**

Campanha Divulgar Kardec

A Área de Comunicação Social Espírita tem lançado posts diários com frases retiradas dos cinco livros da Codificação Espírita, um livro em cada dia. Este projecto está a ser desenvolvido em Alemão, Espanhol, Francês, Inglês, Italiano e Português Disponível em: Instagram | Facebook

○ Divulgação CEI

O CEI criou um documento de divulgação, com várias informações úteis, para que o público conheça melhor este Organismo.

Documento para download nos links:

PT ES EN IT

Relatório Anual de Atividades do CEI

Durante o ano de 2020 as várias Áreas do CEI desenvolveram e executaram diversos projetos.

Veja aqui o Relatório Anual de Atividades do CEI.

• Campanha Evangelização | Educação Espírita

A Área para a Infância Juventude e Família disponibiliza um conjunto de textos orientadores, reunidos num folheto e ainda um conjunto de cartazes com frases que ilustram as ideias dos textos propostos. Esta campanha foi desenvolvida em Espanhol, Inglês e Português

10. "Letras que Apontam Estrelas..."

No Invisível é a inspiração para o novo bloco de atividades da campanha "Letras que apontam Estrelas", desenvolvida pelo Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira em parceria com instituições espíritas de todo o mundo.

O CEI juntou-se a esta iniciativa!

Juntos abraçamos as 'Letras que Apontam Estrelas'...



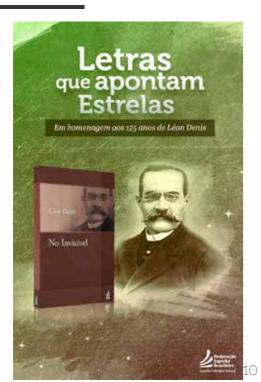








- /



11. O Livro dos Espíritos em

Primeira obra da Codificação Espírita, *O Livro dos Espíritos* ultrapassa fronteiras. Pode agora também ser encontrado em Hebraico. Tradução: Sharon Aynes; orientação: Miriam Levy; organização: Severino Celestino.

Conheça a obra aqui.

12. Semear Virtual

A Área de Infância, Juventude e Família do CEI, em parceria com a FEB realizou uma formação com o objetivo de partilhar recursos virtuais adaptados à Educação Espírita.

13. Sementes do Futuro

A Área de Infância, Juventude e Família do Conselho Espírita Internacional levou a cabo, no passado dia 20 de março, a primeira LIVE do projeto SEMENTES DO FUTURO - FORMAÇÃO CONTINUADA







DE EVANGELIZADORES/EDUCADORES ESPÍRITAS, que visa sensibilizar para a importância da ação evangelizadora/ educadora espírita com crianças, jovens e famílias na transformação planetária. A LIVE foi realizada em três idiomas: PORTUGUÊS. ESPANHOL e INGLÊS.

Correspondência

Carta à Revue **Spirite**

Francisco de Almeida

stimados amigos, que as Bênçãos do Amado Mestre recaiam sobre vós.

161

Permitam-me, antes de mais, agradecer-vos o trabalho de recuperarem o periódico do Mestre Kardec.

Inspirado pela vossa dedicação, permito-me escrever-vos estas linhas, dando o meu contributo singelo, na esperança de que seja útil a alguém.

Os acontecimentos que vos trago passaram-se comigo há mais de 20 anos, na época em que era adolescente.

Nessa altura morava numa moradia de dois pisos, sendo que o rés-do-chão servia de zona de habitação e o primeiro piso para arrumação.

Era uma casa com alguns anos, janelas de madeira com vidro simples e que, nalguns casos, tinham a massa a começar a dar de si.

Um dia, estava a ver televisão na sala, sozinho em casa, quando ouvi uma sucessão de estrondos a vir do andar de cima. como se todo o conteúdo de uma das divisões estivesse a cair. Como era um dia bastante ventoso, pensei que talvez a janela tivesse cedido e o vento que se fazia sentir tivesse derrubado as coisas que estavam armazenadas.

Subi as escadas para ver o que se passava e, ao chegar à divisão em causa, para meu espanto, não só a janela estava fe-

Este espaço destina-se a correspondência.

A correspondência que chegue à redação da *Revue Spirite*, e que a equipa julgue de relevância para o Movimento Espirita, será aqui publicada. Não hesite, entre em contacto connosco e envie o seu contributo para o E-mail **revues-pirite**@cei-spiritistcouncil.com

chada, como o conteúdo dessa divisão estava intacto. Procurei ver as demais divisões, não fosse ter percebido mal a origem do som. Tudo estava intacto. Retornei ao programa que estava a ver e, nem cinco minutos passados, o mesmo estrondo, vindo da mesma divisão. Voltei a subir as escadas, verifiquei as divisões todas e, sem surpresa, tudo intacto. Voltei ao meu programa, já um tanto aborrecido. Ainda nem me tinha acabado de sentar e novo estrondo. Este maior que os anteriores. Desta vez não me levantei. Recordando o conselho de Kardec, de que não se deve prestar grande atenção aos espíritos brincalhões, disse em voz alta: "Podem fazer o barulho que quiserem, que eu daqui não me mexo." Os barulhos cessaram, por alguns anos.



Correspondência

Passados uns três anos, tinha modificado uma das divisões do primeiro piso para escritório. Esta divisão ficava diametralmente oposta àquela onde os barulhos tinham surgido uns anos antes. Aquela divisão servia de escritório e era tam-



bém o local onde passava tempo com os amigos que me visitavam.

Numa determinada ocasião em que fui visitado por um amigo que me é muito querido e que tinha estado uns anos no estrangeiro, como era habitual, fomos para o escritório.

Não me lembro com exatidão o que estávamos a fazer, mas sei que, a dada al-

tura, voltei a ouvir os mesmos estrondos que tinha ouvido uns anos antes. Mas desta vez, estávamos em pleno Verão, num belo dia de sol e sem vento. O meu amigo assustou-se com o barulho, perguntando-me se eu sabia do que se tratava.

Contei-lhe os acontecimentos anteriores e acrescentei: "Deve ser algum espírito que te quer dizer olá. Não aconteceu nada, mas se quiseres, podes ir ver o que se passa." Temendo que houvesse estragos, foi à divisão em causa e voltou com a informação de que, de facto, estava tudo em ordem.

Esses barulhos não se repetiram, mas desse dia em diante, sempre que esse meu amigo me visitava, ouviam-se pequenos estalitos a vir dessa divisão, ao que o meu amigo respondia, bem humorado, cumprimentando esse irmão com um sonoro "Bom dia" ou "Boa tarde".

Os barulhos repetiram-se apenas uma vez mais, quando a minha esposa, à época namorada, me visitou pela primeira vez.

Poucos anos depois mudei de casa e não ouvi mais aqueles barulhos, mas ainda hoje tenho a convicção de que seria alguém que numa primeira vez quis rir--se às minhas custas, mas com o tempo ganhou afeto pela família e que aquela era a sua forma de dar as boas-vindas às pessoas importantes da minha vida.

Espero que o meu contributo seja do vosso agrado e que inspire outros a partilharem também as suas histórias.

Com votos de muita Paz.



COMISSÃO EXECUTIVA DO CEL TRIÉNIO DE 2019 - 2022

Conselho Espírita Internacional



Manuel de la Cruz 2ª Tesouraria Cuba



Hélio Blume 1ª Tesouraria Brasil



Fátima Guimarães

da Mediunidade

Área Estudo e Prática



Jussara Korngold Secretária - Geral do CEI



Estados Unidos da Améri-



Manuel Sonyer 1º Secretário Espanha

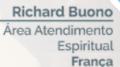
Vítor Mora Féria

o Secretário

Portugal

Silvana Elia Área Infância Juventude e Família Suíça

Brasil





Walter Velásquez Área Assistência e Promoção Social Espirita El Salvador



Marcial Barros Área de Comunicação Social Espírita Portugal



